

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

DAVID FERREIRA SEVERO

**EXPERIÊNCIA DIDÁTICA COM A POESIA POPULAR NO
ENSINO FUNDAMENTAL**

**Maceió
2018**

DAVID FERREIRA SEVERO

**EXPERIÊNCIA DIDÁTICA COM A POESIA POPULAR NO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Profletras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Alagoas, área de concentração em Linguagens e Letramentos, linha de pesquisa em Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes, como requisito final à obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Lígia dos Santos
Ferreira

Maceió
2018

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale CRB4 - 661

S498e Severo, David Ferreira.
Experiência didática com poesia popular no ensino fundamental / David Ferreira Severo. – 2019.
121 f. : il. color.

Orientadora: Lígia dos Santos Ferreira.
Dissertação (mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. PROFLETRAS. Maceió, 2018.

Bibliografia: f. 108-110.
Apêndices: f. 111-118.
Anexos: f. 119-121.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Escrita. 3. Gênero discursivo.
4. Produção textual. 5. Literatura de Cordel. 6. Poesia popular. I. Título

CDU: 869.0(81):087.6



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



PROFLETRAS


TERMO DE APROVAÇÃO

DAVID FERREIRA SEVERO

Título do trabalho: "LIXO, URUBUS, DEGRADAÇÃO: EXPERIÊNCIAS COM A POESIA POPULAR EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL DE RIO LARGO-AL"

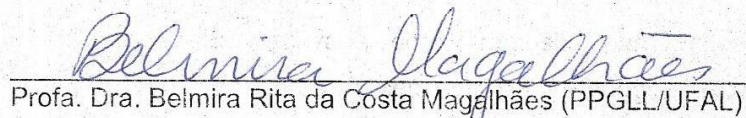
Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em Letras, área de concentração Linguagens e Letramentos, em 05 de março de 2018, pelo Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador/a:

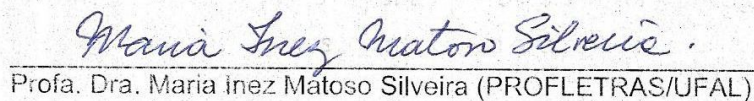


Profa. Dra. Lígia dos Santos Ferreira (PROFLETRAS/UFAL)

Examinadores:



Profa. Dra. Belmira Rita da Costa Magalhães (PPGLL/UFAL)



Profa. Dra. Maria Inez Matoso Silveira (PROFLETRAS/UFAL)

Maceió, 05 de março de 2018.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela minha maior razão de viver: princesa Sofia.

À minha esposa, Marta Ferreira da Silva Severo, minha maior incentivadora a buscar o aperfeiçoamento, companheira e amiga fiel em todos os momentos. O seu amor, carinho e compreensão foram a força para os meus momentos de desânimo e fraqueza.

À minha mãe, Maria Cícera Ferreira Severo, que doou uma parte de si para que eu fosse o que sou hoje.

Aos meus irmãos, Deysi, Dênis, Djalma, Diego, Jaelson e Débora por terem me estimulado a estudar.

À profa. Dra. Lígia dos Santos Ferreira, exemplo de luta pela igualdade entre as pessoas, sua dedicação, firmeza e perseverança incansável na busca pela perfeição, os meus sinceros agradecimentos pela orientação firme e segura demonstrada na elaboração deste trabalho e também pelo incentivo que tem me dado. A você, a minha admiração.

Ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – pela oportunidade concedida a mim de poder participar do curso de Mestrado. A todos os servidores, incluindo técnicos e docentes.

À Capes, pela bolsa de incentivo à pesquisa.

Aos meus colegas de trabalho pelo apoio e compreensão, principalmente à diretora Sandra da Silva, que foi minha protetora na Escola de Educação Básica D. Pedro I.

Às minhas colegas da turma 3 do Profletras, minha admiração pelo carinho e união nesses últimos anos.

Agradeço, especialmente, a todos/as os/as alunos/as do 7º ano da Escola D. Pedro I.

RESUMO

Considerando a necessidade de o professor de língua portuguesa proporcionar um ensino a partir da promoção da leitura e da escrita em sala de aula, o presente trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta didática com o gênero cordel no ensino fundamental. Para tanto, sistematizamos uma metodologia de ação pedagógica com a sequência didática (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004), organizadas em oficinas ou módulos de estudos (LOPES-ROSSI, 2004). A experiência parte de uma situação real de comunicação, na qual os/as alunos/as, de uma escola pública de nível fundamental, foram convidados a produzir um texto de própria autoria para participar de um concurso de literatura de cordel. Para dar conta dessa proposta, baseamo-nos na teoria de Bakhtin (2006, 2015) que compreende a linguagem em funcionamento, ou seja, em contexto de uso concreto da palavra no processo de interlocução. Com isso, a produção escrita dos/as estudantes não ficou limitada apenas ao concurso literário, mas foi divulgada tanto na escola como na comunidade circunvizinha. A pesquisa é de cunho qualitativo (ANDRÉ, 1995), apresentando também uma abordagem descritiva/explicativa (GIL, 2010). O resultado da pesquisa mostra que quando os/as alunos/as são colocados/as em uma situação discursiva bem determinada, eles/as conseguem produzir uma escrita de autoria.

Palavras-chave: Gênero discursivo. Sequência didática. Escrita. Autoria.

RESUMEN

Teniendo en cuenta la necesidad de una profesora de portugués proporcionar la instrucción de la promoción de la lectura y la escritura en el aula, este trabajo tiene como objetivo presentar una propuesta con el tipo de línea en una clase de séptimo grado de la escuela elemental de una escuela pública de Río Largo / AL. Para ello, sistematizamos una propuesta de intervención con la secuencia didáctica (DOLZ y SCHNEUWLY, 2004), organizadas en talleres o módulos de estudios (LOPES-ROSSI, 2004). La experiencia parte de una situación real de comunicación, en la cual los / as alumnos / as fueron invitados a producir un texto de propia autoría para participar en un concurso de literatura de cordel. En ese sentido, nos basamos en la teoría de Bakhtin (2006, 2015) que comprende el lenguaje en funcionamiento, o sea, en contexto de uso concreto de la palabra en el proceso de interlocución. Por eso, la producción escrita de los estudiantes no quedó limitada sólo al concurso literario, pero fue divulgada tanto en la escuela y en la comunidad circundante. La investigación es de cuño cualitativo (ANDRÉ, 1995, TONET, 2013), presentando también un abordaje descriptivo / explicativo (Gil, 2010). El resultado de la investigación muestra que cuando los / as alumnos / as se colocan en una situación discursiva bien determinada, ellos consiguen producir una escritura de autoría.

Palabras clave: Género discursivo. Secuencia didáctica. Escritura. Autoría.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fragmentos de poemas de alunos/as – 2015.....	37
Quadro 2 – Esquema de sequência didática (SD) proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly - 2004.....	39
Quadro 3 – Modelo de SD proposto de Lopes-Rossi – 2004	41
Quadro 4 – Descrição das etapas da SD para o Módulo de Leitura (Lopes-Rossi) – 2016	42
Quadro 5 – Descrição das etapas da SD para o Módulo de Escrita – 2016	45
Quadro 6 – Descrição das etapas da SD para o Módulo de Divulgação – 2016.....	48
Quadro 7 – Fragmentos de cordéis de Jorge Calheiros.....	67
Quadro 8 – Fragmento de cordel de Miguel Nascimento	67
Quadro 9 – Transcrição da 1ª versão do gênero cordel da aluna N. S. para o concurso.....	77
Quadro 10 - Transcrição da versão final do gênero cordel da aluna N. S. para o concurso.....	81
Quadro 11 – Transcrição da 1ª versão do gênero cordel da aluna J. F. S. para o concurso.....	85
Quadro 12 – Transcrição da versão final do cordel da aluna J. F. S. para o concurso.....	89
Quadro 13 – Transcrição da 1ª versão do gênero cordel do aluno J. C. para o concurso.....	93
Quadro 14 – Transcrição da versão final do gênero cordel do aluno J. C. para o concurso.....	97

LISTA DE FIGURAS

Figuras 1 e 2 – Visita da equipe da INFRAERO à escola, em setembro de 2016.....	54
Figura 3 – Cordelista Miguel Nascimento na escola	61
Figura 4 – Cordelista com o professor e a turma	62
Figura 5 – O “Lixão” da cidade	72
Figura 6 – Entrada do “Lixão” da cidade. Ao fundo há várias casas feitas de lona onde as pessoas ficam a maior parte da semana	73
Figura 7 – Casal no meio dos detritos no “Lixão”	73
Figura 8 – 1ª versão do gênero cordel da aluna N. S. para o concurso	76
Figura 9 – Bilhete orientador à aluna N. S.....	78
Figura 10 – Versão final do cordel da aluna N. S. para o concurso	79
Figura 11 – 1ª versão do cordel da aluna J. F. S. para o concurso.....	84
Figura 12 – Bilhete orientador à aluna J. F. S.	86
Figura 13 – Versão final do cordel da aluna J. F. S. para o concurso.....	87
Figura 14 – 1ª versão do cordel de J. C. para o concurso.....	92
Figura 15 – Bilhete orientador ao aluno J. C.	94
Figura 16 – Versão final do cordel de J. C. para o concurso.....	95
Figura 17 – Mostra dos folhetos dos/as alunos/as	100
Figura 18 – O professor dando abertura ao sarau literário.....	101
Figura 19 e 20 – Alunos lendo os cordéis de autoria própria	102
Figura 21 – Aluna lendo o cordel de autoria própria.....	102
Figura 22 – Sobrevoo dos alunos e da gestão da escola com a equipe da INFRAERO	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FALE	Faculdade de Letras
INFRAERO	Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária
PROFLETRAS	Mestrado Profissional em Letras
SD	Sequência didática
SEMARH	Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
UFAL	Universidade Federal de Alagoas

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS: A ESCOLHA DO TEMA	10
2	NOÇÕES DE GÊNERO DISCURSIVO, TEXTO, LEITURA E ESCRITA	14
2.1	A noção de gênero do discurso	16
2.2	O texto em cena	19
2.3	Escrita enquanto processo.....	21
2.4	Leitura – acorda cordel na sala de aula.....	24
3	PERCURSO METODOLÓGICO: OS MO(VI)MENTOS DA PESQUISA	31
3.1	A comunidade escolar e o contexto da sala de aula	32
3.2	A poesia popular dando um norte à pesquisa	36
3.3	A sequência didática no ensino de produção de textos	38
3.3.1	Módulo de leitura – como atrair o aluno-leitor?.....	42
3.3.2	Módulo de escrita – como estimular o aluno-escriptor?.....	44
3.3.3	Módulo de divulgação – uma apresentação (po)ética à comunidade	48
4	ANÁLISE DA AÇÃO PEDAGÓGICA	50
4.1	Para início de conversa... os sujeitos do processo.....	51
4.2	A motivação a partir da leitura literária.....	53
4.3	Lixo, urubus, degradação nas experiências com a escrita.....	60
4.4	Módulo de divulgação – uma apresentação (po)ética à comunidade	99
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
	REFERÊNCIAS.....	107
	APÊNDICES	111
	ANEXOS	119

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: A ESCOLHA DO TEMA

O tema que este trabalho desenvolve circunscreve-se, mais genericamente, dentro da perspectiva do letramento, com ênfase na leitura de textos literários e na produção escrita de autoria dos/as próprios/as alunos/as envolvidos/as em um contexto discursivo bem determinado, qual seja, a produção de poemas de cordel.

A pesquisa está intimamente ligada à área de concentração em Linguagens e Letramentos, linha de pesquisa em Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), promovido pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (FALE/UFAL). A motivação que levou à escolha desse objeto deve-se ao crescente interesse em trazer para o contexto da sala de aula o letramento literário, principalmente vinculado ao ensino de poesia popular.

Todo o trabalho de pesquisa foi desenvolvido na Escola de Educação Básica D. Pedro I, localizada na cidade de Rio Largo/AL, com os/as alunos/as do 7º ano "C" do turno vespertino, e buscou pesquisar como a utilização do gênero discursivo cordel, estudado sob a perspectiva de uma Sequência Didática – SD –, influenciou o processo de autoria desses sujeitos dentro e fora do ambiente escolar.

Com isso, procuramos adotar a concepção bakhtiniana para quem interessa investigar o uso da linguagem em uma circunstância real de interação verbal, através de algum gênero discursivo. O trabalho, então, voltou-se para a leitura e escrita da poesia de cordel com base em três categorias de análise: composição, estilo e autoria. Essas categorias são importantes porque, a nosso ver, elas dão conta do trabalho com a escrita a partir de determinando gênero discursivo.

Para tanto, selecionamos uma gama de folhetos de cordel de vários autores com a finalidade de observar como se constrói a escrita desse tipo de texto e como os/as alunos/as a concebem, o que estava relacionado à primeira categoria de análise. Além disso, também investigamos como se deu a escrita de autoria dos/as alunos/as a partir de variados temas, processo esse que estava associado à terceira categoria de análise, ou seja, à delimitação do assunto abordado. E por fim, houve também a produção de um poema de cordel com o objetivo de participar de um concurso de literatura de cordel¹, coordenado pela INFRAERO e a SEMARH em

¹ Este foi o I concurso de cordel para as escolas públicas do entorno do Aeroporto Zumbi dos Palmares em Rio Largo, organizado pela INFRAERO e SEMARH em parceria com a SEMED de Rio

parceria com a SEMED de Rio Largo, no qual observamos o estilo adotado pelos/s alunos/s poetas em cada texto produzido, o que configura a segunda categoria de análise: o estilo.

Para descrever e analisar aquelas três categorias de análise adotadas neste trabalho, estudamos detidamente a parte estrutural do gênero cordel, observando estrofes, versos, rimas e a versificação, de modo a possibilitar ao/a aluno/a a compreensão de como o cordel é construído. Também foi relevante estudar as temáticas encontradas nos cordéis, bem como a forma como a narração é desenvolvida, já que o gênero cordel tem características distintas da considerada poesia canônica. A partir disso, verificaremos como os/as alunos/as conseguiram produzir uma escrita com autoria, a partir do estudo realizado, o que nos levou a entender que o planejamento da SD apresentada nesta pesquisa foi de grande importância.

Eis, então, a relevância de nossa pesquisa, apresentar que o trabalho sistematizado com determinado gênero proporciona uma aprendizagem exitosa, principalmente, em nosso caso particular, se consideramos a dificuldade que muitos dos/as alunos/as do 7º ano da Escola de Educação Básica D. Pedro I têm de se comunicar através da escrita. Essa percepção foi comprovada com o andamento da pesquisa e nas observações realizadas em sala de aula. Os/as alunos/as encontram dificuldade para escrever porque, muitas vezes, não veem funcionalidade prática nas atividades de produção. Por isso, tivemos a preocupação de usar a produção textual com a finalidade de proporcionar aos/as alunos/as envolvidos/as o convívio com uma escrita de autoria a partir de uma relação dialógica concreta, ao usar o cordel para concorrer a um concurso literário.

Nesse sentido, uma questão foi de suma importância para guiar o desenvolvimento de nossa pesquisa: de que maneira o trabalho com o gênero discursivo cordel pode proporcionar a produção de escrita autoral de nossos/as alunos/as do 7º ano?

Na tentativa de responder a essa pergunta, elencamos, em nosso projeto inicial de pesquisa, alguns objetivos que nortearam o nosso trabalho:

Largo, visando sensibilizar a comunidade da região para disposição correta dos resíduos sólidos e envolver alunos/as do fundamental, dos anos finais, e ensino médio em atividades contínuas e permanentes de Educação Ambiental na comunidade escolar. O concurso foi distribuído em três categorias (peça teatral, desenho e poema de cordel), sendo a última direcionada aos alunos do ensino fundamental.

a) Objetivo geral: proporcionar aos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Educação Básica D. Pedro I atividades que priorizem a prática de leitura e de escrita autoral do gênero discursivo cordel.

b) Objetivos específicos: conhecer a literatura de cordel, seus temas, características e funções a fim de ampliar, através da leitura, o repertório de informações sobre o gênero; planificar uma sequência didática (SD), com módulos de leitura e escrita, para sistematizar o gênero cordel em sala de aula, proporcionando a gradativa produção autoral do/as alunos/as do 7º ano do ensino fundamental; organizar um sarau literário, com o módulo de divulgação, para tornar público os folhetos de cordel produzidos pelos/as próprio/as estudantes.

Levando em consideração os objetivos traçados, elaboramos um planejamento em uma sequência didática, organizada em oficinas ou módulos de estudos, os quais proporcionaram uma experiência intensa com o gênero cordel. Na parte da produção textual, conscientizamos os/as alunos/as para a importância da reescrita e revisão do próprio texto a fim de prepará-lo para a versão final do cordel. Nesse aspecto, foi de suma importância o recurso do bilhete orientador usado pelo professor para auxiliar a escrita dos/as estudantes. A finalização da proposta contou com a apresentação do material produzido pelos sujeitos autores dos textos.

Para melhor compreender o caminho percorrido visando o alcance dos objetivos lançados, descreveremos, brevemente, como está organizado o trabalho:

Na seção 2, intitulada **Noções de gênero discursivo, texto, leitura e escrita**, apresentaremos os conceitos com os quais trabalharemos ao longo da dissertação. Discutimos todas essas questões com base na teoria de Bakhtin sobre os estudos da linguagem, entendida como espaço de interlocução entre os sujeitos.

Na seção 3, cujo título é **Percurso metodológico: os mo(vi)mentos da pesquisa**, situamos a abordagem metodológica adotada, o contexto da pesquisa e a organização de trabalho a partir da planificação SD, com base em Dolz e Schneuwly (2004) em três módulos de ensino: módulo de leitura, módulo de escrita e módulo de divulgação, com base em Lopes-Rossi (2004), além de outros estudiosos que nos ajudarão a pensar o gênero discursivo em sala de aula. Além disso, conceituaremos o bilhete orientador (RUIZ, 2010), estratégia didática adotada para auxiliar o processo de reescrita e revisão de textos.

E na seção 4, deter-nos-emos na análise da ação de pesquisa, considerando as três categorias de apontadas anteriormente, a saber: composição, estilo e autoria, com base em Bakhtin (2006, 2015).

2 NOÇÕES DE GÊNERO DISCURSIVO, TEXTO, LEITURA E ESCRITA

Pra mim é importante ver meu poema num livro porque não só o professor vai poder ler o poema e de meus colegas, mas outras pessoas vão poder ler e conhecer um pouco da nossa cidade (estudante do 6º ano B, 11 anos).

Autor (2016, p. 2)

Os estudos em torno do ensino de língua portuguesa no Brasil tem sido objeto de várias pesquisas nas últimas décadas por especialistas da linguagem em várias áreas. Com isso, professores de língua materna têm colocado em sua prática diária de ensino, principalmente em relação à escrita, o uso da linguagem numa perspectiva interativa, dialógica, para possibilitar aos seus estudantes o domínio da linguagem a partir das necessidades de comunicação que aparecem no dia a dia.

É levando em consideração essa concepção de ensino que propusemos, um trabalho com a literatura popular, em sala de aula, partindo de uma situação discursiva com a produção escrita para a participação em um concurso de poesia de cordel.

Além disso, outra questão significativa que precisamos levar em conta é o desenvolvimento do letramento de nossos/as alunos/as, ou seja, a capacidade de utilizar a leitura e, principalmente, a escrita nas práticas sociais, porque, imersos em uma sociedade cada vez mais grafocêntrica é evidente que todos sentimos a necessidade de nos comunicar por meio da escrita. Por isso mesmo, antes de avançarmos em nossa exposição, é necessário discutir a categoria de “letramento”, que está subjacente a nossa proposta de trabalho.

Acreditamos que um dos primeiros trabalhos sobre o tema, no Brasil, tenha sido desenvolvido por Angela Kleiman em 1995 com a organização da obra intitulada “Os significados do letramento” na qual apresenta uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita, na medida em que promove uma transformação da realidade tão preocupante como é a crescente marginalização dos grupos sociais que não conhecem a escrita. Para a autora, pode-se definir letramento “como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 1995, p. 18-19), ou seja, é preciso despertar no estudante o objetivo do

ato de escrever, dentro de uma situação discursiva bem delimitada. A escola, de maneira geral, parece ir na contramão dessa proposta quando, muitas vezes, os professores solicitam que os/as alunos/as produzam textos sem um destinatário específico e muito menos um gênero adequado para cada ocasião. No caso específico de nossos/as alunos/as, eles até conhecem a escrita, mas geralmente não a utilizam em seu contexto imediato, ou seja, em sua realidade social. Enfim, não veem sentido em escrever na/para a escola.

Em outra obra ontológica, Magda Soares (1998) estabelece o binarismo já conhecido hoje entre alfabetização e letramento. Em oposição ao primeiro termo, Soares propõe outro, pois para ela “não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente - daí o recente surgimento do termo *letramento*” (grifo da autora - p. 20). Em linhas gerais, *alfabetização* seria a mera aquisição da "tecnologia" do ler e do escrever, enquanto que *letramento*, a inserção nas práticas sociais de leitura e escrita. (1998, p. 21).

Associando essa discussão com a realidade de nossos/as alunos/as, podemos considerar que a circunstância não é diferente: por vezes eles podem se deparar com alguma situação cotidiana na qual precisam ser proficientes para terem êxito comunicacional. O trabalho com o uso do cordel na sala de aula, dentro dessa perspectiva, pode favorecer uma situação propícia para que os indivíduos se apropriem satisfatoriamente da linguagem numa perspectiva de interação. Contudo, uma proposta de atividade dessa natureza não é fácil, pois o professor, enquanto pesquisador, precisa relacionar a pesquisa desenvolvida em sala de aula com o conhecimento teórico estudado.

Vale dizer, então, que em nossa pesquisa, foi adotada a concepção bakhtiniana para o trabalho com a escrita, uma vez que ela apresenta a linguagem em quanto processo de interação verbal, ou seja, há sempre um texto produzido por um sujeito, situado historicamente, para um leitor que recebe a obra, conforme vemos abaixo:

Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém [...] A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. (BAKHTIN, 2006, p. 13).

Esse pensamento vai de encontro a uma prática antiga na qual a produção de texto era tomada de maneira descontextualizada, ou seja, uma escrita escolar sem leitor, sem destinatário, sem referência, portanto, para se decidir sobre o que vai escrever. Por vezes também essa prática, dita tradicional, focalizava o ensino de língua fechada em memorizações de regras gramaticais apenas. Entretanto, é preciso reconhecer que, conforme Bakhtin (2006), a linguagem é viva, dinâmica, resultado da interação verbal e construção dialógica entre os sujeitos. É por isso que desenvolvemos nossa pesquisa em consonância com o pensamento daquele filósofo, pois a pesquisa com o poema de cordel abriu possibilidades de interação real de comunicação, fomentando o diálogo acerca de questões relacionadas às concepções de linguagem, à enunciação e ao discurso que surgem da interação verbal, insistamos nisso. O cordel produzido pelos/as alunos/as é uma enunciação dialógica capaz de revelar a subjetividade e o senso crítico dos sujeitos produtores diante da situação discursiva vivenciada.

Com isso, pretendemos compreender como o cordel reporta, conforme Bakhtin (2006, p. 92) “ao funcionamento da língua em práticas comunicativas reais e concretas, construídas por sujeitos que interagem nas esferas das relações e da comunicação”.

Para sustentar teoricamente nossa abordagem, também buscaremos respaldo nos estudos de Geraldi (2006), Koch (2011), Lopes-Rossi (2011), Antunes (2003), Dolz e Sheneuwly (2004), além de outros autores que contribuirão com reflexões sobre questões relacionadas à escrita, aos gêneros do discurso e à inserção da poesia popular na sala de aula.

2.1 A noção de gênero do discurso

Iniciamos esta seção com a citação da fala de um aluno que registra bem o ideário que guia a concepção de linguagem e ensino adotada por nós. A epígrafe está inserida em uma pesquisa que realizamos em 2015, também com a produção de poemas, com duas turmas de 6º anos, do ensino fundamental, na mesma escola em que desenvolvemos esta pesquisa atual, compondo o quantitativo de estudantes agora no 7º ano.

Não queremos entrar em detalhes agora sobre o resultado dessa pesquisa anterior, porque voltaremos a ela mais adiante, contudo, é possível apontar que

aquela experiência exitosa com produção de poemas cujo tema foi “Rio Largo: minha cidade, meu lugar” indica o caminho teórico que pode sustentar a prática a ser abordada atualmente.

Pesquisa como essa, que envolva a produção de texto e, especialmente do gênero poema, evidentemente levantam várias indagações a serem perseguidas no cotidiano do professor: qual concepção embasa o trabalho com a linguagem? Que estratégias podem ser usadas para tornar nossos/as alunos/as leitores/as e produtores/as de textos, compreendendo o onde escrevem, para quem escrevem e o que escrevem? Essas e outras perguntas, provavelmente, já fizeram parte do repertório de dúvidas de qualquer docente que trabalhe com o ensino de língua materna, pois como diz Porto (2009), sempre nos preocupamos com “o *como*, o *quando*, e o *que* ensinar” (p. 12. grifo nosso). Para responder a tais questões, ainda segundo a autora, implicam rever os conteúdos ensinados, o enfoque que se dá a eles, as estratégias de trabalho com os/as alunos/as, a bibliografia utilizada, o sistema de avaliação, o relacionamento com os sujeitos envolvidos; tudo, interligado às atividades concretas desenvolvidas na sala de aula.

Dentro dessa perspectiva, João Geraldi também afirma que, “no caso do ensino de Língua Portuguesa, uma resposta ao ‘para que’ envolve tanto uma concepção de linguagem quanto uma postura relativa à educação” (1997, p. 14). Assim, ele apresenta algumas concepções de linguagem (GERALDI, 2006), que costumam sustentar a prática pedagógica dos professores de Língua Portuguesa, ainda que, muitas vezes, eles nem se deem conta disso: a) a linguagem como expressão do pensamento (concepção que alumia, essencialmente, os estudos tradicionais); b) a linguagem como instrumento de comunicação (essa visão está associada à teoria da comunicação e compreende a língua como código (conjunto de signos que se combinam segundo regras), capaz de transmitir ao receptor certa mensagem. Em livros didáticos, é a concepção confessada nas instruções ao professor, nas introduções, nos rótulos, embora, em geral, seja abandonada nos exercícios gramaticais; c) por último, há a linguagem como uma forma de interação que, para Geraldi, mais que permitir a transferência de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um espaço de inter-ação entre os sujeitos. É através dessa mesma linguagem que o sujeito que fala também pratica ações; com ela, o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala, defende o linguista.

Essa última concepção apontada por Geraldi, ou seja, a linguagem como meio de interação humana, está intimamente ligada ao pensamento filosófico de Bakhtin (2011), para quem entende a compreensão da linguagem como atividade interativa e constitutiva do homem. Para o linguista russo, as atividades humanas, em todas as circunstâncias, estão estreitamente relacionadas ao uso da linguagem. De fato, não há como o ser humano afastar-se do uso da linguagem, uma vez que o homem é a própria linguagem. Em todos os momentos, em todas as situações do uso da oralidade ou da escrita, estamos diretamente envolvidos com a linguagem que vai ganhando formas diferentes a cada inter-relação estabelecida. Nesse sentido, não há nenhum demérito em indicar que nossa pesquisa com a poesia popular, em sala de aula, atendeu a uma demanda externa, qual seja, o concurso literário promovido pela INFRAERO em 2016. Na verdade, conforme indicamos acima, já em 2015, vínhamos trabalhando com o gênero poema na escola, mas naquela oportunidade, o objetivo era a produção de textos literários para homenagear a cidade de Rio Largo em seu centenário. Agora, a demanda seria também produzir poemas, mas com um tema diferente: conscientizar a população, através do cordel, sobre os perigos que as aves (principalmente os urubus) traziam à aviação. Essa era, então, a situação real na qual os/as estudantes estavam inseridos.

Nos PCN de Língua Portuguesa, o qual sofreu também influência do pensamento de Bakhtin, encontramos o conceito de gênero discursivo. Para aquele documento “interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva” (2006, p. 20). Entre outras palavras, “é dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução” (2006, p. 21). Isso significa que as escolhas feitas ao produzir um discurso não são aleatórias, já que cada esfera da comunicação humana tem uma finalidade comunicativa, ou como diria Bakhtin (2011), há um “intuito discursivo” ou o “querer-dizer”, decorrentes das condições em que o discurso é realizado. Para o PCN do ensino fundamental

O discurso, quando produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de textos. O produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo, qualquer que seja sua extensão, é o texto, uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. Em outras palavras, um texto só é um texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global. Caso

contrário, não passa de um amontoado aleatório de enunciados (BRASIL, 1998, 23).

Com isso, para Luiz Antônio Marcuschi, todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, “como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam” (MARCUSCHI, 2002, p. 20).

Os gêneros são, portanto, “determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura” (PCN, 1998, p. 21-22). Eles são, ainda, caracterizados por três elementos: conteúdo temático (o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero), construção composicional (a estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero) e o estilo (as configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da posição enunciativa do locutor; conjuntos particulares de sequências que compõem o texto etc.).

Ao estudarmos, nas próximas seções, o gênero cordel que serve de base para esta pesquisa, discutiremos esses elementos que se interligam ao todo dos enunciados produzidos pelos/as alunos/as. Explicitando-me melhor: estudaremos o conteúdo temático, o estilo da linguagem utilizada e a sua construção composicional, observando como se dá o processo de autoria dos/as alunos/as envolvidos/as na produção desse gênero a partir da situação discursiva apresentada.

2.2 O texto em cena

Associada ao elemento discursivo está a noção de texto, unidade principal no ensino de língua materna. Mas para compreendermos essa unidade em consonância com os estudos de Bakhtin (2006, 2011), é necessário desmistificar de vez a ideia saussureana de que o texto subsiste apenas na ordem da sentença. O texto falado ou escrito é o componente básico da comunicação humana, pois as pessoas não se comunicam através de palavras soltas, isoladas, e sim através de textos, mesmo que esses textos só tenham uma palavra.

Conforme tem demonstrado alguns autores (KOCH; FÁVERO, 1983; MARCUSCHI, 1983), enquanto o estruturalismo estudava a língua como um sistema autônomo de significação, fechado em sua unidade estrutural, os estudiosos do Círculo de Bakhtin pensavam a língua em seu contexto natural de uso, considerando

as interfaces comunicativas em que os sujeitos estão voltados para contextos de situação de comunicação real. Essa concepção é muito importante para nosso estudo, pois como veremos, Bakhtin coloca a língua como um fluxo vivo cuja postura se alinha à perspectiva sociointeracionista.

Na verdade, a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. (BAKHTIN, 2006, p. 109).

Nessa passagem, Bakhtin sugere literariamente que a língua é uma construção viva, resultado de um processo contínuo, fruto das interações verbais constitutivas nas diferentes atividades humanas que os sujeitos desenvolvem socialmente. Esse processo de interlocução nos ajudará a compreender melhor as atividades de produção de texto de nossos alunos, porque ao fazer uso da linguagem, enquanto manifestação linguística, estamos sempre nos comunicando seja para convencer, emocionar, criticar, persuadir nossos leitores.

O interesse por uma abordagem textual dessa natureza tem desenvolvido, nos últimos anos, conforme explica Marcuschi (2008 p. 61) “uma postura textual discursiva em uma perspectiva sociodiscursiva”. Assim, para o autor, que adota a perspectiva bakhtiniana, a teoria do texto se ocuparia das “operações linguísticas, discursivas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção e processamento de textos escritos ou orais em contextos naturais de uso” (MARCUSCHI 2008, p.73). Por esse viés há a interlocução entre os sujeitos situados historicamente e por isso o texto não pode ser compreendido apenas em sua unidade formal.

Dito de outro modo, nessa concepção textual, há um indivíduo que fala (ou escreve) para outro por meio de um código verbal, inseridos em um contexto sócio-histórico específico, que é a realidade objetiva. Esse sujeito produz um texto que tem conteúdo e sentido; o conteúdo sendo caracterizado como o que se diz do mundo; e o sentido, como o efeito produzido por esse dizer. Esse movimento discursivo ficará mais claro quando estivermos analisando as produções dos alunos, momento no qual será possível perceber o gênero que produziram através do assunto de cada cordel para atingir seus objetivos específicos diante de seus leitores.

2.3 Escrita enquanto processo

Na seção anterior, enfatizamos que já é consenso entre os especialistas que o ensino de língua portuguesa não pode mais ficar limitado ao estudo das nomenclaturas gramaticais, das memorizações de regras e dos limites apenas da frase, uma vez que, conforme deixam claro os estudos na área, o ensino de língua materna deve desenvolver no aluno o pleno domínio da linguagem. E isso só é possível através de uma abordagem que privilegie as unidades de leitura e escrita, principalmente, tomando o texto como unidade de ensino.

A propósito do trabalho de produção textual, Koch e Elias (2008), defende a escrita como processo de interação cuja concepção está associada à interlocução entre os sujeitos. Antunes (2010) também concorda com esse posicionamento e acrescenta que todo texto é a expressão de algum propósito comunicativo. Outro autor que compartilha dessa mesma concepção teórica é Marcuschi que considera a língua como um conjunto de práticas enunciativas e não como forma desencarnada (2008). Para ele, todo “uso autêntico da língua é feito em textos produzidos por sujeitos históricos e sociais de carne e osso, que mantêm algum tipo de relação entre si e visam a algum objetivo comum” (2008, p. 23).

O que há em comum entre os autores citados acima e a visão bakhtiniana adotada por nós nesta pesquisa? De modo geral, todos tomam a escrita em uma perspectiva dialógica, a partir do uso concreto da palavra. Ora, como já realçamos no tópico anterior, as relações interpessoais e profissionais na sociedade contemporânea têm exigido, desde sempre, que os sujeitos nela inseridos adquiram a capacidade de produzir textos escritos. Por isso, razão teve, Carvalho (2017, p. 27) em afirmar que cada vez mais "o homem é convidado a se manifestar por meio da escrita, dada a demanda de gêneros discursivos tão importantes e necessários nas atividades comunicativas", pois, destaca o autor, "usando a escrita, o homem encontra sentido para a maioria de suas indagações ou responde àquilo que lhe é inquirido cotidianamente" (CARVALHO, 2017, p.27).

Nessa perspectiva, a escola tem um papel fundamental de possibilitar o desenvolvimento de habilidades e competências para o/a aluno/a alcançar meios de escrever com propriedade. É a instituição de ensino que deve promover condições propícias para aproximar o sujeito das múltiplas possibilidades que a escrita

desempenha na sociedade. É, particularmente, no “chão” da escola que os/as alunos/as são levados a compreender o porquê de determinada escrita para ampliar os meios suficientes de torná-la capaz de estabelecer sentido para seus ouvintes/leitores, ou seja, tornar a escrita compreensível. Entre as competências que pretendemos desenvolver em nossos/as alunos/as estão àquelas relacionadas ao desenvolvimento dos aspectos composicionais e textuais, os discursivos e os semânticos. Esses elementos concorrem para a organização do texto e é por meio deles que os sujeitos podem construir textos de sua autoria, ressignificando o gênero discursivo cordel diante de seus leitores.

No momento em que estivermos relatando a experiência com o gênero, será possível perceber como a produção de texto ganha importância, em sala de aula, na medida em que coloca em destaque a figura do professor. É ele quem deve perceber a necessidade de mudança de postura em sua prática pedagógica, ou seja, abrir mão da postura de juiz ou de um mero avaliador do texto do/a aluno/a para assumir a condição de leitor. É nessa mudança de postura que o docente consegue enxergar a produção escrita do/a aluno/a como um processo contínuo e não como um produto acabado. Em outras palavras, ao assumir a condição de leitor, o professor abre a aresta para o diálogo, tornando o ambiente escolar mais interativo.

Nesse jogo dialógico todos ganham, inclusive o/a aluno/a que enxerga no professor a figura do interlocutor real de seu texto, pois nesse processo, a situação discursiva ocorre de maneira mais prazerosa, com reciprocidade entre os envolvidos na pesquisa.

Há aqui também espaço para o desenvolvimento de uma estratégia bastante significativa por parte do professor, que é a técnica do bilhete orientador, no qual o docente, durante as atividades de escrita, orienta o/a aluno por meio de um recado, solicitando possíveis mudanças na reescrita do/a aluno/a. Conforme Mangabeiras:

[...] o processo de reescrita permite que se estabeleça entre o professor e o aluno uma relação que vai muito além da mera avaliação, vai além de uma correção indicativa que considera apenas os aspectos metalinguísticos do texto, se trata de uma correção interativa, na qual o professor se posiciona como leitor interessado, e volta seu interesse principalmente para o que o aluno quer dizer, comunicar, ao invés de atentar somente para a correção das formas metalinguísticas que utiliza para esta tarefa. O processo de reescrita permite ainda que o aluno reflita sobre a sua produção, ajustando o que se tem a dizer ao objetivo comunicativo que deseja alcançar, ao gênero que deseja utilizar [...]. (MANGABEIRA, 2009, p.26)

Nessa mesma perspectiva, Nascimento afirma que:

O trabalho de reescrita incitado pelo bilhete-orientador pode inaugurar um espaço de interlocução entre professor e aluno, e, através dessa interação, possibilitar novas formas de encarar o fazer textos na escola. Uma nova forma que deixa de lado um pouco a tarefa e a nota, tão arraigadas às práticas escolares, já que o aluno passa a ter um leitor interessado no seu texto, e não apenas alguém à procura de erros [...]. (NASCIMENTO, 2009, p.77)

Outra sugestão que seguimos nesta pesquisa está embasada no estudo de Ruiz (2010), que defende o bilhete orientador como mediador importante nas sucessivas reescritas do texto do/a aluno/a. Para ela, o bilhete tem função textual-interativa, porque ele é um recurso de ação pedagógica sobre a escrita, típico daqueles casos em que o professor quer tematizar a tarefa de revisão ou correção do texto do/a aluno/a (RUIZ, 2010, p. 152). Ou seja, o docente pode utilizar essa estratégia de interação com o/a aluno/a, a fim de auxiliá-lo/a a perceber quais são os problemas encontrados no texto e de que forma pode ajustá-los para a proposta de reescrita, considerando as etapas do gênero, o desenvolvimento da temática e as formas de expressão escrita, no nosso em particular.

Conforme demonstraremos na análise dos dados da pesquisa, a estratégia do bilhete orientador foi utilizada por mim na ação pedagógica sobre a escrita dos/as alunos/as, porque é um recurso interessante no processo de reescrita do texto produzido. O professor, nessa perspectiva, consegue direcionar particularmente a orientação do seu trabalho, na medida em que ele exercita o olhar do/a aluno/a para as questões linguísticas do texto de modo que, no ato da escrita e da reescrita, ele possa escrever com coesão e coerência, respeitando as características do gênero discursivo em estudo. Nesse processo, é possível desmistificar a ideia comum de que o texto fica pronto logo na primeira versão. Para se ter uma ideia, alguns cordéis dos/as alunos/as só ficaram prontos depois da segunda ou terceira reescrita, o que seria praticamente impossível se a ação pedagógica adotada para auxiliá-los/as fosse outra. Isso demonstra o quanto a atividade de produção de texto é difícil, seja qual for o gênero estudado, como afirmava Geraldi (2015, p. 182) “escrever não é uma tarefa fácil”.

Com isso, nossa hipótese é a de que a reescrita orientada por bilhetes, de fato, inaugura esse espaço de interlocução entre professor e aluno, e permite que se priorize o que o aluno tem a dizer, anterior à maneira como diz.

Em contrapartida, um trabalho que envolva produção de texto é gratificante principalmente quando defendemos a escrita como um processo, pois nos faz ter em mente a importância de que o texto não é um produto final, mas um processo que leva em consideração as situações comunicativas que envolvem os aspectos enunciativos e discursivos da linguagem, além de todas as etapas que envolvem o momento da construção textual, pois o conhecimento de um gênero textual pressupõe um método de trabalho a partir de atividades didáticas para sua aprendizagem (BAWARSH; REIFF, 2013, p. 144-145).

2.4 Leitura – acorda cordel na sala de aula

Nesta última seção da primeira parte de nosso trabalho, trataremos brevemente sobre a importância da poesia popular no processo de ensino de leitura e escrita na escola. Partiremos, inicialmente, da origem da literatura de cordel, suas características e como ela chegou ao Brasil. A compreensão desse contexto histórico é necessário porque, como se sabe, ela se disseminou no Brasil por volta do séc. XIX quando foi trazida pelos portugueses, se adaptando e se espalhando pelo país. Além disso, pretendemos demonstrar, como esse gênero tem sido utilizado em sala de aula como ferramenta pedagógica.

Antes disso, é preciso conhecer as origens da literatura popular a fim de perceber como essa maneira de fazer poesia se adequou à realidade brasileira e como com o passar das décadas ganhou novas faces com sua evolução contemporânea, passando da poesia trovadoresca ao Rap nacional², conforme tem destacado alguns autores.

A literatura de cordel é mais evidente e também mais produtiva, até os dias de hoje, na região do nordeste do Brasil. Mas, conforme estudou o cordelista e crítico literário Marco Haurélio, é possível encontrá-las também nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo (2010).

Segundo Joseph Luyten, em sua obra intitulada *O que é literatura popular*, uma característica marcante dessa arte é ilustração em xilogravura, o que a torna particular em comparação a outros tipos de poesia. Conhecida também como

² ALGERI, Nelvi M.; SIBIN, Elizabete A. **A poesia trovadoresca e suas relações com a literatura de cordel e a música contemporânea**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/810-4.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

“literatura de cordel”, ela recebeu essa designação pelo fato de que, em tempos antigos, os folhetos eram expostos em cordões para serem vendidos nas feiras populares.

Conforme explica o professor Hélder Pinheiro, outra característica marcante é que, em seus primórdios, os cordéis eram também recitados em praça pública, acompanhados de canção. Atualmente, essa forma de fazer poema de cordel tomou novos rumos, pois as recitações tornaram-se o repente (canção rápida e de rima improvisada) sobre determinados aspectos de tempo, espaço, personagens e situações, ou até mesmo fatos noticiosos.

Os primeiros escritores de folhetos que saíram do campo em direção às cidades levavam consigo a esperança por melhores dias e as lembranças de contos e histórias de príncipes e princesas, reinos distantes, homens valentes e mocinhas indefesas, além de canções dos violeiros e repentistas que viajavam pelas fazendas animando festas e desafiando outros cantadores. Já nas cidades, começam a transpor para o papel todo este universo de experiências [...] O folheto vai para as ruas e praças e é vendido por homens que ora declamam os versos, ora cantam em toadas semelhantes às tocadas pelos repentistas. (2001, p. 12)

Mas o leitor pode se perguntar: de onde veio essa literatura denominada de “cordel”, quais suas características? Para responder a essas questões é preciso, mesmo que brevemente, mergulhar na história da literatura portuguesa da época medieval. Desse modo, pode-se dizer que as origens do cordel remontam à época do momento histórico conhecido como Trovadorismo, conforme aponta Haurélio:

A literatura de Cordel é a poesia popular, herdeira do romancelo tradicional, e, em linhas gerais, da literatura oral (em especial dos contos populares), desenvolvida no Nordeste e espalhada por todo o Brasil pelas muitas diásporas sertanejas. Refiro-me, evidentemente, à literatura que reaproveita temas da tradição oral, com raízes no trovadorismo medieval lusitano, continuadora das canções de gesta, mas também, espelho social de seu tempo [...] O cordelista, como hoje é conhecido o poeta de bancada, é parente do menestrel errante da Idade Média, que, por sua vez, descende do rapsodo grego. (2010, p. 16)

Nesses termos, o Trovadorismo foi uma manifestação literária que alcançou, principalmente através da poesia, grande popularidade, tanto entre os nobres da corte quanto entre as pessoas comuns do povo.

Um dos motivos dessa preferência foi o fato de a escrita ser pouco divulgada na época, o que favorecia a transmissão da poesia, que era memorizada e divulgada oralmente. Os poemas eram sempre cantados e acompanhados de instrumentos musicais e de dança e, por esse motivo, foram denominados de cantigas. Os

autores dessas cantigas eram trovadores (pessoas que faziam trovas, rimas,), originando o nome Trovadorismo (CEREJA; MAGALHÃES, 2010, p. 94). Esses trovadores geralmente pertenciam à nobreza ou ao clero e, além da letra, produziam também a música das composições que executavam para o seletor público das cortes. Entre as camadas populares, quem cantava e executava as canções, mas não as criava, eram os jograis.

Os textos eram manuscritos e reunidos em coletâneas, conhecidas como cancionários, que eram composições de poemas de vários tipos, produzidos por autores diversos. Como nessa época ainda não havia as técnicas de tipografia e conteúdos impressos, poucos registros se têm dessa literatura, resumindo-se em manuscritos do período, alguns ainda sobrevivem nas bibliotecas em Portugal e Espanha (SARAIVA, 1982).

Cumprido apresentar ainda, sucintamente, como se configurava o estilo literário adotado pela poesia daquela época que, conforme consta nos manuais de história da literatura, podem ser divididos em quatro estilos diferentes: as cantigas de amor (cujo eu lírico lamenta o distanciamento da mulher amada), as cantigas de amigo (seu tema mais frequente é o lamento amoroso da moça cujo namorado partiu para a guerra), as cantigas de escárnio e as cantigas de maldizer, as quais se constituem pela sátira velada contra os costumes da sociedade portuguesa, principalmente os membros do clero, nobres e cavalheiros covardes na guerra, prostitutas, dentre outros.

Essa é a visão panorâmica que se tem dos primórdios da poesia portuguesa, a qual foi trazida para o Brasil e concretizada entre nós depois da mistura de cultura durante o processo de colonização. Os lusitanos trouxeram alguns folhetos manuscritos para continuar suas maneiras de entreterem-se em terras brasileiras e o que afirma Soares. Ainda segundo a pesquisadora, “no final do séc. XIX a literatura medieval ganhou novas formas através da tipografia. A partir desse momento, a literatura de Cordel passou a ganhar o interesse da população e ser produzido com maior frequência”³.

Aconteceu também a diversificação das formas de produção da literatura de cordel que, com o tempo, foi ganhando argumentos noticiosos; além disso, a poesia

³ SOARES, Adriana. **Literatura de cordel**: guia detalhado sobre o gênero literário. Disponível em: <<https://canaldoensino.com.br/blog/literatura-de-cordel-guia-detalhado-sobre-o-genero-literario>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

popular recebe notoriedade através da arte da xilogravura que se tornou tão popular a ponto de ser comercializada em mercados e feiras públicas, onde eram penduradas e expostas em cordas. Daí o nome Cordel, conforme já apontamos anteriormente. É esse mesmo entendimento que tem o cordelista alagoano Rodolfo Coelho Cavalcante, num folheto intitulado *Origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras de nosso país* do qual destacamos algumas estrofes a seguir

Cordel- quer dizer barbante
 Ou senão mesmo Cordão,
 Mas Cordel-Literatura
 É a real expressão
 Como fonte de Cultura
 Ou melhor: poesia pura
 Dos poetas do sertão.

Na França, também Espanha
 Era nas Bancas vendida,
 Que fosse em prosa ou em verso
 Por ser a mais preferida,
 Com o seu preço popular
 Poderia se encontrar
 Nas esquinas da Avenida.

Era em pequeno volume
 A edição publicada,
 Tamanho 15 por 12
 Pra melhor ser consultada,
 Isso no Século XVIII
 Depois de noventa e oito
 Foi ao poucos desprezada.

No Brasil é diferente
 O Cordel-Literatura
 Tem que ser todo rimado
 Com sua própria estrutura
 Versificado em sextilhas
 Ou senão em septilhas
 Com a métrica mais pura.

Rodolfo Cavalcante chama a atenção, na última estrofe, para a importância da rima, aspecto importante na transmissão oral do poema de cordel. A propósito, é preciso considerar que a expressão “literatura oral” é atribuída genericamente a todas as manifestações culturais, de cunho literário, transmitidas por meios não gráficos. Desse modo, incluem-se nesse grupo os contos populares ou histórias de Trancoso, os provérbios, as lendas, as adivinhações, as parlendas, os mitos, as cantorias de cordel, os autos e as frases feitas. É bom lembrar, contudo, que grande

parte dos repertórios hoje na literatura oral são versões de textos escritos e impressos há séculos em outras culturas, principalmente a portuguesa.

Feita essa ressalva, tomaremos, diante disso, como exemplo da cultura popular a chamada literatura de cordel, que mesmo valendo-se da oralidade, tem na escrita sua forma preponderante atualmente. Além de sua origem lusitana, sua forma característica de produção e circulação, o folheto de cordel é um livreto editado com 8, 16, 32 ou 48 páginas, com capa em xilogravura ou clichê gráfico, que aborda temas como: a) temas tradicionais – retirados das narrativas de reis e princesas, heróis, Lampião, etc.; e b) circunstanciais – acontecimentos marcantes e polêmicos, ocorridos em determinado momento com grande repercussão social. Apesar de toda a tradição, a poesia popular atualmente tem diversificado o repertório sociocultural, ampliando a temática para assuntos mais próximos da realidade objetiva do poeta.

A literatura de cordel, conforme já apontamos com base em Pinheiro e Marinho (2001), tem sua pátria na região nordestina. Alagoas, segundo demonstrou Simone Cavalcante (2010, p. 182), “possui uma boa safra de cordelistas”, dos quais, segundo a autora, destacam-se: Rodolfo Coelho Cavalcante (Rio Largo), José Bernardes da Silva (Palmeira dos Índios), José Martins dos Santos (São José da Laje), Enéias Tavares dos Santos (Marechal Deodoro), também conhecido como Pica-Pau. Um dos autores mais representativos da atualidade é o cordelista Jorge Calheiros, natural do Pilar, mas radicado em Maceió já há muitos anos. Cito, de passagem, o poeta rio-larguense Miguel Nascimento o qual, como veremos mais adiante, teve participação importante em nossa pesquisa com uma oficina sobre cordel na escola.

Observando a importância que a literatura de cordel exerce na sociedade, Pinheiro e Marinho (2001) destacam que sua principal função é o entretenimento que ela desperta em todos aqueles que circulam ao seu redor

Todo leitor ou ouvinte da literatura de folhetos, aprendeu a apreciar este gênero a partir das narrativas de aventura, de proezas, de pejeas, de notícias cheias de invenções, de brincadeiras da folia da bicharada, dos ABCs, de abordagens bem0humoradas de diferentes temas e situações. Ninguém aprende a gostar de folhetos decorando regras sobre métricas e rimas. Mesmo os que aprenderam a ler com os folhetos, foram primeiro tocados pelas fantasias das narrativas, pelo humor de situações descritas, enfim, pelo viés da gratuidade e não pelo pragmatismo de duas informações (2001, p. 12)

Foi, então, conforme vimos, com esse sentido de entretenimento, de deleite, que a literatura de cordel chegou ao Brasil. Às vezes, os folhetos eram vendidos nas feiras e nas praças acompanhados pela viola, momento no qual o poeta declamava seus versos com alegria para cativar seus leitores ou transeuntes que paravam para ouvi-lo e comprar seus folhetos.

Diante do que expusemos até aqui, podemos perceber que a proposta de um trabalho com o cordel para a turma do 7º ano do ensino fundamental foi uma maneira de fazer com que as aulas de Língua Portuguesa proporcionassem mais vida. Foi também um momento de resgate da cultura popular, por meio desse gênero, porque possibilitamos aos estudantes a oportunidade de eles conhecerem os temas, a organização composicional e o estilo próprio do gênero. Por fim, foi um modo de colocar o/a aluno/a em contato com a leitura poética que, em tempos de tantas ofertas tecnológicas, está cada vez mais distante da realidade da sala de aula.

Para finalizar este capítulo, é necessário reconhecer que um trabalho de mobilização com uma sequência didática para o gênero cordel envolve, por parte do professor, não a mera transmissão do conhecimento, mas o compromisso com o desenvolvimento da escrita do/a aluno/a que precisa ser inserido em práticas efetivas de participação social. Nessa perspectiva, Antunes afirma que

A produção de textos escritos na escola deve incluir também os alunos como seus autores. Que eles possam "sentir-se sujeitos" de um certo dizer que circula na escola e superar, assim, a única condição de leitores desse dizer. [...] Essa prática, além do mais, colocaria os alunos na circunstância de exercitar a participação social pelo recurso da escrita (ANTUNES, 2003, p. 61-62).

Essa prática torna-se possível quando a escola consegue dar condições propícias de ensino e aprendizagem e reconhece, no espaço escolar, as vivências entre professor e aluno.

Nesta primeira parte, procuramos, então, definir os conceitos com quais iremos trabalhar ao longo dessa pesquisa sobre gênero discursivo, texto, noções de leitura e escrita, todos associados à temática da literatura de cordel, dentro da perspectiva bakhtiniana de interação pela linguagem. Nesse último aspecto, convém mencionar o importante papel da poesia popular como veículo de comunicação de massa, antes da penetração, nas áreas rurais, do jornal, do rádio e da televisão.

Além disso, segundo Ribamar Lopes, ela tem atuado como ferramenta auxiliar no processo de ensino-aprendizagem

Outro papel importante exercido pela literatura de cordel diz respeito à sua função como auxiliar de alfabetização. Sabe-se que incontáveis nordestinos carentes de alfabetização aprenderam a ler deletreando esses livrinhos de feira, através de outras pessoas alfabetizadas. Numa época em que as cartilhas de alfabetização eram raras e não chegavam gratuitamente ao homem rural, o folheto de cordel cumpria espontaneamente essa alta missão social. (LOPES, 1983, p. 8).

Também em Lopes (1983), é possível aprofundar os conhecimentos acerca da origem desse gênero que veio de Portugal e fez história em terras brasileiras, principalmente com impregnação forte no Nordeste.

3 PERCURSO METODOLÓGICO: OS MO(VI)MENTOS DA PESQUISA

A prática do professor deve levar em conta o estudo da sua própria prática, como um dos meios constitutivos da construção de novos saberes profissionais. Sob esse prisma, evidencia a superação da dicotomia entre teoria e prática, entre escola e universidade, as políticas públicas descontextualizadas das necessidades inerentes ao ensino e da escola. (RIVAS et al, 2005, p. 5)

A concepção fundamental do PROFLETRAS é a busca constante na formação de professores de Língua Portuguesa voltados para a atuação inovadora na sala de aula, “ao mesmo tempo que, de forma crítica e responsável, possam refletir acerca de questões relevantes sobre diferentes usos da linguagem presentes contemporaneamente na sociedade”⁴. Esse docente, que também deve ser um pesquisador, precisará responder aos desafios educacionais do contexto em que atua, considerando princípios fundamentais da construção de um processo de ensino que vise a práticas sociais mediadas pela linguagem.

A realização do mestrado na escola onde trabalho possibilitou o desenvolvimento da aprendizagem dos/as alunos/as envolvidos/as na pesquisa, elevando seus níveis de leitura e de escrita e contribuiu para minha formação continuada, enquanto docente de Língua Portuguesa da educação básica.

Nesta seção, apresentaremos, então, como se deu nossa abordagem metodológica. Como e onde a pesquisa foi realizada, quais os sujeitos implicados e todos os procedimentos que adotamos para sua realização. Como já anunciamos na introdução deste trabalho, a nossa abordagem estará voltada para a elaboração de uma sequência didática (SD) respaldada pelos estudos de Schneuwly e Dolz (2004) e complementada na proposta didatizada de Lopes-Rossi (2011).

Desse modo, pormenorizamos, a seguir, a contextualização da escola na qual aplicamos a pesquisa e o passo a passo da construção da SD nos três módulos de estudos - módulo de leitura, módulo de escrita e módulo de divulgação - que serviram como referência para o alcance dos objetivos que nortearam o nosso trabalho desde o início. Com isso, a elaboração dessa pesquisa e os seus

⁴ Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-a-distancia/profletras>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

resultados pretendem incentivar outros professores que queiram desenvolver um trabalho com o gênero discursivo cordel no ensino fundamental, os quais deverão, evidentemente, fazer as devidas adequações à sua realidade escolar.

3.1 A comunidade escolar e o contexto da sala de aula

É interessante situar a escola na qual a pesquisa foi desenvolvida, porque, através disso, é possível ter uma noção exata sobre a forma como ela está organizada, além de ajudar a compreender o perfil dos sujeitos envolvidos no projeto.

A escola está localizada em Rio Largo, a terceira maior cidade de Alagoas, estimada em aproximadamente 75 mil habitantes, segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2014. É uma região histórica, local em que abriga o único aeroporto do Estado e que em 2015 completou 100 anos de emancipação política. O município tem ainda duas usinas de produção de açúcar e álcool (Usina Utinga Leão e Usina Santa Clodilde), além de algumas empresas de alimentos (como a Bauducco e a Mafrips). Apesar disso, é um lugar com alarmantes indicadores de violência e, também, de baixos índices educacionais (IDEB, 2015).

É nesse contexto, que se localiza a Escola de Educação Básica D. Pedro I. Uma instituição de ensino relativamente grande, funcionando nos três turnos. Nela está matriculado cerca de mil alunos, distribuídos nos seguintes níveis de ensino: anos iniciais e anos finais do Ensino Fundamental, incluindo a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). É uma escola relativamente ampla, que conta com 12 salas de aula; 01 biblioteca; 01 laboratório de informática; um pequeno espaço para educação física; 01 campinho de areia; 01 pátio (descoberto), onde a maioria dos alunos fica sentada esperando o horário das aulas ou gazeando as mesmas; 01 sala que serve como cantina (acoplada à cozinha); 02 banheiros que serviam aos alunos em péssimas condições; 02 banheiros que serviam aos professores quase nas mesmas condições, entre outras repartições.

É preciso registrar que o aspecto estrutural deixava muito a desejar, pois as salas não funcionavam adequadamente. As salas de aula, por exemplo, eram muito quentes, desconfortáveis e mal iluminadas, além de um barulho insuportável que atrapalhava o desenvolvimento da aula; a biblioteca não era muito frequentada, provavelmente porque os livros paradidáticos não eram muito interessantes, além de

ter um número bastante reduzido de obras, que contemplavam, principalmente, as referências clássicas do cânone literário. Pelo menos à época em que a pesquisa estava em andamento, os/as alunos/as não podiam pegar emprestado livros para ler em casa, pois não havia um bibliotecário na escola e nem controle de empréstimo, ficando os/as estudantes condicionados/as a lerem no pouco espaço de tempo que tinham de aula vaga ou intervalo; a sala de informática não funcionava, pois os computadores disponíveis (10 máquinas somente) eram ultrapassados e não dispunham de conexão com a internet, além do que, desse total, apenas metade funcionava adequadamente; a cantina era mal frequentada porque os alunos não gostavam da merenda servida e, mesmo assim, quando tinha um cardápio atraente, a dificuldade era encontrar espaço para sentar e se alimentar, já que não tinha nem mesa e nem cadeiras na cantina. Aliás, nem sequer tinha espaço adequado para alimentação. Era comum ver os/as alunos/as sentados no chão do pátio ou lanchando dentro da sala de aula. Enfim, as condições de infraestrutura oferecidas aos alunos estavam longe de atender os padrões mínimos de qualidade, o que colaborava com um clima de instabilidade, de desconfiança e de desestímulo.

A turma na qual a pesquisa foi realizada era de 7º ano do ensino fundamental, das séries finais, do turno vespertino. Inicialmente, era composta por 35 alunos. Desses, cinco se transferiram no primeiro semestre, restando um total de 30 alunos que aceitaram participar da pesquisa por meio da autorização dos seus pais e/ou responsáveis que assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice A). Esse documento, em linhas gerais, previa o desenvolvimento das ações que seriam executadas durante a aplicação da sequência didática e pedia o consentimento para a utilização das produções e das imagens dos alunos para a geração dos dados que seriam analisados, os quais seguem apresentados na seção 4 desta dissertação.

É oportuno destacar que foi um fator importante as intervenções dessa pesquisa terem ocorrido na referida escola, porque proporcionou uma oportunidade de colaboração entre todos os sujeitos envolvidos. O filósofo da educação Paulo Freire (1996), em sua *Pedagogia da Autonomia*, já afirmara que não existe um ensino sem que a pesquisa esteja presente. É desse livro que extraio a seguinte citação:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p. 32).

Em suas reflexões sobre a metodologia da pesquisa com a cultura popular, Hélder Pinheiro (2001) afirma que o trabalho com a literatura de cordel pressupõe uma empatia entre o professor e o objeto de pesquisa e, sobretudo, que haja uma relação amorosa no sentido de gostar daquilo que se está estudando. Acrescenta ainda o autor a seguinte observação:

Diria, também, uma atitude humilde, receptiva diante da cultura popular para poder apreender-lhe os sentidos e não interpretá-la de modo redutor. Não se trata, por outro lado, de hipervalorizar as produções culturais de vertente popular, mas compreendê-la em seu contexto, a partir de critérios estéticos específicos, para poder perceber sua dimensão universal. (PINHEIRO, 2001, p. 80).

Concordamos com a sugestão metodológica apontada por Pinheiro (2001) no campo do trabalho com a literatura de cordel, pois, apesar da objetividade exigida pelo trabalho científico, uma pesquisa voltada para o ensino também pressupõe um envolvimento afetivo com a cultura popular.

Estudos recentes sobre metodologia de ensino têm rompido com uma visão tecnicista da didática, ao considerar importante o pesquisador inserir-se na realidade sociocultural dos indivíduos com os quais estamos pesquisando. Desse modo, não existe de um lado a figura do pesquisador e do outro, a do objeto pesquisado, mas ambos fazem parte do mesmo processo dialético.

Essa seria uma abordagem qualitativa de pesquisa científica, na qual o pesquisador se envolve com a realidade, transformando-a. Isso fica mais evidente em nossa pesquisa, uma vez que ela tem uma característica de “pesquisa-ação”. E por que podemos denominá-la assim? Porque é preciso considerar que eu, enquanto pesquisador, também era o professor da turma, o que significava lidar com todos/as os/as alunos/as diariamente. Nesse sentido, foi uma ação sistemática e desenvolvida por mim, como se fosse um trabalho do tipo etnográfico (ANDRÉ, 1995). O fato de conhecer cada um/a desses/as alunos/as nos deu uma maior segurança, bem como uma facilidade para cumprir as etapas da pesquisa. Para André uma abordagem dessa natureza se caracteriza quando o professor “decide fazer uma mudança na sua prática docente e a acompanha com um processo de

pesquisa, ou seja, com um planejamento, coleta sistemática dos dados, análise fundamentada na literatura pertinente e relato dos resultados” (1995, p. 31).

Mais do que isso, um procedimento metodológico que oriente o trabalho com o cordel terá que favorecer o diálogo com a cultura da qual ele emana e, ao mesmo tempo, uma experiência dialogal entre professor, alunos/as e demais participantes do processo. De repente um trabalho como este pode oportunizar a descoberta de pessoas da comunidade escolar que apreciem a literatura de cordel, ou até mesmo de alguém que produza folhetos. Foi justamente o que aconteceu durante o desenvolvimento da pesquisa, quando tivemos a oportunidade de conhecer o cordelista Miguel Nascimento, natural de Rio Largo, o qual fez parceria com nossa escola, oferecendo uma oficina sobre literatura de cordel.

Além da característica qualitativa que orienta o nosso trabalho, essa pesquisa também pode ser considerada como de cunho descritivo e explicativo. No primeiro caso, por visar à descrição de determinado fenômeno (o uso do cordel como motivação da escrita dos/as alunos/as) e, no segundo, por tentar explicar como esse procedimento se dá no cotidiano da escola. Para tal classificação, recorreremos a Gil (2002) que trata dos tipos de pesquisas científicas existentes e vê uma relação entre uma e outra:

Algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, e pretendem determinar a natureza dessa relação. Nesse caso, tem-se uma pesquisa descritiva que se aproxima da explicativa
[...] Uma pesquisa explicativa pode ser a continuação de outra, posto que a identificação dos fatores que determinam um fenômeno exige que esteja suficientemente descrito e detalhado. (GIL, 2002, p. 42-43).

Do ponto de vista didático-pedagógico, então, partiremos da realidade particular vivida pela escola para, a partir daí, propor atividades didáticas de leitura e escrita literárias em consonância com a prática social.

Associando, então, o arcabouço metodológico apontado com o nosso objeto de pesquisa, chamamos a atenção para o fato de que sugerir atividades e procedimentos metodológicos a serem trabalhados na realidade escolar precisa ser compreendido não como um receituário, mas antes como pistas para fazer com que a poesia popular possa ser vivenciada pelos/as leitores/as e não apenas observada como algo exótico para alguns/algumas.

3.2 A poesia popular dando um norte à pesquisa

Antes de descrever o percurso metodológico com o desenvolvimento da sequência didática, convém voltarmos um pouco no tempo, notadamente o ano de 2015, quando realizamos uma pesquisa sobre a produção de poemas com duas turmas de 6º anos na mesma escola. A compreensão desse trabalho anterior, mesmo que brevemente apresentado, iluminará a pesquisa atual, pois são a maioria dos/as alunos/as participantes daquele ano que continuam com o projeto atual, agora no 7º ano.

Como apontado no parágrafo anterior, trabalhar com a leitura e escrita de poemas não é novidade para as turmas com as quais estou trabalhando atualmente. Em 2015 propus uma pesquisa bastante significativa com duas turmas de 6º ano, do ensino fundamental. Ela foi desenvolvida a partir de um projeto interno da escola intitulado “Rio Largo: minha cidade, meu lugar” em que se propunha a trabalhar com produção de texto em homenagem ao centenário da cidade. O gênero sugerido foi poema, que deveria ser produzido pelos/as próprios/as alunos/as.

De fato, foi o que aconteceu: os/as alunos/as produziram seus poemas. E o resultado foi tão significativo que julguei importante reunir todos os textos produzidos numa coletânea publicada em formato de livro e divulgados na escola com a presença dos pais e da comunidade (SEVERO, 2015). Foi uma experiência importante para mim e para os/as alunos/as porque, pudemos ver o resultado do trabalho: como alunos/as que tinham dificuldades de ler e escrever conseguiram produzir seus próprios textos⁵.

Entretanto, observando, hoje, os textos, percebo algo que naquela ocasião (em 2015) passou despercebido por mim. É que quando começamos o trabalho de produção de poemas para homenagear o centenário da cidade, eu propus um modelo de letramento que possibilitasse aos alunos “olhar” a cidade de modo carinhoso, afetivo, enxergando nela os aspectos positivos, ou seja, o que havia de belo no lugar onde eles viviam.

De fato, o resultado mostrou que alguns poemas se enquadravam nesse perfil. Contudo, a maioria dos textos “transgrediram” o modelo de letramento que

⁵ O resultado dessa pesquisa foi apresentado e publicado em um artigo intitulado *Relato de práticas de escrita: a rede de poemas tecendo as aulas de Português*. X Colóquio Internacional – “Educação e Contemporaneidade”, 9, 2016, Aracaju, SE. **Anais...** Aracaju. Disponível em: <<http://educonse.com.br/xcoloquio/>>. Acesso em: 1 dez. 2016.

apresentei, porque na coletânea a maioria dos poemas apresentam uma Rio Largo feia, violenta, cheia de lixo, mosquito e lama por toda a parte (SEVERO, 2015). Para ilustrar isso, vejamos apenas três poemas:

Quadro 1 – Fragmentos de poemas de alunos/as – 2015

<p>Lama, lama, lama (Jucimara Vieira Monteiro da Silva)</p> <p>Na rua onde moro Tem casa pra todo lado.</p> <p>Tem também uma poça De lama muito grande.</p> <p>Quando passa um carro apressado É lama pra todo lado.</p> <p>A rua fica empoçada E ninguém vai fazer nada?</p>	<p>Sujeira (Ivone Silva dos Santos; Jadson A. L. da Silva)</p> <p>Aqui na cidade Tem muito mosquito Muita lama e lixo.</p>	<p>Vivo nesse Rio Largo (Lucitânia Lopes Pereira)</p> <p>Eu vivo em Alagoas Que parece tudo alagado. Eu vivo em Rio Largo Que parece tudo largado. Nos rios há tanta poluição Que prejudica a população.</p>
---	---	---

Fonte: Autor, 2015.

O que pode ser aparentemente um ponto negativo, na verdade revela a identidade que o aluno/a mostra de si e da cidade, transformando o letramento proposto para adequá-lo a sua realidade local na medida em que problematiza questões sociais da cidade (STREET, 2014). Quando damos a oportunidade para o/a aluno/a se expressar, dentro de uma situação discursiva bem determinada, acabamos nos surpreendendo porque o resultado nem sempre é aquilo que esperávamos receber. Acreditamos, com base em Marcuschi (2008, p. 217), “que a produção textual é uma atividade que se situa em contextos da vida cotidiana e os textos são produzidos para alguém com algum objetivo”. E os/as estudantes demonstram terem noção disso ao revelarem suas subjetividades no interior de cada texto produzido.

Voltando à nossa pesquisa para este mestrado, pretendemos continuar trabalhando com a poesia em sala de aula, mas agora com a literatura de cordel, primeiramente, porque faz parte de uma proposta da escola, em parceria com a INFRAERO, de conscientização para o descarte adequado do lixo, e depois, porque de forte impregnação no Nordeste, a poesia popular é parte de nossa cultura e não

pode ser relegada a segundo plano. O intuito, então, é refletir, através da leitura e da escrita, sobre uma temática social relevante para o dia a dia dos/as alunos/as.

3.3 A sequência didática no ensino de produção de textos

A proposta didática que utilizaremos nesta pesquisa está ancorada no modelo de sequência didática defendida por Schneuwly e Dolz (2004) e ampliada por Lopes-Rossi (2011). As atividades propostas estavam voltadas para a competência comunicativa, envolvendo leitura e análise de textos para o aprimoramento das produções de autoria dos alunos. Para o desenvolvimento de ações que levem o/a aluno/a a se apropriar de um gênero discursivo.

Possivelmente a SD seja a melhor proposta dos últimos tempos para o ensino didatizado de determinado gênero textual. Schneuwly e Dolz afirmam que “uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 83).

A metodologia dos autores orienta o professor na direção de uma proposta de ensino com a sequência didática que conduz o/ aluno/a a se instrumentalizar a partir de determinado gênero em um contexto real de uso da língua. Nesse sentido, é possível utilizar o gênero do discurso dentro da perspectiva bakhtiniana, teoria que nos interessa aqui.

O PCN de língua portuguesa (1997) já traz alguma orientação nesse sentido ao tratar sobre o ensino e a natureza da linguagem na perspectiva daqueles autores. A linguagem, no documento oficial, é tomada, no nível fundamental, como ação interindividual orientada por uma finalidade específica, ou seja, “um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história” (PCN, 1997, p. 20).

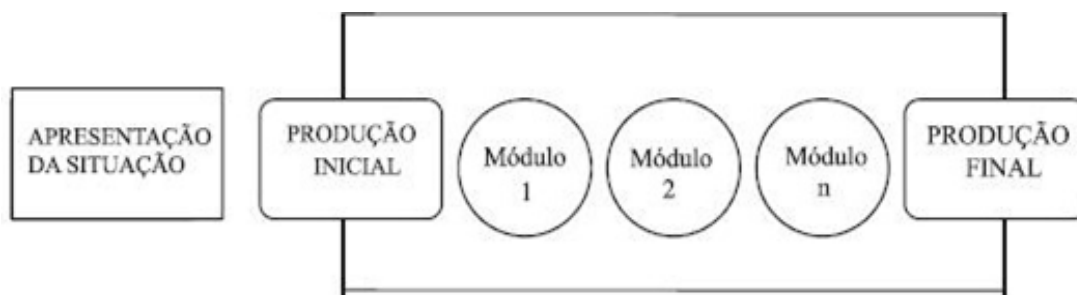
Há no PCN a noção de que interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução. Os organizadores do documento chegam a afirmar explicitamente, a propósito da sequenciação dos conteúdos de ensino, que “o texto produzido pelo aluno, seja oral ou escrito, permite identificar os recursos linguísticos que ele já domina e os que

precisa aprender a dominar, indicando quais conteúdos precisam ser tematizados, articulando-se às práticas de escuta e leitura e de análise linguística” (1997, p. 37). Contudo, é preciso destacar que o PCN, apesar de defender um trabalho com o gênero discursivo, não fornece muitos subsídios para o desenvolvimento de um trabalho que leve em consideração o uso das sequências didáticas de modo mais efetivo quando do estudo dos gêneros. A orientação fica apenas no nível da abstração, faltando uma aplicabilidade prática para auxiliar os professores da educação básica.

Por essa razão, recorremos às orientações dos autores da Escola de Genebra por considerarmos que o/a aluno/ não aprende a escrever determinado gênero do nada; pelo contrário, ele aprende a escrever a partir de um estudo organizado com um conjunto de atividades escolares planejadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito. Essa é também a concepção de outros autores que defendem o ensino sistemático dos gêneros discursivos (BAWARSHI; REIFF, 2013; DOLZ; 2010).

Dessa forma, para o desenvolvimento do projeto com o gênero cordel, procuramos seguir a proposta orientada da SD, fazendo os devidos ajustes que foram surgindo com o andamento da proposta em sala de aula. O esquema, apresentado a seguir, foi retirado da obra indicada de Schneuwly e Dolz (2004) e mostra como ele pode facilitar a progressão na aprendizagem da escrita. Além de indicar o propósito de cada uma das etapas, faremos uma descrição acerca de como se deu sua aplicação prática.

Quadro 2 – Esquema de sequência didática (SD) proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly - 2004



Fonte: DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004.

O esquema indicado compreende o desenvolvimento de algumas ações que culminam na produção final de um gênero discursivo. Todo o processo se inicia pela

apresentação da situação que leva em conta a necessidade de um trabalho com um gênero discursivo, o que encaminha o professor a apresentá-lo aos alunos mediante um conjunto variado de exemplos de textos, desenvolvido em módulos. Em seguida, uma produção inicial é solicitada aos sujeitos implicados no projeto. A partir dessa produção inicial, as estratégias planejadas (proposição de atividades e exercícios) são executadas e, por fim, os alunos (re)escrevem o texto com base no aprendizado construído.

Em linhas gerais, cinco passos foram importantes para organizar as atividades desenvolvidas no projeto: a) fazer os alunos escreverem um primeiro texto e avaliar suas capacidades iniciais; b) escolher e adaptar as atividades; c) trabalhar com outros textos do mesmo gênero; d) trabalhar sistematicamente as dimensões verbais e as formas de expressão em língua portuguesa; e) estimular progressivamente a autonomia e a escrita criativa dos alunos. Esses passos visavam a melhorar a produção escrita dos/as alunos/as nas aulas de Língua Portuguesa.

O modelo apresentado aqui tem caráter modular, ou seja, ele procede por etapas com tarefas específicas para trabalhar com a escrita. Mas apesar de ser um “modelo” de trabalho específico para o ensino da escrita, a proposta com a sequência didática não é algo engessado, inflexível, porque ela prevê adaptações nas oficinas dependendo das necessidades que os estudantes apresentam no percurso de estudo, já que o professor deve valorizar os conhecimentos que os/as alunos/as trazem consigo para, assim, estimulá-los/las a escrever com autonomia relativa. Dessa forma, a aprendizagem é pensada considerando a realidade do/a aluno/a, pois, sob essa perspectiva, é possível estabelecer o desenvolvimento de habilidades e competências, principalmente às relacionadas à escrita com propósitos concretos, conforme demonstraram Dolz e Schneuwly (2004). Marcuschi, ao analisar o trabalho desses autores, defende “que a produção textual é uma atividade que se situa em contextos da vida cotidiana e os textos são produzidos para alguém com algum objetivo” (2008, p. 217).

No artigo intitulado "Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos"⁶, M. Lopes-Rossi amplia a proposta de Dolz e Schneuwly para o esquema da sequência didática, considerando os fundamentos da proposta em módulos de

⁶ Consultar informação completa sobre o artigo ao final nas referências.

ensino. Tal procedimento será adotado por nós na produção dos cordéis. O quadro 3 abaixo apresenta a estrutura dos módulos para o fundamento de um projeto pedagógico com gêneros textuais.

Quadro 3 – Modelo de SD proposto de Lopes-Rossi – 2004

Fundamentos de um projeto pedagógico	
Módulos didáticos	Sequências didáticas
Módulo 1 Leitura para a apropriação das características típicas do gênero discursivo.	Série de atividades de leitura, comentários e discussões de vários exemplos do gênero para conhecimento de suas características discursivas, temáticas e composicionais (aspectos verbais e não verbais).
Módulo 2 Produção escrita do gênero de acordo com suas condições de produção típica.	Série de atividades de produção: - planejamento da produção (assunto, esboço geral, forma de obtenção de informações, recursos necessários) - coleta de informações - produção da primeira versão - revisão colaborativa do texto - produção da segunda versão - revisão colaborativa do texto - produção da versão final, incluindo suporte para circulação do texto.
Módulo 3 Divulgação ao público, de acordo com a forma típica de circulação do gênero.	Série de providências para efetivar a circulação da produção dos alunos fora de sala de aula e mesmo da escola, de acordo com as necessidades de cada evento de divulgação e das características de circulação do gênero.

Fonte: LOPES-ROSSI, 2004.

O trabalho organizado em sequência didática por meio dos módulos de ensino apresentados acima oportuniza ao professor a possibilidade de acompanhar passo a passo o desenvolvimento da pesquisa em sala de aula com seus alunos/as. Os módulos são divididos em três partes (leitura, escrita e divulgação). Inicialmente, no módulo de leitura, há o contato com o gênero e suas características típicas, proporcionando atividades para que os/as alunos/as tenham conhecimento da temática e dos elementos composicionais do texto em estudo. Depois, há o módulo de escrita no qual é desenvolvido uma série de atividades referentes à produção textual dos alunos com orientações, tanto coletiva quanto individual para cada aluno/a, de modo que ele/ela consiga produzir um texto coerente dentro das características do gênero que, neste caso específico, é o poema em cordel. E no último módulo, o de divulgação, é realizado uma etapa não menos significativa, qual seja o planejamento de divulgação e circulação do texto em seu suporte adequado para a comunidade escolar.

Desse modo, o projeto pedagógico que ora desenvolvemos na escola com a turma do 7º ano, mencionada anteriormente, foi elaborado a partir desses três módulos de ensino, os quais foram atravessados pelas sequências didáticas propostas pelos teóricos referidos neste trabalho. A seguir, descrevemos como se deu as sequências didáticas produzidas exclusivamente para nossa pesquisa, embora reconheçamos que elas podem ser aproveitadas por outros professores também, feita as devidas alterações para se adequar à realidade de cada escola, com base em determinado gênero discursivo.

3.3.1 Módulo de leitura – como atrair o aluno-leitor?

Nesta seção, apresentaremos o quadro que mostra as etapas planejadas para o desenvolvimento do módulo de leitura que foi colocado em prática na proposta de produção textual com o gênero cordel.

Quadro 4 – Descrição das etapas da SD para o Módulo de Leitura (Lopes-Rossi) – 2016

(continual)

MÓDULO DE LEITURA					
Etapas	Procedimentos Metodológicos	Objetivos	Duração	Materiais Necessários	Avaliação
1ª Etapa	Ativação dos conhecimentos prévios sobre o gênero cordel	Motivar os estudantes para a leitura do gênero cordel e para o trabalho a ser realizado	50 min.	Quadro branco, piloto para quadro branco, exemplares de folhetos de cordel.	Contínua
2ª Etapa	Leitura de cordéis	Desenvolver o gosto pelo gênero cordel por meio da leitura	50 min.	Folhetos de cordéis variados	Contínua
3ª Etapa	Trabalhando a estrutura do cordel	Reconhecer a estrutura do cordel: estrofe, ritmo e rima.	2 aulas 50 min.	Folhetos de cordéis variados, quadro branco, piloto para quadro branco.	Contínua
4ª Etapa	Trabalhando a leitura em voz alta	Diferenciar a variação rítmica dos versos do cordel.	50 min.	Notebook, caixa de som, projetor multimídia, folhetos de cordel, quadro branco, piloto para quadro branco.	Contínua

Quadro 4 – Descrição das etapas da SD para o Módulo de Leitura (Lopes-Rossi) – 2016

(conclusão)

MÓDULO DE LEITURA					
Etapas	Procedimentos Metodológicos	Objetivos	Duração	Materiais Necessários	Avaliação
5ª Etapa	Leitura compartilhada	Desenvolver o gosto pela leitura de cordéis de modo compartilhado.	50 min.	Folhetos de cordel impressos e/ou digitalizados, quadro branco, piloto para quadro branco, cartolinas, canetas e cola.	Contínua
6ª Etapa	Interpretação textual	Desenvolver o senso crítico de interpretação e compreensão das histórias de cordel lidas	50 min.		Contínua

Fonte: Autor, 2016.

O módulo de leitura acima foi construído em seis etapas para aulas de 50 minutos cada. Esse primeiro momento foi primordial para o desenvolvimento do projeto porque ele introduz o objeto de pesquisa e precisa motivar os/as alunos/as a realizar as demais etapas do processo em busca de um trabalho bem-sucedido. O planejamento precisava ser bem delineado, pois provavelmente esse seria o primeiro contato dos/as alunos com o gênero cordel.

Os autores estudados para compor esta seção destacam a importância do módulo de leitura, uma vez que ele permite ao/a aluno/a discutir e comentar sobre as condições de circulação do gênero cordel, suas características e temas. Por isso, a variedade de leituras dos folhetos selecionados possibilitou o reconhecimento do gênero, direcionando o olhar especialmente para a estrutura textual: ritmo e rima, elementos fundamentais desse tipo de produção literária; além disso, a leitura de cordéis com temas diversificados pode ampliar o repertório de informações de que os/as estudantes precisavam para produzir seus próprios textos. Isso só foi possível, é claro, através do contato direto com o gênero seja para perceber a diferença nos modos de narrar do texto literário e do texto não literário, seja para se apropriar de suas características.

Um ponto importante na montagem da SD são os materiais necessários para sua implementação. Para esse módulo foram utilizados os seguintes recursos:

Notebook (mas pode ser um computador) para acesso à internet, projetor multimídia para aula expositiva em Datashow, caixa de som para audição de poemas de cordel, caderno do aluno para anotações gerais do conteúdo e para produção textual, coletânea de folhetos de cordel, além do quadro branco e piloto para quadro branco. Esporadicamente foi preciso também outros recursos, tais como cartolina, lápis de cor, cola, dentre outros materiais de consumo.

Conforme o quadro apresentado, logo acima, foram necessárias seis oficinas para o seu planejamento: na 1ª etapa, apresentamos a situação inicial, ativando os conhecimentos prévios dos/as alunos/as sobre o gênero cordel. O principal objetivo aqui foi motivar os/as participantes a estudarem o gênero cordel; a 2ª etapa teve como objetivo principal ampliar o repertório de leitura dos/as estudantes; a 3ª etapa foi pensada para trabalhar a estrutura do gênero cordel, reconhecendo seus principais componentes (estrofe, ritmo e rima); a 4ª etapa teve como objetivo valorizar a oralidade na leitura do cordel, diferenciando a variação rítmica dos versos; a 5ª etapa também teve o objetivo de desenvolver o gosto pela leitura de cordel, mas de maneira compartilhada, alternando a leitura do professor com a leitura do/ aluno/a; a 6ª e última etapa teve a intenção de proceder à interpretação textual, promovendo a compreensão das histórias lidas e desenvolvendo o senso crítico dos/as alunos/as. Essa atividade de interpretação foi feita através de um cordel de Rodolfo Coelho Cavalcanti, considerado um clássico da literatura de cordel em Alagoas.

Com o desenvolvimento desse módulo de leitura, buscamos atrair o/ aluno/a leitor/a a adentrar no universo da literatura de cordel com sua variedade de temas e formas (foram mais de seis folhetos lidos em sala de aula de diferentes autores, principalmente os alagoanos, como Rodolfo Coelho Cavalcanti, Jorge Calheiros e Miguel Nascimento).

3.3.2 Módulo de escrita – como estimular o aluno-escritor?

Nesta seção, apresentaremos o quadro que mostra as etapas planejadas para o desenvolvimento do módulo de escrita.

Quadro 5 – Descrição das etapas da SD para o Módulo de Escrita – 2016

MÓDULO DE ESCRITA					
Etapas	Procedimento Metodológicos	Objetivos	Duração	Materiais Necessários	Avaliação
1ª Etapa	Bate-papo sobre a importância do cordel com Miguel Nascimento	Compreender a importância da escrita e da atividade do cordelista.	2 aulas de 50 min.	Quadro branco, piloto para quadro branco, exemplares de folhetos de cordel	Contínua
2ª Etapa	Conhecendo as estrofes: quadra e sextilha	Produzindo quadras e sextilhas dentro dos limites do cordel	2 aulas de 50 min.	Caderno do/a aluno/a, quadro branco, piloto para quadro branco, notebook com acesso à internet.	Contínua
3ª Etapa	Produzindo com expressividade: atividades de produção em grupo	Produzir cordéis a partir de temas sugeridos	2 aulas de 50 min.	Notebook com acesso à internet, projetor multimídia, quadro branco, piloto para quadro branco, caderno do/a aluno/a.	Contínua
4ª Etapa	Produzindo com expressividade: a linguagem figurada	Reconhecer algumas figuras de linguagem importantes: metáfora, prosopopéia, eufemismo, antítese etc.	2 aulas de 50 min.	Folhetos de cordéis variados, quadro branco, piloto para quadro branco, notebook com acesso à internet.	Contínua
Etapas	Procedimento Metodológicos	Objetivos	Duração	Materiais Necessários	Avaliação
5ª Etapa	Aula de campo: visita ao “lixão” da cidade	Conhecer o “lixão” de Rio Largo para perceber sua gravidade ao meio ambiente, as pessoas e ao transporte aéreo.	3 aulas de 50 min.	Ônibus para transportar os/as alunos/as, caderno para anotação, autorização dos pais, máquina fotográfica e/ou celular para registro.	Contínua
6ª Etapa	A primeira escrita do gênero cordel	Escrever um cordel para participar do concurso de literatura	7 aulas de 50 min.	Notebook com acesso à internet, projetor multimídia, caderno dos alunos para produção de texto, regulamento do concurso	Contínua

Fonte: Autor, 2016.

O módulo de escrita foi pensado para ser executado em várias etapas, totalizando 6 oficinas, mas distribuídas em vinte aulas de 50 minutos. Os conteúdos trabalhados nesse momento concentraram-se basicamente no conhecimento da estrutura do cordel: as estrofes, os versos, as rimas, o ritmo; além de atividade de campo, contamos também com a participação de um cordelista da cidade, o qual tratou do trabalho poeta popular, as características do cordel, formas de construção, estilo, temas, dentre outros elementos no bate-papo que tivemos com o mesmo no interior da escola. Durante todo esse estudo, procuramos relacioná-lo às categorias de análise de nosso trabalho, a saber: composição, estilo e autoria que tomamos emprestado da teoria bakhtiniana e a qual voltaremos no momento da análise.

De um modo geral, os recursos necessários para o planejamento do módulo de escrita foram quase os mesmos já utilizados no módulo de leitura, com raras exceções. Foram usados então os seguintes materiais: notebook ou computador com acesso à internet, projetor multimídia, caixa de som, folhetos de cordel impresso e digitalizado, vídeo sobre o gênero discursivo cordel, slides sobre a temática, caderno dos/as alunos/as para anotações, atividades impressas, quadro branco e caneta para quadro branco.

Essa etapa da escrita precisou ser feita com bastante cuidado e paciência, pois escrever provavelmente seja uma das atividades mais difíceis na/da escola, porque os/as alunos/as desse nível de ensino não estão acostumados a escrever regularmente. Desse modo, o processo de reescrita dos poemas de cordel foi uma quebra de paradigma, visto que muitos dos alunos não estavam acostumados a retomar seus textos após uma primeira produção. Nessa perspectiva o bilhete orientador foi um método relevante de ação pedagógica sobre a escrita dos/as alunos/as porque, percebi, que eles gostavam e se sentiam importantes por receberem algum recado do professor para melhora de seus textos. Na maioria das vezes, os/as estudantes conseguiam atender às orientações sugeridas, conforme veremos na análise dos dados na seção 4.

Contudo, esse foi um trabalho difícil e demandou muito tempo por parte do professor, principalmente porque as turmas eram muito cheias, contando com cerca de 30 alunos/as e as condições materiais e estruturais da escola não favorecia a um trabalho individualizado para atender cada aluno/a separadamente. Por isso que, em alguns momentos, recorreremos à sugestão de Lopes-Rossi para a “correção participativa” (2004, p. 77). Desse modo, a ação pedagógica efetivada em sala de

aula ocorreu de maneira variada, ora o professor orientava aos/as alunos/as coletivamente, ora ele reunia os/as colegas em grupo para facilitar a troca de experiência e ajuda mútua, tendo sempre a mediação do professor.

O quadro apresentado para o módulo de escrita contou com o seguinte planejamento, o qual descreveremos abaixo.

Na 1ª etapa, tivemos um bate-papo com o poeta local chamado Miguel Nascimento, o qual falou por quase uma hora sobre a importância da literatura de cordel e sua atividade como escritor de poesia popular. A entrevista ocorreu na própria escola, conforme veremos mais detidamente na análise, e, na ocasião, o cordelista leu várias estrofes de cordéis de sua autoria, além de ter distribuído para cada estudante um de seu mais recente folheto, o qual analisaremos posteriormente.

A 2ª etapa objetivou estudar a estrutura do poema de cordel, com foco na construção das estrofes de quatro versos (a quadra) e nas estrofes de seis versos (sextilha), porque são formas composicionais relativamente estáveis em sua configuração, apresentando regularidade rítmica (com rimas nos versos pares). De maneira geral, a turma gostou dessa atividade e a maioria conseguiu produzir sua primeira estrofe, que ficou registrada no caderno de cada um para ser retomado nas oficinas seguintes.

A 3ª etapa, produzindo com expressividade, teve como foco a escrita e reescrita dos primeiros textos de cordéis produzidos coletivamente.

A 4ª etapa tratou sobre a escrita realizada de maneira expressiva através do reconhecimento da linguagem literária. Nessa oficina, apresentamos que o poeta além de se preocupar com a forma estrutural de seu texto, ele também se preocupa com a maneira de escrever, com as relações de sentido que a palavra pode adquirir através de algumas figuras de linguagem, tais como: a metáfora, a hipérbole, personificação, antítese, dentre outras mais usadas no dia a dia.

A 5ª etapa foi uma aula de campo e implicou em uma visita ao “lixão” da cidade de Rio Largo para que os alunos pudessem ter um contato direto com a triste realidade do descarte inadequado do lixo da população.

A 6ª e última etapa, a mais longa de todas, tratou da primeira escrita, realizada com um propósito social, pois ela culminou na produção dos cordéis para a participação no concurso de literatura promovido pela INFRAERO em parceria com a SEMARH e a SEMED de Rio Largo. Além disso, pudemos ler todos os cordéis e

devolvê-los com o bilhete orientador, quando necessário, para possíveis ajustes no momento de reescrita e revisão.

3.3.3 Módulo de divulgação – uma apresentação (po)ética à comunidade

O quadro 6 mostra as etapas realizadas para o módulo de divulgação:

Quadro 6 – Descrição das etapas da SD para o Módulo de Divulgação – 2016

MÓDULO DE DIVULGAÇÃO					
Etapas	Procedimento Metodológicos	Objetivos	Duração	Materiais Necessários	Avaliação
1ª Etapa	Sarau: apresentação poética na escola.	Apresentar os cordéis produzidos durante o desenvolvimento do projeto à comunidade escolar.	4 aulas de 50 min.	Notebook com acesso à internet, projetor multimídia, caixa de som, microfone, auditório	Contínua
2ª Etapa	Premiação do concurso: auditório da INFRAERO.	Participar da premiação do concurso na INFRAERO.	2 aulas de 50 min.	Transporte para levar os alunos até o local do evento	Contínua

Fonte: Autor, 2016.

A última etapa da sequência didática planejada foi o módulo de divulgação que ocorreu inicialmente no interior da escola para, depois, percorrer outros ambientes fora da unidade escolar. Essa atividade é de suma importância porque ela tem um caráter de culminância de todo o trabalho realizado durante a execução da proposta. Além disso, ela deve ser feita, conforme explica Lopes-Rossi na "forma típica de circulação do gênero" (2004, p. 78), ou seja, no formato do folheto.

Essa etapa do trabalho ocorreu em forma de organização de um sarau para mostrar à comunidade escolar os cordéis produzidos. A exposição contou com a participação dos pais e da comunidade em uma cerimônia especial.

Organizou-se, com os alunos, o ambiente para o sarau, o qual foi realizado no próprio espaço da escola para que pudesse comportar os alunos e seus familiares. Como houve condições, a apresentação ocorreu com o auxílio de microfone e caixas de som para a declamação de alguns folhetos. Acreditamos que é importante que os estudantes estejam à vontade e se sintam valorizados pelo trabalho feito com a poesia de cordel.

A segunda parte do módulo de divulgação ocorreu no espaço da INFRAERO no Aeroporto Internacional Zumbi dos Palmares, localizado na mesma cidade em que os/as estudantes residiam. Além da cerimônia de premiação, os/as estudantes presentes puderam ter acesso às áreas reservadas para os funcionários da instituição. Nesse dia, conhecemos a cabine de controle da INFRAERO e participamos de uma apresentação de primeiros socorros promovida pelos Bombeiros, já que, entre outras coisas, o concurso visava à conscientização para os riscos que os urubus poderiam provocar à aviação. O brinde de premiação seria um sobrevoo de helicóptero pelo entorno da cidade com os autores dos três primeiros poemas selecionados no concurso, mais o professor regente da sala e um componente da direção. Para a participação desse evento, os/as estudantes precisariam da autorização de seus pais, através do preenchimento de um formulário específico fornecido pela equipe da INFRAERO.

4 ANÁLISE DA AÇÃO PEDAGÓGICA

Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém [...] A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor.

Bakhtin (2006, p. 13)

Nesta seção, iremos descrever e analisar como se deu a experiência da ação pedagógica que realizamos com o gênero cordel na Escola de Educação Básica D. Pedro I, no ano de 2016, com os alunos do 7º ano das séries finais do ensino fundamental, turno vespertino. Conforme apontamos na seção 3 da metodologia, este trabalho reflete uma pesquisa qualitativa com foco principalmente para a produção escrita de autoria dos/as próprios/as alunos/as, mas também tem cunho descritivo e explicativo uma vez que propusemos uma reflexão dos relatos de sala de aula com a sequência didática.

Inicialmente, apresentaremos o perfil da turma, bem como o ambiente em que ocorreu todo o processo de trabalho com a leitura e escrita do gênero cordel vivenciado pelo/as sujeitos da pesquisa. Logo após, discutiremos como ocorreu o desenvolvimento dos módulos de estudos: de leitura, de escrita e de divulgação, baseados em Lopes-Rossi (2004), atravessado pelos estudos de Schneuwly e Dolz (2004) sobre a SD.

Ao longo desta exposição, apresentaremos a SD e os cordéis produzidos pelos/as alunos/as, analisados a luz da teoria levantada nos capítulos anteriores sobre o processo de interlocução. Esse processo, conforme definido na epígrafe que abre esse capítulo, pressupõe a existência de sujeitos que se comunicam a partir de situações da realidade social concreta em que se encontram. Esses elementos estão todos presentes na pesquisa: há os sujeitos (alunos/as) que produzem determinado gênero (cordel) para pretensos leitores (primeiramente a banca do concurso de literatura e depois toda a comunidade) sobre determinado conteúdo, qual seja, a conscientização para preservar o meio ambiente através da poesia popular.

Mas até chegar nesse resultado final houve um longo caminho a ser percorrido. Cumpre destacar, que o trabalho desenvolvido com o gênero cordel não foi fácil de ser executado, pois ele exigiu um arcabouço teórico sólido por parte do professor, além da disponibilidade de tempo hábil para ler os textos dos/as estudantes, dar o feedback necessário para a posterior reescrita e revisão dos poemas. Aliás, qualquer docente que queira executar uma proposta como essa, precisa demonstrar interesse e gosto pela literatura popular para despertar também o interesse dos/as alunos/as. Por isso mesmo, a planificação da SD através dos três módulos de ensino foi elaborada pensando no processo evolutivo da escrita autoral, passando pela leitura, o processo gradativo de produção até desembocar com a culminância do projeto pedagógico.

Desse modo, a nossa SD foi aplicada através de várias horas-aulas porque foi necessário respeitar o ritmo de aprendizagem de cada estudante. Ora, uma experiência dessa natureza não pode ser realizada em apenas duas, três ou quatro oficinas, sob o risco de o resultado não ser alcançado de maneira satisfatória. Em nosso caso, o resultado foi gratificante, o que nos autoriza a dizer que a proposta teve efeito exitoso. Contudo, em alguns momentos, nos deparamos com alguns problemas que precisaram ser solucionados: como por exemplo, podemos citar a falta de transporte para conduzir os/as alunos/as à aula de campo no “lixão”, que está situado em uma região afastada da cidade e de difícil acesso. Na ocasião, tivemos que transportar os/as alunos em dois veículos particulares.

Outra situação desagradável que tivemos de enfrentar foi a reclamação de um dos pais que se queixou à coordenação da escola sobre a falta de ensino de gramática nas aulas de português. Além disso, tivemos de desembolsar os recursos necessários para trazer o cordelista à escola, pois infelizmente não existem recursos próprios da instituição para financiar esse tipo de atividade.

4.1 Para início de conversa... os sujeitos do processo

Para colher os dados da análise do perfil dos/as alunos/as foi aplicado um questionário com dez perguntas que discorriam sobre aspectos concernentes à relação dos/as alunos com a escola, com a leitura e com a escrita (APÊNDICE D). Quanto ao gênero, dos/as 35 alunos/as, 21 eram meninas e 14, meninos. Três dos meninos tinham 14 anos e os demais, 13 anos. Em relação à faixa etária, nas

meninas, variava entre 12 e 13 anos. Desse modo, comparando a idade x série, podemos verificar que a maioria dos/as estudante encontrava-se fora da faixa etária adequada para o sétimo ano (a média adequada seria 12 anos). Os motivos apresentados para essa distorção foram vários, além da evidente reprovação há também o desinteresse pela escola, a falta de ânimo para estudar, a desmotivação, as aulas pouco empolgantes e, em alguns casos, eles/elas relataram que sucessivas mudanças de bairro ou cidade, atrapalharam a continuidade dos estudos.

A constatação desses problemas nos faz pensar na seguinte questão: de que maneira a escola pode trabalhar para evitar tanta reprovação? Como evitar tanta evasão escolar? Evidentemente que a resposta a essas perguntas foge ao escopo de nosso trabalho e demandaria objeto para outra pesquisa. Contudo, o importante é perceber que o problema do desinteresse dos/as estudantes pode estar associado à falta de estrutura, com salas de aula lotadas, sem ventilação adequada; a ausência de área de lazer, sem condições mínimas de recreação; a má qualidade da merenda escolar; ausência de material didático atraente, conforme já referimos anteriormente sobre os problemas da Escola D. Pedro I, mas que também é uma realidade da maioria das instituições que compõem a rede municipal da cidade. Ou seja, há um clima completamente desfavorável que compromete a qualidade do processo de ensino e aprendizagem. Sem falar ainda na violência que tem assolado o espaço escolar com o tráfico de drogas cada vez mais se intensificando.

Toda essa dificuldade nos faz pensar nos obstáculos que o professor da educação básica enfrenta em seu cotidiano, tendo que fazer, muitas vezes, não só o papel de docente, mas de pai/mãe, psicólogo/a, amigo/a, juiz/a, dentre outros. Quem ministra aula no nível fundamental sabe que nosso trabalho, muitas vezes, se compara a uma missão no sentido de que o ensino exige comprometimento por parte do professor para transformação de seus alunos/as. Essa reflexão está expressa em Paulo Freire quando em sua obra intitulada *Pedagogia da autonomia* (1991), ressalta o quanto um determinado gesto do educador pode repercutir na vida de um/uma aluno/a. Desse modo, para Freire, a construção de um conhecimento em parceria com o/a educando/a depende da relevância que o educador dá ao contexto social. Esses são alguns “saberes” que o professor precisa levar em conta no exercício da docência.

Ainda de acordo com o questionário aplicado, foi possível extrair algumas informações importantes sobre os hábitos que os/as alunos/as tinham sobre a leitura

e a escrita, o que eu pressupunha ser bastante animador, já que a maioria dos/as estudantes dessa turma tinha estudado comigo durante o ano de 2015. A partir desse diagnóstico constatou-se alguns dados interessantes: com relação à leitura, a maioria afirmou gostar de poesia, porém lia com pouca frequência; tinham noções bastante diferentes sobre a função do texto poético (para uns ela servia para orientar, convencer, informar e, para poucos, a poesia tinha intenção de expressar e despertar a subjetividade); foi possível perceber também que os alunos não tinham costume de declamar em voz alta.

Já as perguntas relacionadas à escrita mostraram que a maioria gostava de escrever, principalmente poemas. Inclusive mencionaram a experiência realizada no ano anterior quando tiveram poemas publicados em uma antologia organizada pelo professor, na ocasião do centenário da cidade. Entretanto, cerca de 11 alunos, oriundos de outras escolas, deram respostas negativas ao questionário: a maioria afirmou não gostar da escrita, seja porque não se interessavam pelo ato e outros porque não sabiam escrever com desenvoltura, tinham algumas dificuldades. Esse dado novo não me assustou, pois é comum alunos/as chegarem a esse nível de ensino com problemas de leitura e escrita.

Por último, uma das questões estava relacionada ao gênero cordel. Aqui, particularmente, eu esperava respostas positivas. Contudo, a maioria falou não conhecer o gênero, embora demonstrasse interesse em estudá-lo, o que sugere que o trabalho será desenvolvido de forma positiva.

Este é o nosso objetivo, contribuir para o desenvolvimento do domínio da linguagem, por considerarmos que a escrita é um dos elementos importantes na formação do/a aluno/a do ensino fundamental. Ao trazer para a sala de aula uma proposta de produção textual a partir de uma situação discursiva bem direcionada, esperamos alcançar os resultados desejados.

4.2 A motivação a partir da leitura literária

Antes de apresentarmos o desenvolvimento do módulo de leitura, gostaríamos de enfatizar que não nos deteremos muito nessa descrição, já que nosso trabalho está direcionado mais para a prática de escrita. Desse modo, relataremos brevemente como ocorreram as etapas dessas oficinas.

Alguns dias antes do início de nosso trabalho, a equipe da INFRAERO, da SEMED de Rio Largo e da SEMARH estiveram na escola apresentando a proposta do concurso literário, tanto para as turmas do ensino fundamental das séries iniciais (matutino) quanto para as turmas das séries finais (vespertino). Eles tinham a intenção de promover o concurso, através do gênero cordel, para conscientizar a população para o perigo que as aves (e principalmente os urubus) traziam à aviação quando sobrevoavam pelo entorno do aeroporto. Então, com um trabalho de conscientização e eliminação gradativa do lixo, evitaria que as aves fossem atraídas para perto da área urbana. Abaixo, há o registro da equipe na escola.

Figuras 1 e 2 – Visita da equipe da INFRAERO à escola, em setembro de 2016



Fonte: Autor, 2016.

Situar essa informação é importante porque apresenta a situação real na qual os/as alunos/as estariam inseridos/as, principalmente quando adotamos a linguagem como um processo de interação dialógica entre os sujeitos. É preciso conhecer como surgiu a proposta de trabalho e qual o contexto no qual os sujeitos estão inseridos. Nessa perspectiva, considerar os/as alunos/as envolvidos/as na pesquisa como sujeitos históricos, situados num determinado lugar e carregado de valores foi fundamental para estreitar os laços com a teoria que adotamos desde o início.

Após a apresentação do projeto, entramos em sala de aula para verificar a adesão da turma que, prontamente, a aceitou⁷. Então, com isso, precisávamos iniciar um planejamento de estudo e partimos, com base na orientação de Rildo Cosson (2012), motivando e preparando os/as alunos para entrar em contato com o

⁷ Essa demanda caiu como uma “luva”, porque o mestrado já estava em andamento e, tínhamos desde o início, o interesse em trabalhar com a poesia na sala de aula. A experiência com o gênero cordel redirecionou o nosso objeto de estudo.

universo literário. Cosson (2012) afirma que a “motivação” é o núcleo de preparação do/a aluno/a para entrar no texto (encontro leitor/a e obra). A construção de uma situação em que os/as alunos/as devessem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais da construção da motivação (COSSON, 2012, p. 55).

De posse das informações para apresentar aos/as alunos/as, o projeto intitulado Educação Ambiental e o Risco Aviário (já referido anteriormente), precisávamos chamar a atenção da turma envolvida para que fossem motivados/as a “abraçar” a ideia de forma satisfatória, compreendendo a importância do problema social levantado, que era a questão do acúmulo de lixo na cidade. Evidentemente a preocupação primária da INFRAERO era com os riscos que o lixo provocava ao aeroporto, pois no início do ano de 2016, um urubu que se chocou com um avião quase provoca um acidente grave na decolagem. Por sorte o piloto conseguiu pousar novamente no aeroporto, sem maiores riscos. Mas, apesar desse risco iminente, sabemos que o lixo provoca ainda outros problemas como a degradação ambiental, poluição de rios, transtornos para a população, além de evidenciar a desigualdade social, principalmente das pessoas que sobrevivem catando detritos no “lixão”.

Pensando nisso, propus a leitura de um poema muito conhecido de Manuel Bandeira, o qual transcrevo abaixo:

O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundice do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa;
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.
(BANDEIRA, 1993, p. 201)

Evidentemente que esse texto não é um poema de cordel, mas ele serviu para iniciar a reflexão sobre a temática. Após a leitura silenciosa do poema, procedi a uma leitura em voz alta com a turma para, em seguida, socializarmos uma interpretação. Vimos juntos como esse texto de Manuel Bandeira expressa um flagrante do dia a dia, no qual nos identificamos porque é uma situação com a qual

nos deparamos na cidade cotidianamente. O poeta retrata a cena de forma simples, utilizando-se de uma linguagem coloquial e acessível a qualquer um, inclusive para alunos/as de nível fundamental. Esse poema não causou nenhum problema de interpretação no momento em que foi lido em sala de aula.

Entretanto, há uma surpresa preparada para o/a leitor/a a qual foi muito bem percebida por alguns/algumas alunos/as: o “bicho” a quem o eu lírico faz referência não é um ser irracional, mas o homem cuja condição se assemelha a de um animal jogado entre os detritos, cuja condição intensifica a dinâmica da fome, reduzindo a situação do eu lírico a um estado de desumanidade e de miséria.

No nosso cotidiano, pois, ao contemplar uma pessoa na rua da cidade revirando o lixo além de causar tamanha comoção, também banaliza o estado de pobreza. Com isso, os/as estudantes puderam perceber como a poesia, a despeito de sua intenção estética, tem também a finalidade de refletir sobre a condição humana. O poeta, então, é aquele que não apenas contente em viver a realidade, procura expressá-la por um equivalente verbal apropriado, qual seja, a palavra.

Estava assim lançada a proposta do projeto Educação Ambiental e o Risco Aviário: envolver alunos/as do ensino fundamental em atividades contínuas e permanentes de leitura e escrita literárias sobre o tema na comunidade escolar, por isso a INFRAERO lançou o I concurso de literatura de cordel apenas para as escolas públicas do entorno do Aeroporto Zumbi dos Palmares. Cada aluna/o, por série, poderia concorrer com um texto de sua própria autoria, o que representava um enorme desafio para a minha escola e, sobretudo para a minha turma de 7º ano.

Mas de que maneira guiar um trabalho com o letramento literário de modo que a proposta não ficasse reduzida apenas a participação dos/as alunos/as em um concurso? Como apresentar a literatura de cordel? Quais textos e quais autores/as eu deveria selecionar? De que maneira guiar uma proposta didática com o gênero discursivo cordel, de modo a garantir que os/as alunos/as conseguissem produzir seus próprios textos? Essas questões me inquietavam porque sempre tive a consciência de que a literatura tinha um papel bem mais importante para a formação humana dos sujeitos do que apenas instrumentalizá-los para alguma finalidade imediata.

Nessa perspectiva, elaboramos uma planificação em sequência didática a partir de três módulos de estudos, conforme mencionamos na metodologia. Começamos, pois, pelo primeiro módulo da SD, a qual foi sistematizada passo a

passo em seis etapas. Elas geraram muitas expectativas a respeito do trabalho com o gênero cordel. O planejamento foi apresentado aos sujeitos envolvidos e a eles entregamos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice A) para que levassem ao conhecimento dos pais pedindo-lhes a autorização para participação na pesquisa. Todos devolveram os termos assinados posteriormente.

A primeira etapa, então, procurou apresentar um pouco sobre o gênero cordel ao mesmo tempo em que fomos percebendo o que os/as alunos/as já tinham de conhecimento prévio sobre o assunto. De modo geral, muito do que falávamos era novidade para uns, e outros, provavelmente por timidez, não manifestaram opinião sobre o conteúdo. Ao final da aula, os/as estudantes responderam ao questionário de pesquisa, que analisamos na seção anterior e que o leitor deste texto pode conferir no apêndice D.

Sem mais delonga, na segunda etapa do módulo de leitura, adentramos em contato com um folheto de cordel de autoria de Rodolfo Coelho Cavalcanti⁸ intitulado “A chegada de Lampião no céu”, considerado um clássico do gênero. Primeiramente fiz a leitura em voz alta e pedi aos/as estudantes que atentassem para o modo como o poema fora construído. A leitura foi realizada de maneira pausada para que eles entendessem a história narrada no cordel e a forma como as rimas foram distribuídas.

Após a leitura do folheto, solicitamos para que comentassem o que tinham entendido. Nessa aula, os/as estudantes já se apresentaram mais alegres, rindo com o enredo da narrativa, pareciam estar mais à vontade na condição de ouvintes. Concluímos os trabalhos do dia com um questionário feito no caderno. O objetivo dessa aula foi alcançado, pois queríamos que os/as alunos/as sentissem o poema de cordel, se deleitassem com a leitura através do humor que ele proporcionou. Aliás, esse é o principal motivo do texto literário: provocar a fruição e o deleite no ato da leitura.

⁸ Rodolfo Coelho Cavalcanti nasceu em Rio Largo (AL) em 1919. Entretanto, consta do registro de nascimento a data de 1917. Filho de Arthur de Holanda Cavalcante e Maria Coelho Cavalcante, foi criado pelos avós maternos até os 8 anos, quando retorna à casa dos pais. As constantes mudanças entre Maceió e Rio Largo o obrigaram a trabalhar para ajudar no sustento familiar. Adolescente, percorre parte do Norte e Nordeste, atuando como camelô, palhaço de circo, dentre outras atividades. Desde essa fase, já se faz notar como bom versejador, participando de pastoris, cheganças e reisados. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/RodolfoCoelho/rodolfoCoelho_biografia.html#>. Acesso em: 6 jan. 2018.

Essa concepção reflete também o pensamento filosófico de Bakhtin para quem entende ser a criação artística algo esteticamente significativo capaz de gerar prazer no indivíduo. Para o autor, na linguagem "o material se organiza na arte pela forma, de modo a transformar-se num estimulador das sensações agradáveis e dos estados do organismo psicofísico" (BAKHTIN, 2011, p. 20).

Seguindo o plano de trabalho, na terceira etapa, estudamos detidamente os aspectos estruturais do gênero cordel. Para tanto, selecionamos um folheto de outro cordelista alagoano, dessa vez, Jorge Calheiros⁹, intitulado *Matuto Zé Cará*. Após a leitura, pedimos aos/as alunos/as que escrevessem alguns versos no caderno para que pudéssemos entender melhor a composição das estrofes, rimas e ritmo do cordel. Acreditamos que esse exercício foi importante porque podemos identificar como o poeta popular trabalha engenhosamente com o jogo de palavras e com a habilidade de produzir a rima, aspecto formal essencial da literatura de cordel. Além disso, demos ênfase na entonação da voz no momento da leitura: projetamos o cordel no projetor multimídia e fomos lendo estrofe a estrofe indagando os/as alunos/as e aguçando a imaginação deles/delas para as cenas narrativas que se seguiam. Esse ritual acabou gerando expectativas suficientes para mantê-los interessados pela leitura do texto, que trata das aventuras de um personagem, homônimo do folheto, na cidade de Coruripe/AL, vivendo muitas peripécias para se dar bem na vida. Ao final dessa etapa, apresentamos a história lida em formato de animação em curta metragem disponível no Youtube¹⁰.

Na quarta etapa do módulo de leitura, procuramos despertar a atenção dos/as alunos/as para audição do poema de cordel, já que em sua origem, a oralidade era a sua única forma de transmissão até o advento em seu formato escrito, conforme vimos no percurso histórico da poesia trovadoresca aos dias atuais. Além da leitura

⁹ Jorge Calheiros nasceu na cidade de Pilar, em Alagoas, no dia 08 de agosto de 1939. Ainda garoto, por volta dos 10 anos, ajudava o seu pai e os três irmãos a catar madeira no meio da mata para fazer carvão, depois vendido no comércio de Pilar. Foi nesta época em que teve o primeiro contato com a literatura de cordel e não parou mais de produzir. Hoje, aos 79 anos, residente em Maceió, Jorge Calheiros tem mais de 200 folhetos publicados, os quais podem ser adquiridos nas bancas de revistas do centro de Maceió, no Museu Théo Brandão ou na Biblioteca Estadual de Alagoas. Pelo conjunto do seu trabalho e pelo papel que desempenha na preservação da cultura oral nordestina, através dos seus cordéis, Jorge Calheiros foi agraciado em 2011 pelo Registro de Patrimônio Vivo de Alagoas (RPV/AL). E, em 2010, a história do Matuto Zé Cará foi adaptada para o cinema, no curta-metragem alagoano narrado pelo próprio cordelista e ilustrado em forma de animações criadas pelo artista plástico Weber Bagetti. GRACILIANO. **Poeta Jorge Calheiros**: síntese biográfica. [S.l.: s.n.: 20?]. Disponível em: <<http://graciliano.tnh1.com.br/2013/05/22/jorge-calheiros-o-poeta-dos-cordeis/>>. Acesso em: 6 jan. 2018.

¹⁰ CALHEIROS, Jorge. **Matuto Zé Cará**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=f57n8lsn7xc>>. Acesso em: 6 jan. 2018.

feita pelo professor, nessa etapa, os alunos ouviram cordéis gravados na internet. Isso foi bastante significativo para que diferenciassem a imitação de voz, a melodia e entonação que deve ser dada aos textos populares. Para essa atividade, recorreremos novamente ao Youtube, dessa vez no canal de Bráulio Bessa, cordelista nordestino, que ficou conhecido pela habilidade na arte da declamação de poemas. Apesar da qualidade dos poemas do autor mencionado, fazer com que os/as alunos/as escutassem a leitura dos cordéis foi, a meu ver, uma boa estratégia, pois eles puderam perceber que os poemas podem, inclusive, ser cantados. A propósito, existe ainda hoje uma vertente cantada da literatura de cordel, denominada de “repente”, que é a recitação de cordéis acompanhados pelo pandeiro ou violão.

Dando continuidade ao módulo de leitura, a quinta etapa procurou sistematizar a dinâmica de leitura compartilhada a fim de desenvolver ainda mais o gosto pela leitura de cordéis. Nessa atividade, formamos uma roda de leitura e distribuímos, recortada em pedaços de folha de papel A4, uma estrofe de poema de cordel. O folheto selecionado foi de autoria do paulista César Obeid intitulado “Vida Rima com Cordel”, o qual utiliza temas comuns do dia a dia, como família, vida, futuro e natureza, para construir poemas em cordel divertidos para se ler e declamar. Procuramos com essa dinâmica ir tirando, aos poucos, a timidez que alguns/algumas alunos/as tinham de ler em voz alta, além de ampliar o repertório de leitura deles, pois o cordel de Obeid trata de questões importantes para a preservação do meio ambiente, tema que também seria solicitado para os/as alunos quando fossem produzir seus próprios cordéis para o concurso de literatura.

Por fim, a sexta e última etapa da SD foi realizada a partir do folheto intitulado “Descarte inadequado do lixo da população” de Miguel Nascimento¹¹, remanescente da poesia popular de Rio Largo, cidade em que está localizada a escola em que foi executada a pesquisa. Essa atividade procurou focalizar o aspecto da interpretação textual que iria ser solicitada a seguir.

¹¹ Acredito ser digno de nota mencionar, mesmo que brevemente, algumas informações sobre o autor: Miguel Nascimento é natural de Rio Largo. Nascido em 06/07/1969, ele é de origem pobre, humilde, porém trabalhador como a maioria dos brasileiros, conforme ele mesmo fez questão de frisar. Casado, pai de dois filhos, Miguel hoje é funcionário administrativo da prefeitura do município. Autor de mais de 150 folhetos, o poeta escreve desde a adolescência e seus versos têm como principal característica o cotidiano como fonte de inspiração. Exemplo disso são alguns títulos de seus folhetos lidos para os/as alunos/as: “Quando Sadan Hussem chegou ao céu”; “A gata que pariu cachorra” e o “O jogador de mentira”. Mas o reconhecimento do seu trabalho, ressalta o artista, veio aos poucos com o cordel “A peleja entre um alagoano e um sergipano”, de 2013, escrito em parceria com um colega de Aracaju. Esse foi um dos únicos folhetos publicado em editora e que o poeta conseguiu enfim ganhar algum dinheiro.

Na próxima seção, iremos voltar a essa obra. Por ora, cumpre salientar que o cordel do autor foi lido e discutido em sala de aula e, depois, foi solicitado questões de interpretação do texto para os alunos responderem no caderno. Esse exercício foi válido para averiguar como os/as discentes compreenderam a leitura do cordel de Miguel Nascimento.

4.3 Lixo, urubus, degradação nas experiências com a escrita

Nesta seção, pretendemos relatar e analisar a SD organizada no módulo de escrita, que foi dividida em seis etapas e abrangeu a maior quantidade de horas-aula da pesquisa.

Nesse módulo de escrita, nos guiamos pelo mesmo ideário com que alimentamos a pesquisa desde o início: o uso da linguagem como atividade interativa de interlocução. Irandé Antunes (2009), autora já referida neste trabalho, nos lembra que a escrita deve ser vista em uma relação cooperativa na qual dois ou mais sujeitos participem interativamente do processo. Com esse direcionamento, não podemos perder de vista essa concepção, porque ela dar conta do movimento que ocorre em toda a manifestação verbal das ideias: ou seja, nos elementos essenciais dos interlocutores do discurso, há a tríade escritor/falante - texto - leitor/ouvinte, fazendo parte da cadeia discursiva (BAKHTIN, 2011).

Foi sob esse enfoque, compreendendo a escrita como atividade interativa entre os sujeitos que desenvolvemos essa pesquisa.

Convicto dessa verdade, procuramos passá-la também para os/as nossos/as alunos/as, ou seja, ao produzirem seus textos, eles não estavam escrevendo apenas para mim, enquanto professor da disciplina, mas teriam de ter em mente um leitor concreto, sejam os avaliadores da banca do concurso de literatura, seja a comunidade escolar que participaria da culminância do projeto ou qualquer leitor que tivesse acesso ao seu texto no futuro, uma vez que a produção textual prevê a publicação dos cordéis em formato de folhetos. Essa proposta procurou fugir, também, daqueles velhos exercícios de produção de texto, um martírio tanto para os alunos quanto para os professores, chamados de “redação” com temas do tipo: “minhas férias”; “dia das mães”; e assim por diante. Para Geraldi (2006), “tais temas, além de insípidos, são repetidos todos os anos, de tal modo que uma criança da sexta série passa a pensar que só se escreve sobre essas coisas” (p. 64). Com o

gênero cordel não foi assim, a situação discursiva estava bem explícita e os/as alunos sabiam, desde o início, o que iriam escrever, sobre o que e para quem iriam escrever.

Desse modo, definida a concepção de escrita como atividade interativa e adotada por nós durante a pesquisa na escola, passamos a partir de agora à análise das etapas que englobam o módulo de escrita.

A primeira etapa foi organizada de modo a fazer com que os/as alunos/as compreendessem a importância da escrita do cordel, quem o produz, sobre o que ele trata, para quem, de que maneira? Essas questões poderiam ser melhor respondidas principalmente por alguém que realmente faz uso do gênero cordel efetivamente, por isso preparamos um bate-papo com um cordelista local.

O encontro foi marcado para o dia 29 de novembro de 2016, às 14h, em um dos espaços da escola. Preparei antecipadamente as turmas para que alguns/algumas alunos/as escrevessem perguntas para entrevistar o poeta no momento do bate-papo. O evento durou quase duas horas, um pouco cansativo para os/as alunos/as, mas foi o suficiente para Miguel Nascimento responder as perguntas, declamar alguns trechos de vários folhetos que já tinha publicado e distribuir para todos/as os/as alunos/as o folheto de cordel, produzido há poucos meses, intitulado “Descarte inadequado do lixo da população”. Abaixo, há uma sequência de imagens que mostram a interação do poeta com os/as estudantes.

Figura 3 – Cordelista Miguel Nascimento na escola



Desse encontro, pudemos saber bastante sobre a biografia do autor a qual foi, mais tarde em sala de aula, sistematizada em um texto expositivo que expusemos em um mural confeccionado para publicar todo o conhecimento estudado sobre a literatura de cordel durante cada oficina.

Sem dúvida, o contato entre artista e leitores/as (os/as alunos/as) foi importante porque provocou a possibilidade de interação entre escritor e público, além da troca de experiências que o encontro proporcionou.

Figura 4 – Cordelista com o professor e a turma



Fonte: Autor, 2016.

Na aula seguinte, retomamos o cordel de Miguel Nascimento intitulado “Descarte inadequado do lixo da população” para relê-lo, uma vez que seu conteúdo se relacionava intimamente com o tema do concurso de literatura que estava por vir. Por ser um cordel relativamente curto, transcrevo-o na íntegra logo abaixo para, em seguida, tecer algumas observações sobre ele.

Descarte inadequado do lixo da população

Meus amigos e amigas
Vamos aqui poetizar.
Sem querer titubear,
Tão pouco causar intriga.
Venha o bom e me siga,
Vamos fazer uma intervenção
Mostrar que tem solução
Um caso complicado
O descarte inadequado
Do lixo da população.

Veja bem o que fazer
 Com o lixo produzido
 Espero não ter esquecido
 E você possa me entender
 Quando porém esquecer
 Esta tal situação
 É acabando com o lixo
 Tendo o mesmo eliminado
 O descarte inadequado
 Do lixo da população.

O povo vai se alertar
 Com este cordel simplório
 Altamente explanatório
 Para poder te orientar
 Assim pode consertar
 Sem causar confusão
 Para você meu irmão
 Que é muito educado
 Acaba o descarte inadequado
 Do lixo da população.

Este lixo meu amigo
 Faz surgir urubus
 Garças e também anus
 Pondo voos em perigo
 Que ver se eu consigo
 Com você dar uma mão
 Para que nosso avião
 Tenha seu destino completado
 Sem o descarte inadequado
 Do lixo da população.
 De mãos dadas todos nós
 Vamos o hábito mudar
 Para assim não provocar
 O silêncio de nossa voz
 Ficando juntos e não a sós
 Numa grande comunhão
 Para fazer revolução
 Contra o mal provocado
 Pelo descarte inadequado
 Do lixo da população.

Assim vamos conseguir
 Prezar o aeroporto
 Procurando mais conserto
 Ao avião voo permitir
 Assim porém construir
 Uma grande proteção
 Eu e você meu irmão
 Num exercício reforçado
 Contra o descarte inadequado
 Do lixo da população.

Temos que conscientizar
 A nossa população
 Que com mais educação
 Poderemos evitar
 A toda ela orientar
 Sem nenhuma humilhação

Quando não ter mais errado
Com o descarte inadequado
Do lixo da população.

Vamos porém fazer
Uma coleta seletiva
Uma campanha bem ativa
Para tempo não perder
Assim vão nos reconhecer
Por nossa bela ação
Que fará transformação
Deixando assim um legado
Sem o descarte inadequado
Do lixo da população.

Este livreto foi publicado em meados de 2016 reflete perfeitamente um incidente ocorrido no Aeroporto Zumbi dos Palmares, localizado em Rio Largo, quando um urubu, chocando-se com uma das turbinas de uma aeronave, quase provoca um acidente grave no mês de abril do mesmo ano. A leitura desse cordel com os/as alunos/as se relacionou perfeitamente com o tema no qual, mais tarde, eles iriam ter de escrever. A leitura desse cordel e do anterior (de César Obeid), serviram para ampliar o repertório sociocultural dos/as estudantes, dando-lhes mais informatividade sobre o tema. Isso é importante porque mesmo que o sujeito domine as características de um gênero, é necessário que ele saiba sobre o que escrever, tendo condições de desenvolver o assunto, sem tangenciar ou fugir do tema proposto. Por isso, a leitura e a análise dos cordéis selecionados foram fundamentais.

No geral, como se tratava de um texto bem curto, a leitura pode ser dividida em dois momentos, conforme a lição de Cosson (2012, p. 71): a “leitura de reconhecimento, a ser feita silenciosamente pelos alunos, e a leitura oral ou expressiva, que pode ser feita pelo professor ou em forma de jogral pelos alunos”. Optei então, após o primeiro momento, em proceder com a leitura expressiva feita por mim mesmo porque além de já conhecer bem o texto, eu poderia realizá-la com fluidez, servindo de estímulo para leituras posteriores feitas pelos/as próprios/as alunos/as. Em nossa sequência, decidimos transformar essas duas etapas em três, colocando a “interpretação” em paralelo já que esta reflete o momento de construção dos sentidos, que precede todo o ato de leitura, segundo a lição de Cosson (2012).

Após a leitura, os/as alunos/as se sentiram tão interessados/as que propuseram reler novamente o folheto, agora alternando entre si a leitura de cada estrofe. Concluído esse momento, alguns questionamentos começaram a aparecer:

mais de um aluno chamou atenção para o porquê de, em todas as estrofes, o cordelista ter repetido sempre os dois últimos versos “O descarte inadequado/Do lixo da população”. Então solicitei que eles/as mesmos/as sugerissem hipóteses para essa indagação e as registrassem em seus cadernos. Lembro que as respostas foram as mais variadas possíveis: um disse que “o poeta repetiu os versos desnecessariamente”, outro acrescentou que “as repetições seria uma forma de ele alongar o poema com mais estrofes”, mas uma resposta em particular chamou mais a atenção. Uma aluna afirmou que “o autor, com as repetições, pretendia destacar (ou dar mais ênfase) ao problema do descarte inadequado do lixo a fim de superá-lo”. Complementei afirmando que a ideia poderia ter sido essa mesma, pois a repetição talvez seja a melhor figura de convencimento.

Esse momento de intervalo entre a leitura e a interpretação serviu para que eu percebesse quais eram as dificuldades reais dos/as alunos/as, ou melhor, esse intervalo funcionou, assim, como um diagnóstico da etapa da decifração no processo de leitura. Rildo Cosson (2012) afirma que o trabalho de interpretação

Requer uma condução organizada, mas sem imposições. Não cabe, por exemplo, supor que existe uma única interpretação ou que toda interpretação vale a pena. Também não é pertinente aceitar a simples existência de uma tradição autorizada resposta pela interpretação. Tampouco é adequado ceder a pretextos dúbios como o de que o professor deve guardar para si a interpretação para não interferir nas conclusões dos alunos ou de que a interpretação é individual e não pode ser feita em grupos ou pelo conjunto da turma. (p. 66).

Como se pode perceber, a interpretação de um texto literário é mais complexa do que se possa imaginar, e eu enquanto professor não queria impor a minha leitura do poema para não constriar ou limitar as possibilidades de compreensão das respostas dos/as outros/as alunos/as. Procurei então guiar o diálogo, em sala de aula, de modo que a interpretação chegasse o mais próximo possível em coerência com a leitura integral da obra. Foi aí que fiz um questionamento sobre qual seria o tema principal do poema popular de Miguel Nascimento. Aqui também as respostas são bastante distintas, mas que, de modo geral, podem ser resumidos nas seguintes opções: a) conscientizar as pessoas sobre o problema do lixo jogado na cidade em locais inapropriados; b) mostrar para as pessoas que o acúmulo de lixo poderia derrubar um avião; c) refletir sobre o lixo da cidade de Rio Largo e; d) revelar como fazer o descarte adequado do lixo.

Todas as respostas dadas parecem encontrar apoio no poema, mas observando mais detidamente e relendo outra vez os versos da obra de Miguel Nascimento, podemos perceber como a opção “a” se aproxima melhor da ideia central do texto. E talvez por isso mesmo, o cordelista muito acertadamente tenha insistido tanto na repetição dos versos finais de todas as estrofes, porque se a repetição é a melhor figura retórica de convencimento, então essa ideia fica “martelando” na mente do/a leitor/a, ou como diria a aluna “o autor, com as repetições, pretendia destacar (ou dar mais ênfase) ao problema do descarte inadequado do lixo a fim de superá-lo”.

Chegamos assim a uma interpretação possível (mas não única) do poema, mas que cumpre destacar não foi imposta de cima para baixo, ou seja, da voz do professor para os/as alunos/as, como se estes fossem um invólucro vazio. O que tivemos foi de fato uma comunidade de leitores/as formada em sala de aula que proporcionou, a partir da obra literária, uma melhor leitura do mundo. O folheto de Miguel Nascimento com o jogo de palavras provocou uma discussão interessante nas turmas e é isso que deve rondar o letramento literário na escola.

A lição que ficou tanto do bate-papo com o cordelista quanto da leitura de seu poema de cordel foi que o poeta ao escrever sempre parte de um dado real do mundo, ou seja, o cordel teve como referência uma notícia de jornal, mas que ganha forma literária, já que ele adquire a forma composicional própria do gênero.

Essa primeira oficina foi interessante porque também podemos conhecer mais sobre a história do cordel no Brasil, suas características e formas. Após isso, passamos a segunda etapa do módulo de escrita cujo objetivo refletiu sobre a estrutura do gênero. Mais precisamente, procuramos apresentar aos/as alunos/as que a construção das estrofes do cordel segue uma estrutura relativamente regular, seja no metro ou na rima.

Iniciamos a aula, então, retomando as estrofes produzidas pelo cordel de Miguel Nascimento, que contam cada uma de dez sílabas métricas, também chamada de décima. Ressaltamos, contudo, que as estrofes mais comuns são as de quatro versos (quadras) e as de seis versos (sextilhas), rimando sempre os versos pares, como se pode ver nas estrofes extraídas de cordéis de Jorge Calheiros utilizadas em sala de aula nas oficinas anteriores.

Quadro 7 – Fragmentos de cordéis de Jorge Calheiros

<p>Muié feia</p> <p>Me chamo Jorge Calheiros Poeta do Clima <u>Bom</u> Na casa quarenta e nove Encostada a mãe do <u>Jhon</u>.</p>	<p>O Matuto Zé Cará</p> <p>Agora vou começar Escrever sem <u>desatino</u> A história de um rapaz Que conheço de <u>menino</u> Até hoje acompanhei Sua sorte, seu <u>destino</u></p>
---	--

Fonte: Autor, 2016.

Com esses exemplos, os/as alunos puderam visualizar como se apresenta os versos mais comuns no gênero cordel, assim como aprenderam a importância da rima (palavras sublinhadas) para dar musicalidade ao texto. Outro dado importante que pode ser verificado, tanto nesses dois fragmentos das estrofes, quanto na estrofe inicial do poema de Miguel Nascimento é que o eu lírico dos cordéis sempre inicia a narração da mesma forma: primeiro se apresenta ao leitor, ora dizendo o próprio nome, ora convidando seu interlocutor para acompanhar a história e, em seguida, apresenta o assunto do cordel com o desenvolvimento da narrativa, conforme podemos comprovar com a primeira estrofe do poema de Miguel Nascimento.

Quadro 8 – Fragmento de cordel de Miguel Nascimento

<p>Descarte inadequado do lixo da população</p> <p>Meus amigos e amigas Vamos aqui poetizar. Sem querer titubear, Tão pouco causar intriga. Venha o bom e me siga, Vamos fazer uma intervenção Mostrar que tem solução Um caso complicado O descarte inadequado Do lixo da população.</p>
--

Fonte: Autor, 2016.

Após a estrofe inicial, geralmente o cordelista narra a história completa e conclui o cordel se despedindo do leitor. Foi essa a forma seguida por praticamente todos os cordéis lidos em sala de aula e, de certa forma, essa estrutura serviu de referência para os/as alunos/as na hora de produzirem seus próprios cordéis, conforme veremos mais adiante.

A terceira etapa da SD, *Produzindo com expressividade: atividade de produção coletiva*, optamos por ensaiar a escrita de um cordel coletivo em sala de aula com a colaboração de todos/as os/as alunos/as. Essa é uma orientação de Lopes-Rossi (2004), a qual salientou em sua pesquisa sobre a importância de o desenvolvimento da escrita ser feita coletivamente. Dessa forma, alunos em grupo poderiam ajudar um ao outro, sempre com o apoio do professor em sala de aula e ir exercitando paulatinamente a prática de escrita.

A dinâmica seguiu da seguinte maneira: o professor era o escriba e ia escrevendo na lousa os versos que os/as alunos sugeriam. Antes, porém, definimos o tema sobre o qual produziríamos o cordel. Deixei a critério da turma para escolher qual seria a história que poderíamos contar. Várias ideias foram surgindo, mas enfim, a maioria escolheu que deveríamos produzir um cordel sobre o tema: gravidez na adolescência. Julguei interessante a sugestão porque a demanda surgiu a partir de uma necessidade dos próprios alunos em falar de um tema tão sério e recorrente nos dias atuais. Lecionando já há cerca de quatro anos na Escola de Educação Básica D. Pedro I, constatei que é muito comum aparecer alguma aluna grávida durante o ano letivo, o que, muitas vezes, ocasiona no seu afastamento da escola para cuidar da gestação. Coincidentemente, nessa mesma turma, uma aluna de 14 anos engravidou e teve que desistir de estudar. O que é lamentável. Enfim, considerei bastante oportuno tratar sobre o tema.

O poema de cordel coletivo, então, tratou de uma garota que engravidou na adolescência, por isso, se evadiu da escola. Abaixo, transcrevo algumas estrofes do referido cordel que foram escritas em redondilha maior com estrofes de seis versos:

Oçam com muita atenção
A história que vamos narrar
É sobre Maria que não conheço
Mas dela já ouvi contar
Tem tristeza e muita dor
Que é difícil de imaginar.

A Maria era bem dedicada
 la pra escola com seus irmãos
 Quando os pais iam trabalhar
 Ela ficava com a obrigação
 De cuidar dos pequeninos
 Com total dedicação.

A menina foi crescendo
 Foi virando uma mocinha
 E como todas na sua idade
 Se sentia uma andorinha
 A espera de seu par perfeito
 Ela queria uma companhia.
 [...]

A narrativa segue com mais algumas estrofes que contam o desenrolar da história: Maria arranja um namorado fora da escola um pouco mais velho que ela, mas não sabia que o mesmo era envolvido com o tráfico de drogas. Eles se relacionam sem preservativo e Maria acaba engravidando. Como não quer compromisso, o rapaz acaba abandonando Maria à própria sorte. O último verso serve como uma alerta principalmente para os/as leitores/as:

Ela agora estava grávida
 Largada à própria sorte
 Desistir de estudar
 Para ela era a morte
 Por isso, tome cuidado
 Para não perder o norte.

Passemos à quarta etapa do módulo de escrita. Nessa etapa, *Produzindo com expressividade: as figuras de linguagem*, procuramos apresentar como o uso figurado das palavras pode ser importante na elaboração da linguagem. Aliás, em um trabalho recente, Dantas (2014) publica uma obra mostrando a importância das figuras na linguagem nos textos de cordel na medida em que evidencia a subjetividade do texto. Não apenas no gênero cordel, esses recursos expressivos permeiam o tempo todo as construções da linguagem falada e escrita, mas é na literatura que elas têm um lugar privilegiado, pois realçam a plurissignificação do texto literário. A título de exemplo, o autor utiliza umas estrofes do folheto intitulado “Polícia Militar do Ceará”, de autoria de José Caetano, as quais destacamos abaixo. Segundo Dantas, nesse folheto pode-se perceber o uso de algumas figuras de linguagem como a rima, a prosopopeia e a hipérbole.

Poema de todo tipo
 Já puderam publicar
 De diversas naturezas

Que nem posso imaginar
Mas nunca fizeram um
Da Polícia Militar.

A rima, enquanto figura de linguagem, aparece em todos os versos pares do cordel quando há a coincidência sonora de fonemas ao final das palavras (observe os vocábulos “publicar/imaginar/Militar”). A rima, como já afirmamos no módulo de leitura, é parte importante da estrutura da literatura de cordel, pois transmite sonoridade e musicalidade ao texto, além de facilitar a memorização no ato da declamação do texto.

Já na estrofe abaixo, ocorre a personificação ou prosopopeia, umas das principais figuras de linguagem. Vejamos:

Sempre teve boa ação
A polícia militar
Desde o soldado ao Major
Desempenha seu lugar
O Ceará tem razão
De lhe parabenizar.

Procuramos mostrar aos/as alunos/as que a prosopopéia ocorre quando o poeta personifica o Ceará, como se ele fosse o autor da ação representado nos dois últimos versos. Isso é um procedimento muito frequente em textos literários, principalmente, pois destaca a elaboração estética da linguagem.

Já na estrofe abaixo, podemos perceber o exagero do autor na expressão "de corpo e alma", como se o policial se entregasse completamente à sua pátria. Nesse caso, o poeta cordelista estaria utilizando uma hipérbole, como se pode observar abaixo:

Cada um sabe zelar
Pela farda e a Bandeira
Se entrega de corpo e alma
Sem uma ação traiçoeira
Enfrentando o inimigo
Pela pátria brasileira.

Nesse cordel, parafraseando Dantas (2014), o poeta constrói uma espécie de poema-propaganda elogiando os policiais militares do estado do Ceará e as figuras de linguagem funcionando como recurso argumentativo para ressaltar a mensagem publicitária.

Esse poema de cordel de José Caetano da Silva foi lido em sala de aula e, na oportunidade, fomos apontando a ocorrência das figuras de linguagem que iam

aparecendo para que os/as alunos pudessem perceber a funcionalidade expressiva que tais recursos provocavam na interpretação do texto como um todo por parte do leitor. Ao final da explicação, a título de conhecimento, expusemos, através de slide, as principais figuras de linguagem usadas no dia a dia na expectativa de que os/as estudantes as utilizassem em seus cordéis.

É interessante notar que, no processo de escrita, alguns/algumas se esforçaram para usar figuras de linguagem a fim de dar maior expressividade aos versos, conforme veremos abaixo no cordel de J. M. S intitulado “Lixo inadequado”, do qual destaco apenas algumas estrofes:

[...]
 Eu acredito que podemos
 Todos mudar essa história
 Se ajudássemos uns aos outros
 Viveríamos mais na glória.

Não teríamos cidade suja
 Com tamanha fedentina
 As ruas seriam mais limpas
 Pra brincar com minhas primas.

Não teríamos acidente aéreo
 Provocado por urubu
As naves seriam livres
Voando como os anus.

Além da rima, componente obrigatório no cordel, percebemos a presença de algumas figuras de linguagem nas palavras e expressões grifadas. Na segunda estrofe, ocorre a antítese (na oposição de palavras entre si); na última, o aluno-poeta usou uma símile ou comparação entre “as naves” e “os anus”.

A penúltima etapa do módulo de escrita, propusemo-nos conduzir os/as alunos/as a uma aula de campo, uma visita técnica ao “lixão” de Rio Largo. Com essa atividade, tínhamos a intenção de ampliar o universo de possibilidades de escrita dos/as estudantes, os quais estavam apreensivos, pois o tema do concurso literário “Resíduos sólidos e risco aviário” direcionava a escrita apenas para o perigo que o lixo trazia ao aproximar as aves para perto do aeroporto, o que limitava a imaginação dos/as alunos/as. Com a aula de campo, os/as alunos/as poderiam ver de perto que o problema do lixo é bem maior do que poderíamos imaginar, uma vez que modifica negativamente o espaço geográfico da cidade, além de trazer graves prejuízos para o meio ambiente e para a saúde das pessoas.

A viagem, porém, não saiu como esperado. Cerca de um mês antes havíamos solicitado um ônibus à Prefeitura e, a princípio, tudo estava acordado com a direção da escola e a Secretaria de Educação para que o transporte dos/as alunos/as fosse realizado no dia e horário combinado (20/11/16). Contudo, o ônibus não apareceu, sob a justificativa de que não tinha combustível, e então tivemos de levá-los em dois carros particulares, já que não tinha transporte coletivo para o local onde se localiza o “lixão”. Como não deu para levar todos os/as alunos/as, os que foram ficaram na incumbência de registrar o momento, através de fotos e vídeos, para apresentar aos/as demais colegas em sala de aula. A sequência de imagens a seguir, ilustra o ambiente do “lixão” de Rio Largo, situado na zona rural do município.

Figura 5 – O “Lixão” da cidade



Fonte: Autor, 2016.

Figura 6 – Entrada do “Lixão” da cidade. Ao fundo há várias casas feitas de lona onde as pessoas ficam a maior parte da semana



Fonte: Autor, 2016.

Figura 7 – Casal no meio dos detritos no “Lixão”



Fonte: Autor, 2016.

Fomos em dois carros, cada um com cinco pessoas, totalizando dez passageiros, sendo 2 adultos (o professor e o diretor adjunto) e oito estudantes. Chegando ao local, apenas eu e uma aluna tivemos coragem de descer do carro e caminhar por entre o lixo. Realmente a fedentina era demais, um mau cheiro quase

que insuportável, além de muitas moscas e urubus dividindo o mesmo espaço que os catadores do local (Figura 7).

Mesmo com essa dificuldade, tivemos a oportunidade de entrevistar o casal que aparece na imagem e o rapaz nos relatou que ali ficam aproximadamente dez famílias, que passam a semana inteira catando lixo reciclável para vender e no final de semana voltam para suas residências na cidade. O mesmo nos contou que ele e a esposa ficam de segunda a sexta no “lixão”, voltando para casa apenas no sábado para ver os dois filhos do casal. Eles nos relataram ainda que conseguiam apurar um pouco mais de 400 reais por mês. O lugar realmente é degradante, pois além do mau cheiro, o local não tem energia elétrica, nem água potável, ou seja, não há as mínimas condições de subsistência humana. Foi inevitável não lembrar, nesse momento, do poema de Manuel Bandeira “O bicho”, lido em sala de aula com os/as alunos/as.

A visita durou um pouco mais de uma hora e voltamos para a escola consternados com toda aquela situação. Em sala de aula, podemos transmitir a experiência vivida para a turma que se sensibilizou com a história daquele casal. A atividade dessa aula de campo foi basicamente o registro através de fotografia e a discussão em sala sobre aquele problema encontrado. A visita ao “lixão” foi importante porque fez os/as alunos compreenderem outras questões que eles (e eu também) ainda não tínhamos presenciado: como o acúmulo de lixo descartado de forma inadequada provocou todos aqueles problemas sociais de desigualdade, dano à saúde pública e destruição do meio ambiente.

Com essa atividade, acreditamos que os/as alunos/as teriam mais inspiração para produzir seus cordéis porque aquele momento serviu para que os sujeitos implicados na pesquisa pudessem ter uma noção melhor de como responderiam ao que estaria por vir: o concurso de cordel. E aqui nos reportamos mais uma vez a Bakhtin, pois nessa perspectiva, os/as alunos/as poderiam ser vistos como participantes de uma interação que os levaria a dar respostas ativamente responsivas, ou conforme diz o autor “toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma que ela se dê)” (BAKHTIN, 2011, p. 272).

Para finalizar o módulo de escrita, chegamos então à última etapa da SD, momento no qual os/as estudantes puderam produzir seus textos autorais com um propósito social bem definido. Essa fase exigiu bastante cuidado por parte de todos

os envolvidos (professor e alunos/as), uma vez que implicava o processo de escrita e reescrita para a participação no concurso de literatura de cordel cujo tema foi “Resíduos sólidos e risco aviário”, organizado pela INFRAERO/SEMARH em parceria com a SEMED de Rio Largo.

Antes de solicitarmos a escrita da primeira versão, paramos um momento em sala de aula para ler o regulamento do concurso. Projetamos o edital no projetor multimídia e lemos juntamente com os/as alunos/as, observando o prazo para a entrega do cordel (em forma de folheto), que seria dia 10/01/2017. O texto deveria ter no mínimo oito estrofes e no máximo 32. Após a explicação, entregamos uma folha oficial para que os/as alunos produzissem os seus textos.


De posse das produções, procedemos a uma leitura cuidadosa atentando para os elementos composicionais e estilísticos dos cordéis, além de verificar se eles atendiam ao tema solicitado. A devolução ocorreu dias depois com orientações para a reescrita com base em sugestões apontadas no bilhete orientador, estratégia indicada na metodologia deste trabalho.

A partir de agora, iremos analisar alguns cordéis, observando o seguinte movimento: destacaremos a versão inicial, mediada pelo bilhete orientador para, em seguida, apresentar a versão final. Com isso, poderemos perceber se o/a aluno/a atendeu ou não às sugestões apontadas pelo professor através do bilhete para a reescrita e revisão de seu texto.

Antes de partirmos para análise cumpre fazer uma ressalva: dos 35 estudantes, apenas dois não quiseram participar, produzindo seu texto, apesar de seus pais terem assinado o termo de participação na pesquisa. Os demais conseguiram produzir no mínimo três estrofes para seu cordel, contudo apenas sete alunos/as decidiram ampliar o poema de modo a atender ao edital do concurso de literatura, que previa o mínimo de oito estrofes por folheto. Por isso que por uma questão de delimitação, iremos selecionar para a análise deste trabalho apenas alguns poemas de cordel, escolhidos entre os sete inscritos no concurso. Essa escolha não seguiu a nenhum critério rigoroso de nossa parte, mas deveu-se apenas ao fato de que tais produções seguiram o percurso trilhado pelas oficinas de estudos com a escrita, reescrita e revisão, o que proporcionou mais dados para o *corpus* da pesquisa. Uma última observação a fazer é que, logo após a folha de resposta, contendo o texto escrito pelo/a aluno/a, optamos por inserir um quadro com a transcrição do mesmo poema para facilitar a leitura. Vamos à análise.

O primeiro deles é o da aluna N. S., comparando a primeira (Figura 8) e a última versão da escrita (Figura 10), mediados pelo bilhete orientador (Figura 9), conforme já destacamos.

Figura 8 – 1ª versão do gênero cordel da aluna N. S. para o concurso



PROFLETRAS
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
 PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Produção textual: gênero cordel

Data da atividade: 20/12/16
 Autor (a): N. S.
 Tema: resíduos sólidos e resíduos orgânicos
 Título: Consciência na reciclagem

Hoje venho aqui...
 Para um assunto tratar
 O lixo dessa cidade,
 Na lixeira dever estar.

Amarelo, verde, vermelho, azul
 Cada cor uma reciclagem
 do plástico ao metal...
 tudo em seu lugar com reciclagem

Para terminar aqui vou lembrar
 Consciência na reciclagem não é besteira
 Nada de lixo no chão!
 Lixo se põe na lixeira.

Fonte: Autor, 2016.

Quadro 9 – Transcrição da 1ª versão do gênero cordel da aluna N. S. para o concurso**Consciência na reciclagem**

Hoje venho aqui...
Para um assunto tratar
O lixo dessa cidade
Na lixeira deve estar

Amarelo, verde, vermelho, azul
Cada cor uma reciclagem
Do plástico ao metal...
Tudo em seu lugar em camuflagem.

Para terminar aqui vou lembrar
Consciência na reciclagem não é besteira
Nada de lixo no chão!
Lixo se põe na lixeira

Fonte: Autor, 2016.

Figura 9 – Bilhete orientador à aluna N. S.

Escola de Educação Básica D. Pedro I
Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS

Bilhete orientador

Data: 27/12/16
De: Prof. David Severo
Para: N. S.
Atividade: 1ª Versão do Cordel para o Concurso de Literatura
Tema: Resíduos sólidos e risco à saúde
Título do Cordel: Consciência na reciclagem

Querida N. S.,


O seu trabalho de conscientização, através do Cordel, está indo bem. Percebi que você organizou as estrofes, os versos e as rimas de maneira adequada. Parabéns por isso. Contudo, há algumas questões que posso apontar para melhorar ainda mais o seu texto. Vamos lá!

- 1º → Inicialmente, observe que, às vezes, você alterna versos curtos e longos na mesma estrofe; no Cordel é bom manter a regularidade. Que tal, então, dividir esses versos, formando sextilhas? Pode ser que fique bom também, mas não esqueça dos rimos...
- 2º → Você iniciou e concluiu bem o seu Cordel, dentro daquilo que estudamos. Mas ainda falta o desenvolvimento. Veja a 2ª estrofe: como você citou bem as cores da reciclagem: você construiu uma estrofe sobre cada cor, dizendo para que serve, que lixo deve ser colocado em cada lixeira.
- 3º → Você escreve muito bem, acentuando, pontuando e grafando corretamente as palavras. Correja apenas a palavra "Consciência".

Bom, que tal lermos o texto juntos para que eu possa orientá-la melhor?

Abraços do seu Professor,
David Severo

Figura 10 – Versão final do cordel da aluna N. S. para o concurso


PROFLETRAS
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
 PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Produção textual: gênero cordel

Data da atividade: 06/11/17
 Autor (a): N. S.
 Tema: resíduos sólidos e risco à vida
 Título: Consciência na reciclagem

Por meio deste Cordel
 Peço sua atenção
 Para um assunto tratar
 Com muita emoção
 Consciência na reciclagem
 Mostra sua educação.

Tratar do lixo é preciso
 Para as pessoas ajudar
 A ter educação ambiental
 E aprender a reciclar
 Para que não prejudique
 O meio a decorar.

Essa sua atitude
 Ajuda nossa natureza
 Cuida da fauna e da flora
 Essa é minha certeza
 Todos vão agradecer
 Essa sua gentileza.

Para ajudar você leitor
 A reciclar corretamente
 Vou ensinar a forma certa
 Para você guardar na mente
 E que não venha no futuro
 Pedir por alguma enchente.

O lixo reciclado precisa
 Ser colocado separado
 Não podemos deixá-lo a toa
 Ele tem que ser reciclado
 Em locais apropriados
 Para ser bem guardado.

A ^{forma padronizada} ~~padronizada~~ correta
 É que para o lixo amarrado
 É conhecido em todo mundo
 Para em locais isolados
 Distúrbios por cores
 Para ninguém se atrapalhar.

Amarelo, azul, vermelho, verde
Cada cor uma reciclagem
Plástico, papel e metal
E o vidro e a ferrugem
Todos devidamente separados
É só conferir a imagem

Vamos agora analisar
Cada uma dessas cores
Porém na reciclagem
Nem tudo são flores
O lixo jogado na natureza
Tem causado muitas dores.

O papel por exemplo
Pode ser bem reciclado
Colado no cesto azul
Para ser aproveitado
Em jornais, revistas e caixas
E não na natureza ser jogado.

Porém dizem os especialistas
Que se o papel não for tratado
Quando lançado na natureza
Para reciclagem não encaminhado
Ele demora até três meses
Para ser eliminado.

Já no cesto amarelo
Coloque os metais
Alumínio, arame e fios
Latas. Porém é muito mais
Porém para se degenerar
Eles demoram tempo demais

O plástico é do cesto vermelho
Esse é também perigoso
Demora uns quinhentos anos
Por isso é muito danoso
Cuidado com garrafas jogadas
Deste jeito é maléfico.

Já o último elemento
No cesto verde é reciclado
São os detritos de vidro
Precisam ser armazenados
Porque se jogado a toa
Demora ser eliminado.

A biodegradabilidade certa
É que demoram 4000 anos
Para se decompor
Nesse solo alagado
Isso é muito maléfico
Com a natureza, mano!

Espero ter deixado claro
Que reciclar é preciso
Esse tema é muito sério
Não é preciso gritar
Para despertar sua consciência
É por isso que lhe aviso.

Quadro 10 - Transcrição da versão final do gênero cordel da aluna N. S. para o concurso

Por meio deste cordel
Peço sua atenção
Para um assunto tratar
Com muita emoção
Consciência na reciclagem
Mostra sua educação.

Tratar do lixo é preciso
Para as pessoas ajudar
A ter educação ambiental
E aprender a reciclar
Pra que não prejudique
O avião a decolar.

Mas também essa atitude
Ajuda a nossa natureza
Cuida da fauna e da flora
Essa é minha certeza
Todo mundo vai agradecer
Essa sua gentileza.

Para ajudar você leitor
A reciclar corretamente
Vou lhe ensinar a coleta certa
Pra você guardar na mente
E que não venha no futuro
Reclamar de alguma enchente.

O lixo reciclado precisa
Ser colocado separado
Não podemos deixá-lo à toa
Ele tem que ser reciclado
Em locais apropriados
Pra que sejam bem guardados.

A forma padronizada
Para o lixo armazenar

É conhecida em todo mundo
Para em cestos colocar
Distribuídos por cores
Para ninguém se atrapalhar.

Amarelo, azul, vermelho, verde
Cada cor uma reciclagem
Plástico, papel e metal
E o vidro e a ferrugem
Todos devidamente separados
É só conferir a imagem

Vamos agora analisar
Cada uma dessas cores
Pois na reciclagem
Nem tudo são flores
O lixo jogado na natureza
Tem provocado muitas dores.

O papel por exemplo
Pode ser bem reciclado
Colocado no cesto azul
Para ser aproveitado
Em jornais, revistas e caixas
E não na natureza ser jogado

Pois dizem os especialistas
Que se o papel não for tratado
Quando lançado na natureza
Pra reciclagem não encaminhado
Ele demora até três meses
Para ser eliminado.

Já no cesto amarelo
Coloque os metais
Alumínio, arame e fios
Latas, pregos e muito mais

Já no cesto amarelo
 Coloque os metais
 Alumínio, arame e fios
 Latas, pregos e muito mais
 Porque para se degenerar
 Eles demoram tempo demais

Mas também é necessário
 Que o governo trabalhe
 Faça a coleta na cidade
 E não nos atrapalhe
 E acabe com o lixão
 Pra que o lixo não se espalhe.

O plástico é do cesto vermelho
 Esse é também perigoso
 Demora uns quinhentos anos
 Por isso é muito danoso
 Cuidado com garrafas jogadas
 Desse jeito é maldoso.

O que temos visto ultimamente
 Está perigoso demais
 Urubus rasgando os céus
 Trazendo riscos reais
 Para toda a aviação
 Para as pessoas e muito mais.

Já o último elemento
 No cesto verde é reciclado
 São os objetos de vidros
 Precisam ser armazenados
 Porque se jogado a toa
 Demora ser eliminado.

Para terminar o poema
 Peço que deixem de besteira
 De colocar o lixo no chão
 Lixo se põe na lixeira
 Consciência na reciclagem
 Acabemos com a brincadeira

A probabilidade certa
 É que demoram 4000 anos
 Para se decomporem
 Nesse solo alagoano
 Isso é muita maldade
 Com a natureza, mano!

Espero ter deixado claro
 Que reciclar é preciso
 Esse tema é muito sério
 Não é preciso riso
 Pra despertar sua consciência
 É por isso que lhe aviso

Vamos à análise desse texto, comparando as duas versões à luz daquilo que foi sugerido no bilhete orientador. É visível como a reescrita não só ampliou o poema (na primeira versão só consta com três estrofes), como também lhe deu mais qualidade. A aluna conseguiu ajustar a métrica em praticamente todas as estrofes, transformando as quadrinhas em sextilha, conforme fora solicitado. Mas o aspecto que mais merece destaque é a questão discursiva, que abrange o desenvolvimento da narração.

Na segunda estrofe da primeira versão, por exemplo, a escrevente apenas cita vagamente as cores indicadas da coleta seletiva do lixo orgânico, ficando o leitor carente de melhor conscientização, segundo sugere o título do seu cordel “Consciência na reciclagem”. Já na reescrita, o cordel flui de modo a descrever o que significa cada cor da reciclagem, que lixo deve ser coletado nos invólucros, além de apontar formas de preservação do meio ambiente. Isso a aluna N. S consegue fazer da 7^a a 15^a estrofes.


No que se refere ao aspecto formal da modalidade escrita da língua portuguesa, o cordel apresenta pouquíssimos problemas, o que levou o professor a apenas sugerir a revisão da palavra “conciência”, que aparece tanto no título quanto no interior do cordel na primeira versão. Com isso, entendemos que o aspecto formal não teve tanta relevância para a reescrita quanto teve a questão da discursividade para o desenvolvimento do conteúdo.

Ademais, a aluna S. N. conseguiu atender ao que pedia o regulamento do edital, na medida em que o estilo adotado por ela tentava antecipar as respostas que a banca julgadora do concurso de literatura esperaria dos/as autores/as.

O próximo poema que apresentaremos é também de uma aluna, J. F. S., e foi produzido, em sua versão inicial, sem título. Seguimos o mesmo roteiro do cordel anterior, colocando juntamente com a primeira versão, um bilhete orientador, com sugestões que os/as alunos/as poderiam acatar ou não. Após entregarmos o bilhete, costumávamos atender cada aluno/a individualmente em sala de aula para poder ajudar naquele ponto em que eles tinham mais dificuldade. Apesar de ser bastante cansativa, já que a turma tinha muito aluno/a, essa técnica foi proveitosa e gratificante.

Abaixo, analisaremos a primeira (Figura 11) e a segunda versões (Figura 13) do texto da referida aluna, bem como o encaminhamento do bilhete orientador (Figura 12).

Figura 11 – 1ª versão do cordel da aluna J. F. S. para o concurso



PROFLETRAS
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
 PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Produção textual: gênero cordel

Data da atividade: 20/12/17
 Autor (a): J. F. S.
 Tema: RESÍDUOS SÓLIDOS E RISCO AVIÁRIO
 Título: _____

<p style="text-align: center;">I</p> <p>O LIXO NOS AEROPORTOS ENCOMODA MUITA GENTE E O MAL CHEIRO DESAGRADÁVEL PRECISAMOS LIMPAR RAPIDAMENTE</p> <p style="text-align: center;">II</p> <p>NAS RUAS NOS CAMINHOS MUITO LIXO É ENCONTRADO O HOMEM ESTÁ DESTRUINDO A NATUREZA E NINGUÉM ESTÁ CONSCIENTIZANDO</p> <p style="text-align: center;">III</p> <p>O LIXO PODE NOS FAZER MAL CAUSA DOENÇAS SÉRIAS QUE NA MAIORIA DAS VEZES NOS LEVAM A MORTE</p> <p style="text-align: center;">IV</p> <p>O LIXO NOS AEROPORTOS SÓ ATRAEM URUBUS PARA PERTO DAS AERONAVES PRECISAMOS TER CONCIÊNCIA DISSO</p>	<p style="text-align: center;">V</p> <p>ALÉM DE ATRAIR AS AVES O LIXO TAMBÉM TRÁS MAL CHEIRO E MUITA POLUIÇÃO PARA O MEIO AMBIENTE. PRECISAMOS AGIR RAPIDAMENTE</p> <p style="text-align: center;">VI</p> <p>UMA AVE PODE CAUSAR UM ACIDENTE EM COLISÃO COM UM AVIÃO PRECISAMOS PREVENIR QUE O LIXO ENTRE NO AEROPORTO E FAÇA A MAIOR CONFUSÃO.</p>
--	--

Fonte: Autor, 2016 – Dados da Pesquisa.

Quadro 11 – Transcrição da 1ª versão do gênero cordel da aluna J. F. S. para o concurso

I
 O lixo nos aeroportos
 Encomoda muita gente
 E o mal cheiro desagradavel
 Precisamos limpar rapidamente

II
 Nas ruas nos caminhos
 Muito lixo é encontrado
 O homem está destruindo a
 natureza
 E ninguém está conscientizando

III
 O lixo pode nos fazer mal
 Causar doenças sérias
 Que na maioria das vezes
 Nos levam a morte

IV
 O lixo nos aeroportos

Só atraem urubus para
 Perto das aeronaves
 Precisamos ter consciencia disso

V
 Além de atrair as aves
 O lixo também trás mal
 Cheiro e muita poluição
 Para o meio ambiente
 Precisamos agir rapidamente

VI
 Uma ave pode causar
 Um acidente em colisão
 Com um avião precisamos
 Prevenir que o lixo
 Entre no aeroporto

Figura 12 – Bilhete orientador à aluna J. F. S.

Escola de Educação Básica D. Pedro I
Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS

Bilhete orientador

Data: 27/12/16
De: Prof. David Severo
Para: J. F. S.
Atividade: 3ª versão do Cordel para o Concurso de literatura
Tema: Resíduos sólidos e risco aviário
Título: sem título

Querida J. F. S.,

Gostaria de começar parabeneçando-a pela escrita do seu cordel. Como você sabe, devemos sempre reescrever para melhorar nosso texto, tendo em vista que ele será lido posteriormente, e no seu caso, o cordel irá participar do concurso de literatura.

Pensando nisso, vou dar algumas sugestões para que você reescreva o seu poema para deixá-lo ainda melhor. Vamos lá...

Em relação à métrica dos versos, as estrofes V e VI, precisam ser revistas, pois elas extrapolam a quantidade de versos das estrofes anteriores. Sugiro que mantenha em todo o cordel, os quadrinhos.

Quanto às rimas, sugiro que reveja as estrofes de II a VI, pois elas não rimam entre si. O ideal é fazer a rima com palavras diferentes, mas que tenham a mesma terminação, como você fez na primeira estrofe.


No que se refere à correção gramatical, atente principalmente para a acentuação das palavras (por exemplo: "desagradável", "está", "so"), além da ortografia ("atrai", "traz").

Por último, sugiro que você amplie um pouco mais a 3ª estrofe explicando para o leitor quais doenças podem ser causadas pelo lixo. E, ao final, releia seu cordel e dê um título bem interessante para ele. Uma última observação: você pode construir uma estrofe inicial convidando o seu leitor, conforme estudamos nas oficinas.

Abraços e boa escrita.

Professor David Severo

Figura 13 – Versão final do cordel da aluna J. F. S. para o concurso


PROFLETRAS
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
 PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Produção textual: gênero cordel

Data da atividade: 27/12/17
 Autor (a): J.F.S.
 Tema: RESÍDUOS SÓLIDOS E RISCO AVIÁRIO
 Título: O LIXO É UM PROBLEMA

<p>I</p> <p>PEÇO LICENÇA AOS LETORES SEI QUE POSSO NÃO AGRADAR MAS É PRECISO FALAR A VERDADE E A VERDADE ENCARAR.</p> <p>II</p> <p>O LIXO NOS AEROPORTOS INCOMODA MUITA GENTE E O CHEIRO INSUPORTÁVEL ESPALHA RAPIDAMENTE.</p> <p>III</p> <p>NAS RUAS E NOS CAMINHOS MUITO LIXO É ENCONTRADO O HOMEM ESTÁ DESTRUINDO A NATUREZA NESSE ESTADO.</p> <p>IV</p> <p>E NINGUÉM SE CONSCIENTIZA E O PROBLEMA SÓ AUMENTA DO JEITO QUE ESTÁ A CIDADE NÃO AGUENTA.</p>	<p>V</p> <p>O LIXO PODE FAZER MAL CAUSA DOENÇAS SÉRIAS QUE NA MAIORIA DAS VEZES NOS LEVA A MISÉRIA.</p> <p>VI</p> <p>DOENÇAS PODEM SER CAUSADAS PELO CONTATO COM O LIXO CÓLERA, HEPATITE E VERMINOSE PASSAM ATRAVÉS DE BICHOS.</p> <p>VII</p> <p>A DOENÇA DO RATO QUE SE PASSA PELA URINA SE ESPALHA PELO LIXO E SÓ CURA COM VACINA..</p> <p>VIII</p> <p>O MOSQUITO DA DENGUE PODE TAMBÉM APARECER TRAZENDO NOVAS DOENÇAS SE ELE NÃO DESAPARECER.</p>
--	---

IX

O LIXO NO AEROPORTO
SÓ ATRAI URUBU AO CÉU
PARA PERTO DAS AERONAVES
MUITO PERIGO ELE DEU.

X

UMA AVE PODE CAUSAR
UM ACIDENTE EM COLISÃO
SE CHOCAR COM A TORBINA
PODE TRAZER CONFUSÃO.

XI

ALÉM DE ATRAIR AS AVES
O LIXO PROVOCA TAMBÉM
MAU CHEIRO E POLUIÇÃO
PARA TODA A POPULAÇÃO.

XII

PRECISAMOS AGIR RAPIDAMENTE
PARA O PIOR EVITAR
PARA QUE NO FUTURO PRÓXIMO
O MAL NÃO VENHA ATACAR.

Quadro 12 – Transcrição da versão final do cordel da aluna J. F. S. para o concurso

I	Se espalha pelo lixo
Peço licença aos leitores	E só cura com vacina.
Sei que posso não agradar	VIII
Mas é preciso falar a verdade	O mosquito da dengue
E a verdade encarar.	Pode também aparecer
II	Trazendo novas doenças
O lixo nos aeroportos	Se ele não desaparecer.
Incomoda muita gente	XIX
E o cheiro insuportável	O lixo perto de aeroporto
Espalha rapidamente	Só atrai urubu ao céu
III	Para perto das aeronaves
Nas ruas nos caminhos	Muito perigo ele deu.
Muito lixo é encontrado	X
O homem está destruindo	Uma ave pode causar
A natureza nesse estado.	Um acidente em colisão
IV	Se chocar com a turbina
E ninguém se conscientiza	Pode fazer grande confusão
E o problema só aumenta	XI
Do jeito que está	Além de atrair as aves
A cidade não aguenta.	O lixo provoca também
V	Mau cheiro e poluição
O lixo pode nos fazer mal	Para toda a população.
Causa doenças sérias	XII
Que na maioria das vezes	Precisamos agir rapidamente
Nos leva a miséria.	Para o pior evitar
VI	Para que no futuro próximo
Doenças podem ser causadas	O mal não venha atacar.
Pelo contato com o lixo	
Cólera, hepatite e verminose	
Passam através de bichos.	
VII	
A doença do rato	
Que se passa pela urina	

O texto da aluna J. F. S, em sua primeira versão, a despeito de estar escrito em versos apresenta uma série de problemas, os quais foram apontados no bilhete do professor. Com relação ao aspecto formal, as estrofes apresentam métrica irregular, o que prejudica a cadência da unidade do poema, principalmente por causa da ausência da rima em algumas estrofes; há também alguns desvios gramaticais que foram apontados no bilhete para a aluna revisar a acentuação e grafia de algumas palavras.

Em relação ao aspecto discursivo, o cordel precisava atender para algumas características estudadas nas etapas da SD. Ele não segue o modelo adotado pela maioria dos cordelistas estudados, que é o de apresentar o assunto que será tratado no enredo do texto, iniciando com uma saudação ao leitor e encerrando com uma despedida. Por fim, foi sugerido à aluna, através do bilhete, que desenvolvesse a terceira estrofe, a fim de explicar para o leitor sobre quais doenças poderiam ser causadas pelo acúmulo inadequado do lixo, fato que ela menciona apenas vagamente: "O lixo pode nos fazer mal/ E causa doenças sérias". Mas que doenças são essas que podem levar as pessoas à morte? Além dessas questões, pedimos ainda que J. F. S. desse um título para o seu cordel que dialogasse com a temática narrada.

Atentando para as sugestões do bilhete, a aluna produziu seis estrofes a mais nas quais procurou atender todas as sugestões solicitadas, o que, a nosso ver, foi alcançado com êxito.

O último cordel que iremos analisar foi produzido por J. C., o vencedor do concurso de literatura. Seguiremos a mesma dinâmica realizada nos casos anteriores, apresentando a primeira (figura 14) e a segunda versões (figura 16) do texto, bem como o encaminhamento do bilhete orientador (figura 15). Mas antes, iremos refletir sobre a noção de estilo apresentada por Bakhtin, principal influência teórica dessa pesquisa.

Em seus estudos, o filósofo da linguagem trata da questão do estilo como um mecanismo que "pressupõe, por um lado, a unidade da língua em termos de sistema de formas normativas gerais e, por outro, a unidade da individualidade que se realiza nessa língua" (BAKHTIN, 2015, p. 31, grifo do autor). Com isso, entendemos que compreender a composição do cordel, implica também em pensar no estilo que o gênero adquiriu ao longo do tempo e, ao mesmo tempo, considerar o estilo que cada cordelista adota quando escreve o seu texto.

Corroborando com as ideias expostas no parágrafo anterior, Ladmires Carvalho, em um trabalho realizado no PROFLETRAS pela UFRN, discute o processo de autoria com o gênero discursivo cordel em turmas do nono ano do ensino fundamental. Vale a pena citar um excerto de sua dissertação, no qual o autor explicita muito bem aquelas duas categorias apontadas por Bakhtin. Segundo Carvalho

Faz parte do estilo composicional do cordel, relacionado à unidade da língua, por exemplo, a quantidade de versos que determinada estrofe deve ter, o jogo que é utilizado na condução das rimas, a cadência melódica do ritmo que é impresso ao texto (de acordo com o tamanho do verso escondido), entre outros aspectos.


Continua Carvalho discutindo a noção de unidade individualizada, que para ele

Pressupõe o modo como escreve o autor do cordel. Seu modo de dizer, os arranjos escolhidos para construir as rimas, sua capacidade de criação que leva em conta os conhecimentos de mundo e a sua historicidade é que formam o conjunto de saberes essenciais para demarcar o estilo autoral.

Com isso, é possível visualizar que há no processo de escrita uma gama de possibilidades estilísticas, pois, enquanto alguns escritores adotam um estilo mais sério ao tratar das temáticas, outros preferem um estilo mais carregado de humor.

Com base nessa argumentação, perceberemos, no cordel logo a seguir, como o aluno J. C. utiliza um tom extrovertido ao produzir o seu texto, proporcionando assim uma marca expressiva de sua subjetividade. Provavelmente a atmosfera alegre, bem humorada que marca o seu texto tenha convencido à banca examinadora a premiar o seu cordel no concurso. De fato, há no poema do aluno a tentativa de manter o diálogo com seu interlocutor, procurando convencê-lo a aceitar o seu cordel.

Figura 14 – 1ª versão do cordel de J. C. para o concurso

 **PROFLETRAS**
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
 PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Produção textual: gênero cordel

Data da atividade: 27/12/16
 Autor (a): J. C.
 Tema: Prejuízos sociais e auto-avaliação
 Título: _____

1
 V. esto aqui falar
 lizo no chão e sero
 como quem falar
 Vou a ajudar a impoer.

2
 Vou dizer
 lizo no chão quem
 impoer tou com voce
 e nem lizo com Vou vencer.

3.
 Vou fazer uma
 Vamos para lizo a policias
 Tudo Pode acontecer
 Pe n s .ate voce vai pro caixas

4
 Vou falar de novo
 lizo no chão mas
 cause muita
 Prejudicio o avias.

5
 Ne um lind dia
 um avias foi selecion
 Por causa do lizo
 um mulher talz Lar.

6
 nesse ano 2016
 dia 26 de abril
 teve incidente
 um avias q uos com.

Fonte: Autor, 2016- Dados da Pesquisa.

Quadro 13 – Transcrição da 1ª versão do gênero cordel do aluno J. C. para o concurso

1
Venho aqui falar
lixo no chão e serio
como quis falar
vamos a judar a Infraero

2
Vou dizer
lixo no chão quero
Infraero tou com você
e nesse concurso vou vencer.

3
Vou aqui rimar
Vamos para com a poluição
tudo pode acontecer
se não até você vai pro caixão

4
vou falar de novo.
Lixo no chão não
causa urubu
Prejudica o avião

5
Ne um dia lindo
Um avião foi sobrevoar
Por causa do lixo
Um urubu tava lar

6
Nesse ano de 2016
dia 26 de a bril
teve incidente
um avião q uase caiu

Figura 15 – Bilhete orientador ao aluno J. C.

Escola de Educação Básica D. Pedro I
Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS

BILHETE ORIENTADOR

Data: 27/12/16
De: prof. David Severo
Para: J.C.
Atividade: 1ª versão do cordel para o concurso de literatura
Tema: Resíduos sólidos e risco avião
Título:

Prezado J.C.,


Li o seu cordel e achei-o muito legal. Parabéns pelo seu cuidado na construção das estrofes, da métrica e das rimas. Para você melhorar ainda mais seu cordel, aqui vão algumas sugestões:

- 1) Na 6ª estrofe, você menciona um acontecimento envolvendo um urubutu e um avião. Por que você não explica melhor esse episódio, acrescentando mais algumas estrofes? Diga onde ocorreu, como ocorreu e por quê. O seu leitor precisa saber dessas informações.
- 2) Quando concluir o seu cordel, lembre-se de se despedir do seu leitor.
- 3) Tome cuidado com a ortografia, porque às vezes você esquece da letra "r" das palavras, por exemplo: "vou aqui rima" (r), "Vamos para(r) com a poluição".
- 4) Quando finalizar a revisão e reescrita, escolha um título bem legal para seu cordel.

Abraços...

Fonte: Autor, 2016- Dados da Pesquisa.

Figura 16 – Versão final do cordel de J. C. para o concurso

 **PROFLETRAS**
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
 PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Produção textual: gênero cordel

Data da atividade: 06/02/16
 Autor (a): J. C.
 Tema: Problemas relacionados a aviação
 Título: Lixo e Causa de Avião

1
 Venho aqui falar
 Lixo no dia e no
 Como quero dizer
 Vamos ajudar a infanso.

2
 Você que tá lendo o cordel
 Pode também contribuir
 Para amenizar o problema
 Que vou apresentar aqui.

3
 Vou dizer mais uma vez
 Lixo no dia e no
 Infanso tá com você.
 Nesse concurso vou vencer.

4
 Vou aqui dizer
 Para atrair mais a atenção
 Para acabar com a poluição
 Que prejudica a população.

5
 Vou falar de novo
 Lixo no dia e no
 Porque cause um problema
 E prejudica o avião.

6
 Em um lindo dia
 Um avião se voou
 Por causa de muito lixo
 Um acidente estava lá.

7
 Foi em abril de 2016
 Que o episódio surgiu
 Tinha um acidente aéreo
 E um avião que se caiu.

8
 Esse problema aconteceu
 Por causa do desconforto
 Que o lixo traz
 Para perto do aeroporto.

9

Nesses dias fui no lixas
Vi um casal de bichos
Mas quando olhei de mais perto
Eram pessoas no lixo.

10

Lá no lixas vi muitas
Tudo é muito ruim
Em São Paulo eu vi
Esse caso pode ter fim.

11

Essa foto contemplado
mostra uma dura realidade
Que acontece no dia a dia
E que ^{nos} cause felicidade.

12

Fui no lixas e me deparei
Com uma triste situação
Um homem muito pobre
Comendo lixo no chão.

13

Povo do nosso mundo
Escute o que vou contar
Porque o problema do lixo
Juntos podemos acabar.

14

Por causa da poluição
A Infração veio conversas
A poluição já demora
E mais ainda vão ajudar.

15

Por mais desse cordel
pretendo conscientizar
Do perigo de deixar o lixo
Perto de qualquer lugar.

16

E também tem o problema
De manter aquele "lixas"
Com pessoas morando ali
Em qualquer situação.

17

Não tem segurança alguma
muito menos saneamento
Não vi energia elétrica
Tudo é um grande lamentação.

18

Vi várias pessoas ali
Acampadas no convento
Por lá passam a semana
Pro ganhar o seu sustento.

19

Se tivessem outro trabalho
Se tivessem dignidade
Talvez saíssem dali
Daquela dura realidade.

20

Agora eu tô ficando
Te chegando o meu fim
Infelizmente agradeço
Obrigado por me ouvir.

Quadro 14 – Transcrição da versão final do gênero cordel do aluno J. C. para o concurso

<p>1 Venho aqui falar Lixo no chão é sério Como quero dizer Vamos ajudar a Infraero</p> <p>2 Você que ta lendo o cordel Pode também contribuir Para amenizar o problema Que vou apresentar aqui.</p> <p>3 Vou dizer mais uma vez Lixo no chão não quero ver Infraero tô com você Nesse concurso vou vencer</p> <p>4 Vou aqui rimar Para atrair meu leitor Para acabar com a poluição Que prejudica a população.</p> <p>5 Vou falar de novo Lixo no chão não Porque causa urubu E prejudica o avião.</p> <p>6 Em um lindo dia Um avião foi sobrevoar Por causa de muito lixo Um urubu estava lá.</p> <p>7 Foi em abril de 2016 Que o episódio surgiu Teve um incidente aéreo</p>	<p>E um avião quase caiu.</p> <p>8 Esse problema acontece Por causa do desconforto Que o lixo traz Para perto do aeroporto.</p> <p>9 Nesses dias fui no lixão Vi um casal de bicho Mas quando olhei direitinho Eram pessoas no lixo.</p> <p>10 Lá no lixão vi vários urubus Isso é muito ruim Em Rio Largo eu vi Esse caso pode ter fim.</p> <p>11 Esse fato contemplado Mostra uma dura realidade Que acontece no dia a dia E que não causa felicidade.</p> <p>12 Fui no lixão e me deparei Com uma triste situação Um homem muito pobre Comendo lixo do lixão.</p> <p>13 Povo do nosso mundo Escuta só que vou contar Porque o problema do lixo Juntos podemos acabar.</p> <p>14 Por causa da poluição A Infraero veio conversar</p>
---	--

A poluição tá grande demais

A nossa escola vai ajudar.

15

Por meio desse cordel

Pretendo conscientizar

Do perigo de jogar lixo

Perto de qualquer lugar.

16

E também tem o problema

De manter aquele “lixão”

Com pessoas morando ali

Em qualquer situação.

17

Lá não tem segurança alguma

Muito menos saneamento

Não vi energia elétrica

Isso é um grande lamento.

18

Vi várias famílias ali

Acampadas nos conventos

Pois lá passam a semana

Para ganhar o seu sustento

19

Se tivessem outro trabalho

Se tivessem dignidade

Talvez saíam dali

Daquela dura crueldade.

20

Agora eu tô saindo

Tá chegando o meu fim

Infraero te agradeço

Obrigado por ouvir.

O cordel de J. C. individualiza um estilo singular em relação aos demais colegas, porque o tempo todo ele procura estabelecer um diálogo com o leitor, despertando-lhe a curiosidade. O estudante escreve para um/a leitor/a que está pressuposto/a no seu dizer, um/a leitor/a que está posicionado/a, marcado na tessitura dos versos, qual seja, a banca examinadora do concurso, personificado/a pela INFRAERO, a qual acatará ou não a interpelação do eu lírico, que expressa claramente que venceria o concurso.

Chama-nos a atenção para a forma como o aluno construiu o seu cordel com marcas frequentes da oralidade. Os versos: “Você que ta lendo o cordel” / “Infraero to com você” / e “Ne um dia dia lindo”, mostram a consciência de escrita do gênero, que carrega historicamente as marcas da oralidade, além de revelar uma singularidade que está intimamente ligada ao estilo típico da literatura de cordel. Provavelmente essa postura tenha sido influenciada pelas leituras realizadas em sala de aula, principalmente da obra do cordelista Jorge Calheiros, que usa abundantemente uma linguagem regional em seus textos (em sala de aula, lemos dois folhetos de Calheiros cujos títulos “Muié feia” e o “O matuto Zé Cará”, já revelam essa característica). No mais, o aluno seguiu todas as orientações sugeridas no bilhete dado pelo professor, o que foi determinante para o aprimoramento formal do cordel e de seu desenvolvimento temático.

Retomando, brevemente, a discussão sobre o ensino de gênero na sala de aula, podemos afirmar que o seu aprendizado pressupõe um trabalho sistematizado, principalmente quando estamos falando de estudantes do ensino fundamental, que estão se inserindo, aos poucos, na prática de escrita. Desse modo, o/a aluno/a não aprende a escrever apenas lendo, pois a produção textual necessita de uma dinâmica de estudo que compreenda as várias etapas de sua elaboração, passando pela reescrita e revisão do próprio texto.

4.4 Módulo de divulgação – uma apresentação (po)ética à comunidade

O objeto desse projeto não foi “formar” poetas, no sentido estrito da palavra, e sim despertar o interesse pela leitura e escrita, utilizando o potencial didático do gênero cordel no processo de ensino e aprendizagem. Eu diria mesmo que a literatura popular deve ser usada como ferramenta auxiliar na educação (VIANA, 2010), principalmente quando os/as alunos/as são colocados diante de uma situação

real de uso concreto da linguagem. Nesse sentido, o processo de interlocução torna-se significativo quando os sujeitos precisam se posicionar a partir de um determinado gênero para agir diante de seus pretendidos leitores. A escrita, nessa perspectiva de processo, tem todo o sentido.

Desse modo, a produção textual dos/as alunos/as não pode ter apenas o professor como único destinatário, que lê o texto para aplicar-lhe uma nota e jogar o produto final no reduto da escola. Não é coerente trabalhar dias, semanas e até meses, escrevendo, reescrevendo e revisando o texto para depois engavetá-lo no final. Mas infelizmente essa é ainda uma prática comum no ensino fundamental, uma vez que a produção textual é pouco solicitada em sala de aula, principalmente porque trabalhar com escrita demanda tempo e paciência por parte do professor, coisa que nem sempre é possível com a carga horária exaustiva que muito têm. Além disso, trabalhar com a escrita demanda a compreensão de saber a sua finalidade, sobre o que escrever, para quem escrever e em que suporte o texto irá circular.

Foi pensando nessas questões, que na última etapa do trabalho, organizamos a culminância do projeto: um sarau literário para mostrar à comunidade escolar os poemas produzidos durante a execução da pesquisa. Organizamos, com os alunos, o ambiente para o sarau, realizado na própria dependência da escola. Como houve condições, a apresentação ocorreu com o auxílio de microfone e caixas de som para a declamação de alguns poemas, os quais foram montados em formato de folhetos, conforme vemos abaixo:

Figura 17 – Mostra dos folhetos dos/as alunos/as



Fonte: Autor, 2016.

Eis aí alguns folhetos que foram confeccionados pelos/as próprios/as alunos/as com o auxílio do professor. A produção impressa dos poemas de cada um tornou o processo de autoria mais evidente, na medida em que evidencia um sistema literário configurado na tríade autor-obra-público. Aliás, atualmente é exatamente assim que ocorre o processo de produção e circulação da literatura de cordel: o próprio poeta é quem edita, publica e vende os seus folhetos, dispensando o trabalho que antes era das editoras.

Em outras palavras: há sujeitos quem têm algo a dizer (autor), através de um gênero literário específico (obra) para divulgá-la aos leitores (público). Na sequência de imagens, abaixo, é possível constatar a interação entre o sujeito produtor e seu pretense público leitor/ouvinte na ocasião do sarau literário.

Figura 18 – O professor dando abertura ao sarau literário



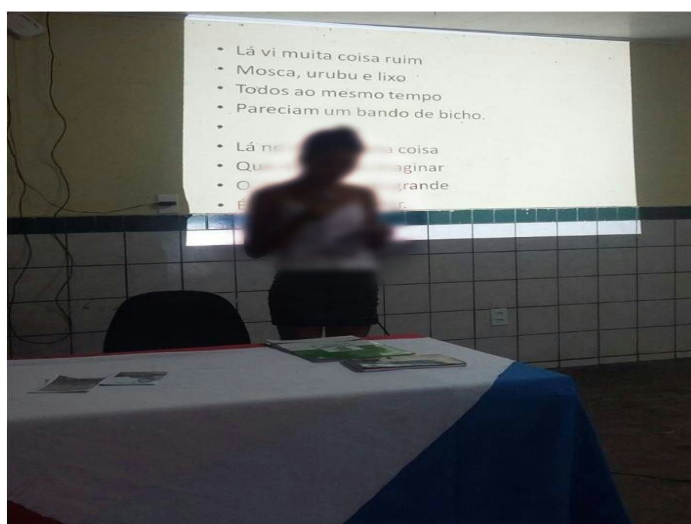
Fonte: Autor, 2016.

Figura 19 e 20 – Alunos lendo os cordéis de autoria própria



Fonte: Autor, 2016.

Figura 21 – Aluna lendo o cordel de autoria própria



Fonte: Autor, 2016.

Definindo em poucas palavras, esse momento, Lopes-Rossi (2011) afirma que ele representa alegria e satisfação, porque todos os envolvidos no projeto comungam de sentimentos que envolvem, sobretudo, emoção e orgulho.

Acreditamos que o momento de divulgação dos resultados foi importante porque os/as alunos/as se sentiram valorizados/as pelo trabalho feito com o cordel. No dia da apresentação, os/as estudantes puderam declamar os seus cordéis para um público que os ouvia atentamente.

A última ação que envolvia a culminância do projeto foi uma premiação concedida pela INFRAERO aos participantes do concurso literário, por isso uma

comissão da própria instituição foi formada para escolher os três melhores poemas a fim de que seus autores fossem contemplados com um sobrevoo de helicóptero pela entorno da cidade de Rio Largo.

Figura 22 – Sobrevoo dos alunos e da gestão da escola com a equipe da INFRAERO



Fonte: Autor, 2017.

Esse dia foi bastante emocionante porque os estudantes puderam ser recompensados pelo esforço realizado na produção de seus textos. Mais que isso: tiveram a oportunidade única de conhecer a cidade através de uma visão privilegiada, já que o sobrevoo constou com um passeio pelas regiões mais significativas de Rio Largo (o aeroporto, o centro da cidade, o rio Mundaú, as usinas), além de virem o “lixão” do município, local em que presenciaram pessoalmente em terra. No passeio por esse último local ficou realmente evidente para nós o perigo iminente que as aves (principalmente os urubus) trazem para aviação, uma vez que elas voam muito próximas ao espaço aéreo.

Por fim, cumpre enfatizar o que consideramos ser uma prática exitosa de leitura e escrita no ambiente escolar: é um processo de interlocução entre os sujeitos, ou seja, a linguagem em funcionamento, conforme nos ensinou Bakhtin (2006; 2015). Em outros termos, quando o/a estudante reconhece que portadores de textos estão relacionados a assuntos do seu cotidiano, seu interesse é estimulado, porque compreende que a língua escrita tem significado na sua realidade objetiva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação pretendeu descrever e analisar, em primeiro lugar, o resultado de uma pesquisa realizada efetivamente em sala de aula com a poesia popular. Desse modo, é preciso considerar duas situações importantes às quais contribuíram para minha formação enquanto professor e pesquisador: primeiramente, devo dizer que o PROFLETRAS possibilitou-me encontrar uma proposta de ensino através da literatura, feito que eu não teria conseguido desenvolver no mestrado acadêmico, uma vez que não há uma linha de pesquisa dessa natureza no PPGLL (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística) na Faculdade de Letras (FALE/UFAL). Além disso, com a liberdade que o PROFLETRAS concede aos pesquisadores, foi possível desenvolver um projeto de ação pedagógica em sala de aula com a valorização da cultura popular, apesar de seu ensino não constar no currículo da disciplina de língua portuguesa na educação básica. Com esse mestrado profissional, o professor consegue aliar teoria e a prática com a práxis docente, ou seja, a formação adquirida no curso de licenciatura encontra razão de ser na escola.

Em segundo lugar, procuramos apresentar, com este trabalho, que é possível implantar uma proposta de escrita de um determinado gênero discursivo em sala de aula, seguindo o procedimento metodológico apresentado. É evidente que cada professor precisa adaptar as etapas das oficinas dentro de sua realidade, dependendo da turma em que está lecionando e do gênero discursivo escolhido. Além disso, é preciso ter consciência também de que nem sempre os resultados esperados poderão ser alcançados plenamente. Por exemplo, na análise de nossos dados, tivemos a preocupação de deixar claro que nem todos os/as alunos/as conseguiram produzir os seus folhetos. Do total de 35 estudantes matriculados na turma em que realizamos a pesquisa, apenas dois não quiseram participar. Os demais aceitaram produzir seus textos e, de fato, eles escreveram a primeira versão do cordel, mas apenas sete estudantes decidiram dar prosseguimento ao processo de reescrita e revisão do texto para participar do concurso de literatura. Ou seja, cerca de 30 alunos/as produziram pelo menos três estrofes, o que é bastante satisfatório se considerarmos que se tratou de uma turma de sétimo ano, em que a maioria chega nessa etapa com muitos problemas de leitura e escrita.

É claro que a função da escola não é formar poetas, mas sim, escritores; principalmente quando se entende que escritor é todo aquele capaz de escrever um texto adequado a determinado fim. Nesse sentido, qualquer um pode ser escritor. Pode dominar qualquer gênero discursivo. E é justamente nessa acepção ampla da palavra, e não no sentido de quem escreve livros de poesia, que o professor de língua materna deve encarar o trabalho de produção de textos na escola.

Dentro dessa perspectiva, podemos afirmar categoricamente que o resultado alcançado com a produção do gênero cordel de autoria dos/as alunos/as foi satisfatório, pois eles/elas realmente conseguiram aprender a produzir seus próprios textos, conforme podemos acompanhar na análise dos dados. Isso foi possível graças ao procedimento metodológico proposto por Scheneuwly e Dolz sobre a “sequência didática” e a sistematização com os módulos de ensino (leitura, escrita e divulgação) de Lopes-Rossi (2011) que gradativamente ajudou a superar as dificuldades que surgiam no decorrer do trabalho, sobretudo com alguns alunos que tinham graves problemas de escrita.

Essa pesquisa reforça nossa hipótese de que o processo envolvido na aprendizagem da escrita de determinado gênero textual pressupõe um desenvolvimento que não ocorre de maneira espontânea, mas que requer um ensino sistematizado por parte do professor (DOLZ, 2010; BAWARSHI; REIFF, 2013). Por isso, compreendendo a escrita como um lugar de interlocução entre os sujeitos (BAKHTIN, 2006; 2015), baseamo-nos na metodologia de sequência didática para o tratamento com a produção de texto porque ela pressupõe a escrita como um processo de evolução em várias etapas, desde a escrita inicial, passando pelas atividades didáticas de rescrita e revisão, até culminar com a produção final. Nesse sentido, foi de suma importância a metodologia de orientação discente através do bilhete orientador (RUIZ, 2010).

Outra questão que reforçamos é que quando os alunos são colocados em uma situação de interlocução bem delimitada, compreendendo a função social de uso da escrita, o trabalho flui naturalmente como podemos ver com o resultado dos poemas de cordel. Um olhar atento aos cordéis produzidos pelos alunos-poetas foi possível perceber o canto de muitas vozes inconformadas com a situação degradante que o lixo provoca para o meio ambiente e para a vida das pessoas, principalmente daqueles que precisam do “lixão” para sobreviver.

Esperamos, então, que essa experiência com a poesia popular realizada em uma escola pública de ensino fundamental da cidade de Rio Largo, em Alagoas, possa estimular outros professores a desenvolverem projetos com a literatura em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papyrus, 1995. (Série Prática Pedagógica).

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

AVERBUCK, Lígia Marrone. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAWARSHI, Anis S.; REIFF, Mary Jo. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino**. Tradução Benedito Gomes Bezerra. São Paulo: Parábola, 2013.

BANDEIRA, Manuel. O bicho. In: _____. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BENTES, A. C. **Linguagem: práticas de leitura e escrita**. São Paulo: Global, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

CARVALHO, Ladmires, L. G. de. **O gênero discursivo cordel: o processo de autoria da escrita dos alunos do 9º ano do ensino fundamental**. 2017. 345 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras)– Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

CAVALCANTE, Simone. **Literatura em Alagoas: vestibular & ensino médio**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2010.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **Origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras de nosso país**. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordelfcrb&pagfis=50615>>. Acesso em: 6 jan. 2018.

CEREJA, W.; MAGALHÃES, T. C. **Português: linguagens**. São Paulo: Saraiva, 2010.

CITELLI, Beatriz. **Produção e leitura de textos no ensino fundamental: poema, narrativa, argumentação**. São Paulo: Cortez, 2001.

COSSON, Rildo; PAULINO, Graça. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, R.; ROSING, T. (Org.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

DANTAS, Janduhi. **As figuras de linguagem na linguagem de cordel**. São Paulo: Vozes, 2014.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernand. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, Joaquim et al. Ensinar a produção escrita.: _____(Orgs.) **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem**. São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

EVARISTO, Marcela. O cordel na sala de aula. In: BRANDÃO, Helena (Coord.). **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica**. São Paulo: Cortez, 2001.

FÁVERO, L. L.; KOCK, I. V. **Linguística Textual**. São Paulo: Cortez, 1983.

FERREIRA, Jeane F. F. **Leitura de poesia e cordel na escola: proposta pedagógica para experiência da literatura como humanização, memória e pertencimento**. 2015, 144 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras)– Universidade Estadual da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2015.

FILIPOUSKI, A. M. Para que ler literatura na escola? In: FILIPOUSKI, A. M. **Teorias e fazeres na escola em mudança**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

FONSÊCA, A. V. L.; FONSÊCA, K. S. B. Contribuições da literatura de cordel para o ensino da cartografia. **Revista Geografia**, v. 17, n. 2, Londrina, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GERALDI, João W. Sobre os objetos de ensino em língua materna. In: **A aula como acontecimento**. São Paulo: Pedro e João Editores, 1999.

GERALDI, João W. et al. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Ática, 2002.

HAURÉLIO, Marco. **Breve história da literatura de cordel**. São Paulo: Caridade, 2010.

IZÍDIO, Maria Aparecida da S. **O uso do folheto de cordel na formação do leitor: uma perspectiva de letramento literário.** 2015, 125 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras)– Universidade de Pernambuco, Garanhuns, Pernambuco, 2015.

KLEIMAN, Ângela (Org.). **Os significados do letramento.** Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LAJOLO, M. Texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola: alternativas do professor.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

LOPES-ROSSI, M. A. G. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In.: KARWOSKY, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros Textuais: reflexões e ensino.** São Paulo: Parábola, 2011.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular.** São Paulo: editora brasiliense, 1983.

MANGABEIRA, A. **A (Re) escrita do gênero dissertação por alunos de EJA.** Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura e Bacharelado em Letras). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2009.

MARCUSCHI, L. A. **A linguística do texto: o que é e como se faz?** Recife: UFPE, 1983.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

NASCIMENTO, Miguel. **Descarte inadequado do lixo da população.** Rio Largo: 2016 (folheto de cordel).

NASCIMENTO, C. Os Bilhetes Orientadores da Reescrita e a Aprendizagem do Gênero Relatório de Experiência. in: A.V. GONÇALVES e M. BAZARIM (org.), **Interação, Gêneros e Letramento: A (re) escrita em foco.** São Carlos-SP: Claraluz Editora, 2009.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: RÖSING, Tânia M. K.; ZILBERNAM, Regina (Org.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas.** São Paulo: Global, 2009.

PEREIRA, Emanoela Luisiana. **A literatura de cordel na escola.** 2015, 142 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras)– Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Paraná, 2015.

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula.** 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2002.

PINHEIRO, Helder. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Duas Cidades, 2001. (Série Literatura & Ensino).

PORTO, Márcia. **Mundo das ideias**: um diálogo entre os gêneros textuais. Curitiba: Aymará, 2009.

SARAIVA, A. J.; LOPES, O. **História da literatura portuguesa**. Porto: Lello & Irmãos, 1982.

SEVERO, David F. **Larga Poesia**: antologia de poetas de Rio Largo em seu centenário. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2015.

_____. Relato de práticas de escrita: a rede de poemas tecendo as aulas de Português. X Colóquio Internacional – “Educação e Contemporaneidade”, 9, 2016, Aracaju, SE. **Anais...** Aracaju. Disponível em: <<http://educonse.com.br/xcoloquio/>>. Acesso em: 1º dez. 2016.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 1998.

SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola**: reflexões, comentários e dicas de atividades. São Paulo: Autêntica, 2007.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

TONET, Ivo. **Método científico**: uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

TREVISAN, Zizi. **Poesia e ensino**: antologia comentada. 3. ed. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

VEZZONI, Carina R. **Ensino de literatura**: reflexões e possibilidades. 2009, 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)– Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

VIANA, Arievaldo. **Acorda cordel na sala de aula**: a literatura popular como ferramenta auxiliar na educação. Mossoró: Queima Bucha, 2006.

ZILBERMAN, Regina. A leitura na escola. In: _____ (Org.). **Leitura em crise na escola**: alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.) DESTA PESQUISA (PARA MENORES DE 18 ANOS DE IDADE)

Eu, _____, responsável legal pelo/a menor de 18 anos _____, educando/a do 7º ano da Escola Municipal de Educação Básica D. Pedro I, na cidade de Rio Largo – Alagoas; que foi convidado/a a participar como voluntário/a da pesquisa intitulada “LETRAMENTO LITERÁRIO: O CORDEL NA SALA DE AULA”, recebi da Sr. David Ferreira Severo, mestrando do Mestrado Profissional em Letras, da Faculdade de Letras – FALE, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que o estudo se destina a desenvolver o estudo da literatura de cordel reconhecendo-a como fonte de conhecimento, prazer e senso crítico.
 - Que a importância deste estudo é contribuir para a formação do/a leitor/a de textos literários de jovens do ensino fundamental das séries finais.
 - Que os resultados que se desejam alcançar com o/a menor são os seguintes:
 - vivenciar atividades de leituras de poemas de cordel;
 - melhorar o senso crítico e a análise de textos literários;
 - desenvolver a produção escrita de poemas de cordel com base do tema sobre o meio ambiente;
2017. Que o estudo começará em fevereiro de 2017 e terminará em novembro de 2017.
- Que o estudo será feito da seguinte maneira:
 - leitura de folhetos de cordel, principalmente de autores da região;
 - análise de textos literários como os do item anterior;
 - Atividade de criação literária;
 - participação em atividades extraescolares: como entrevista com cordelista e visita ao “lixão” da cidade;
 - produção de textos escritos em grupos e/ou individuais;
 - exposição, no espaço da escola, de textos literários para apreciação estética;
 - realização de um sarau poético em que estarão presentes poemas de cordel produzidos pelos/as educandos/as ou por escritor/as da literatura popular;
 - publicização de fotos dele/a, no trabalho do pesquisador David Ferreira Severo (sob orientação da Profa. Dra. Lígia dos Santos Ferreira), retratando o processo de elaboração desse estudo, bem como de meu material produzido.
 - Que o/a menor _____ participará de todas as etapas.
 - Que os incômodos que ele/a poderá sentir com a sua participação são os seguintes:
 - algumas pessoas poderão tecer comentários sobre os textos dele/a, bem como de suas produções de material visual, que ora possam ser expostos no espaço físico da escola;
 - ele/a pode se apresentar em fotos com a imagem sombreada.

- Que os possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são: inibição diante de um/a observador/a, constrangimento pelo fato de estar sendo observado.
- Que não precisará contar com nenhuma assistência médica ou psicológica.
- Que os benefícios que deverá esperar com a sua participação, mesmo que indiretamente, são:
 - contribuir para o desenvolvimento do letramento literário dos (as) alunos (as) do Ensino Fundamental das séries finais;
 - colaborar para o desenvolvimento de estratégias de ensino no processo da apreciação estética da leitura e da produção literárias em turmas do Ensino Fundamental das séries finais da rede municipal de Rio Largo.
- Que a sua participação será acompanhada através de observações, sugestões, orientações e avaliações contínuas realizadas pelo educador David Ferreira Severo.
- Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
- Que, a qualquer momento, ele/a poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar este consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.
- Que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos/as responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os/as profissionais estudiosos/as do assunto.
- Que ele/a será indenizado/a por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa ou no caso denexo causal comprovado.
- Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para ele/a, como participante da pesquisa.
- Que não sofrerá nenhum dano com a participação na pesquisa.
- Que receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente,

_____, eu,
 pelo/a _____ menor de _____ 18 _____, responsável legal
 _____, _____ anos
 _____, tendo

compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a participação dele/a no mencionado estudo e estando consciente dos seus direitos, das suas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a participação dele/a implicam, concordo com a participação do/a menor pelo/a qual sou responsável e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO/A OU OBRIGADO/A.

Endereço do/a participante-voluntário/a:

Contato de urgência: Sr./a.

Domicílio: (rua, praça, conjunto):

Bloco: _____ /Nº: _____ /Complemento:

Bairro: _____ /CEP: _____ /Cidade: _____ /Telefone:

Ponto de referência:

Endereço da responsável pela pesquisa:

Mestranda: David Ferreira Severo

Instituição: Universidade Federal de Alagoas – Profletras – Faculdade de Letras

Endereço profissional: Rua Curitiba, s/n

Bairro: Antônio Lins de Souza

CEP: 57100-000

Cidade:

Rio Largo

Telefone: (82) 98895-0888

E-mail: prof_severo@hotmail.com

Professora-orientadora: Lígia dos Santos Ferreira

Instituição: Universidade Federal de Alagoas – Faculdade de Letras, sala 11

Endereço profissional: Campos A.C. Simões, Av. Lourival Melo Mota, s/n

Bairro: Tabuleiro dos Martins

CEP: 57.072-900

Cidade: Maceió-AL

Telefone para contato: (82) 99922-1481 (Tim) E-mail:

professoraufal@gmail.com

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas

Prédio da Reitoria, 1º Andar, Campus A.C. Simões, Cidade Universitária.

Telefone: 82 3214-1041

Rio Largo, ____ de _____ de 2017.

<hr/> <p>Assinatura ou impressão datiloscópica do/a responsável legal e rubricar as demais folhas.</p>	<hr/> <p>David Ferreira Severo</p> <hr/> <p>Lígia dos Santos Ferreira Responsáveis pela pesquisa</p>
--	--

APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado/a como voluntário/a a participar da pesquisa intitulada “LETRAMENTO LITERÁRIO: O CORDEL NA SALA DE AULA”, realizado pelo mestrando David Ferreira Severo, orientado pela professora Dra. Lígia dos Santos Ferreira, da UFAL. Neste estudo pretendemos desenvolver atividades de leitura e escrita de literatura de cordel, proporcionando, a partir disso, uma aproximação entre você e a poesia popular, principalmente com o tema relacionado à educação ambiental.

A razão que nos conduz a realizar uma ação de pesquisa dessa natureza é a percepção de que a literatura de cordel tem um importante sentido na construção dos/as educandos/as e a escola pode contribuir nesse sentido.

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos:

- realizaremos leitura de folhetos de cordel de autores de nossa região;
- analisaremos os textos lidos;
- estudaremos detidamente sobre a origem, desenvolvimento, características e principais representantes da poesia popular;
- participaremos de eventos extraescolares: com bate-papo com autores e visita ao “lixão” da cidade;
- produziremos textos escritos de autoria dos próprios alunos (as);
- exporemos, no espaço da escola, textos literários para apreciação estética;
- realizaremos um sarau poético em que estarão presentes poemas produzidos pelos/as educandos/as ou por poetas da literatura de cordel;
- publicaremos fotos suas, sombreadas, no trabalho do pesquisador David Ferreira Severo e também seu material produzido.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido/a em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido/a pelo educador que desenvolve a pesquisa que tratará sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado/a em nenhuma publicação.

Este estudo apresenta apenas o risco de algumas pessoas poderem tecer comentários sobre seus textos, bem como de suas produções que ficarão expostas no espaço físico da escola; e também, você se apresentar em algumas fotos com a imagem sombreada. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa comprovados através de documentos legais.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em

duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, educando/a do 7º ano da Escola Municipal de Educação Básica D. Pedro I, localizada à Rua Curitiba, s/n, Antônio Lins de Souza, Rio Largo, Alagoas, portador/a do documento de Identidade _____, fui informado/a dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar informações, e o/a meu/minha responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do/a meu/minha responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Rio Largo, _____ de _____ de 2017.

Assinatura do/a menor

Assinatura do pesquisador

Assinatura da orientadora do Projeto

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
Prédio da Reitoria, 1º Andar, Campus A.C. Simões, Cidade Universitária.
Telefone: 82 3214-1041

Endereço do responsável pela pesquisa:

Mestrando: David Ferreira Severo
Instituição: Universidade Federal de Alagoas – Profletras – Faculdade de Letras
Endereço profissional: rua Curitiba, s/n,
Bairro: Antônio Lins de Souza CEP: 57100-000 Cidade: Rio Largo
Telefone: (82) 3352-1390 E-mail: prof_severo@hotmail.com

Professora-orientadora: Lígia dos Santos Ferreira
Instituição: Universidade Federal de Alagoas – Faculdade de Letras, sala 11
Endereço profissional: Campos A.C. Simões, Av. Lourival Melo Mota, s/n
Bairro: Tabuleiro dos Martins CEP: 57.072-900 Cidade: Maceió-AL
Telefone para contato: (82) 99922-1481 (Tim) E-mail: professoraufal@gmail.com

APÊNDICE C – SOLICITAÇÃO PARA AUTORIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA NA ESCOLA**SOLICITAÇÃO PARA AUTORIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA NA ESCOLA**

Rio Largo, _____ de _____ de _____.

Of. 01/2016

Ao Diretor da Escola Municipal de Educação Básica D. Pedro I
Sra. Sandra da SilvaDo: Mestrando David Ferreira Severo
Profa. Dra. Lígia dos Santos Ferreira (orientadora)**Prezado Educador:**

Vimos, por meio deste, solicitar a V. Sa. autorização para desenvolver atividades didáticas-pedagógicas integrantes do projeto de pesquisa de mestrado intitulado “LETRAMENTO LITERÁRIO: O CORDEL NA SALA DE AULA”, com duração de 12 meses, do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Faculdade de Letras (FALE), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). A nossa proposta é realizar atividades de intervenção pedagógica com o objetivo de aprimorar o letramento literário dos/as educandos/as e contribuir no processo de leitura e escrita do ensino fundamental das séries finais.

Agradecemos enormemente a disponibilidade e a atenção de V. Sa. e de toda a comunidade escolar ao receber esta pesquisa e possibilitar que os conhecimentos adquiridos na academia se integrem aos outros conhecimentos em diálogo permanente com os sujeitos sociais participantes.

Saudações acadêmicas,

David Ferreira Severo
Mestrando do PROFLETRAS-UFAL**Lígia dos Santos Ferreira**
Professora-orientadora PROFLETRAS-UFAL

APÊNDICE D – FORMULÁRIO DO PERFIL DOS/AS ESTUDANTES



PROFLETRAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS- FALE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS- PROFLETRAS

FORMULÁRIO PERFIL DOS/AS ESTUDANTES

Escola de Educação Básica D. Pedro I
Turma: 7º ano E
Turno: vespertino

1. Qual o seu nome completo?

2. Quantos anos você tem? _____ anos.

3. Qual cidade e estado em que você nasceu?

4. Diga o bairro em que você reside em Rio Largo?

5. Você já repetiu de ano alguma vez na escola?

() sim () não

6. Qual disciplina você repetiu e por que motivo? Explique.

7. Você gosta de ler poema?

() sim () não

8. Você conhece a literatura de cordel? Já leu um algum folheto? Gostou ou não? Explique.

9. E em relação à escrita, você costuma escrever algum texto? Há algum tipo de gênero textual que você gosta mais de produzir? Explique.

10. Em sua opinião, para que serve a poesia?

() orientar

() convencer

() informar

() expressar a subjetividade

ANEXOS

**ANEXO A – DECLARAÇÃO DE CUMPRIMENTO DAS NORMAS DA RESOLUÇÃO
Nº 466/12**

DECLARAÇÃO DE CUMPRIMENTO DAS NORMAS DA RESOLUÇÃO Nº 466/12



Eu, David Ferreira Severo do Proletras/UFAL, e Profa. Dra. Lígia dos Santos Ferreira, orientadora, somos pesquisadores (as) do projeto intitulado “**Letramento literário: o cordel na sala de aula**”, declaramos que nos comprometemos em seguir fielmente os dispositivos da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Rio Largo, ____ de _____ de 2017.

David Ferreira Severo
Mestrando – Proletras/UFAL

Profa. Dra. Lígia dos Santos Ferreira
Proletras/Fale – UFAL

ANEXO B – DECLARAÇÃO DE INEXISTÊNCIA DE PLÁGIO

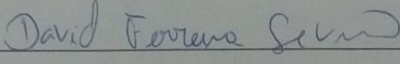
 UFAL	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS FACULDADE DE LETRAS MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS	 PROFLETRAS
---	---	---

DECLARAÇÃO DE INEXISTÊNCIA DE PLÁGIO
(Prática ilegal de apropriar-se da obra de terceiros sem autorização e sem a referência devida)

Título da Dissertação: LETRAMENTO LITERÁRIO: O CORDEL NA SALA DE AULA
Mestrando: DAVID FERREIRA SEVERO

Eu **David Ferreira Severo** declaro que, com exceção das citações diretas e indiretas claramente indicadas e referenciadas, esta dissertação foi escrita por mim, portanto, não contém plágio. Tenho consciência que a utilização de material de terceiros incluindo uso de paráfrase sem a devida indicação das fontes será considerada plágio, e estará sujeita a processos administrativos da Universidade Federal de Alagoas e sanções legais.

Rio Largo, 20 de fevereiro de 2017.



David Ferreira Severo